



**GOVERNO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM  
LETRAS**



**ANGELA MARIA DE JESUS SENA OLIVEIRA**

**DO CONTO MATO-GROSSENSE AO HIPERCONTO: UM CAMINHO PARA O  
LETRAMENTO LITERÁRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

**Sinop**

**2021**

**ANGELA MARIA DE JESUS SENA OLIVEIRA**

**DO CONTO MATO-GROSSENSE AO HIPERCONTO: UM CAMINHO PARA O  
LETRAMENTO LITERÁRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Profa. Dra. Marta Helena Cocco

**Sinop**

**2021**

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

O48d OLIVEIRA, Angela Maria de Jesus Sena.  
Do Conto Mato-Grossense ao Hiperconto: Um Caminho para o Letramento Literário em Tempos de Pandemia / Angela Maria de Jesus Sena Oliveira - Sinop, 2021.  
154 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

Orientador: Marta Helena Cocco

1. Letramento Literário. 2. Literatura Mato-Grossense. 3. Hiperconto. I. Angela Maria de Jesus Sena Oliveira. II. Do Conto Mato-Grossense ao Hiperconto: Um Caminho para o Letramento Literário em Tempos de Pandemia: .

CDU 82.0(817.2)

ANGELA MARIA DE JESUS SENA OLIVEIRA

**DO CONTO MATO-GROSSENSE AO HIPERCONTO: UM CAMINHO PARA O  
LETRAMENTO LITERÁRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras – Língua Portuguesa, julgado pela Banca composta dos membros.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Marta Helena Cocco  
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Tangará da Serra  
(Presidente)

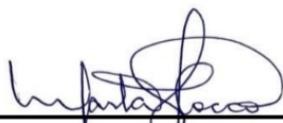
**TITULARES**

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso  
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Profa. Dra. Marli Teresinha Walker  
Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT / Cuiabá

Data da defesa: 15 de março de 2021 às 08h00.

Local da defesa: <https://meet.google.com/vep-uwnu-dxh>



---

**Profa. Dra. Marta Helena  
Cocco**  
Orientadora e Presidente  
da Banca  
UNEMAT/MT



---

**Profa. Dra. Adriana Lins  
Precioso**  
Avaliadora Interna  
UNEMAT/MT



---

**Profa. Dra. Marli  
Teresinha Walker**  
Avaliadora Externa  
IFMT/MT

À minha mãe e à minha avó que nunca mediram esforços  
para que eu pudesse estudar e sonhar.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e inspiração durante toda esta caminhada;

À minha mãe, sogra e cunhada que revezaram para cuidar dos meus dois filhos enquanto eu estava cumprindo os créditos do mestrado em Sinop. Minha eterna gratidão;

Ao meu marido Elessandro de Oliveira, pelo apoio e motivação, sem ele, talvez eu não teria feito nem a prova para ingresso ao Profletras;

Aos meus familiares, que me apoiaram e torceram por mim durante este trajeto;

À Giovana, minha sobrinha de coração, que abriu as portas de sua casa em Sinop durante todo o primeiro semestre de 2019;

Gratidão imensa pela colaboração da minha filha primogênita, com apenas 11 anos enfrentou este desafio comigo e mostrou ser responsável o suficiente para cuidar do irmão de três anos, para que eu pudesse me dedicar à escrita desta dissertação;

À minha amiga Angela Souza, por compreender que a rotina de estudos fez com que eu me distanciasse algumas vezes;

À minha orientadora Dra. Marta Helena Cocco, agradeço pela paciência, dedicação e gentileza em ensinar e construir este projeto. Suas contribuições foram valiosas, tornando este percurso mais leve e prazeroso.

Aos professores que ministraram as disciplinas durante o curso, desde a professora Dra. Neusa Inês Philippsen que nos deu a primeira aula até o professora Dra. Marta Helena Cocco finalizar a última aula. Obrigada pelos ensinamentos e pelo incentivo em contribuir para a mudança do ensino de língua portuguesa e de literatura nas escolas.

Aos meus colegas de turma que durante todo este percurso, mostraram ser pessoas incríveis e professores dedicados. Obrigada pela troca de experiências, pela empatia e pela cumplicidade. Um agradecimento especial a Juliana, que pelo fato de termos a mesma orientadora caminhamos juntas até o final;

Aos alunos que participaram da pesquisa e enfrentaram os desafios das aulas remotas, meus sinceros agradecimentos;

À equipe gestora da Escola Estadual Luiz Carlos Ceconello, sempre disposta a ajudar;

À CAPES pelo fomento à pesquisa.

## **Geração**

O tempo é pouco  
O interesse também  
Acostumados a correr, render  
Nascidos da geração em que o google sabe mais  
Sobre ele... do que seus irmãos  
Vindos ao mundo que o Facebook conta sua  
história  
Instagram suas memórias  
Tiktok suas risadas  
Aprendizes do Youtube  
Escritos pelo WhatsApp  
Ouidos pelo Spotify  
Informados pelo Twitter  
Acostumados a serem mais virtuais  
A viverem online  
Forçados a amar a distância que se faz perto.

**Maria Fernanda Ferreira**

## RESUMO

A escola não é a única, mas é a principal incentivadora da leitura literária na vida de um estudante, por esse motivo esse ambiente precisa proporcionar condições para que eles se transformem em sujeitos leitores sensíveis e críticos, capazes de interpretar o mundo ao seu redor. No entanto, a presença da literatura na escola se restringe quase por completo aos textos literários ou trechos desses que aparecem no livro didático. Dessa forma, a escolarização da literatura se mostra aquém no que diz respeito as estratégias e metodologias que proporcionam o gosto pela leitura e sentido ao texto literário. No que toca à literatura regional, o quadro é ainda mais desanimador. As produções literárias do estado de Mato Grosso quase não são trabalhadas em sala de aula, seja por falta de incentivo do governo em distribuir às bibliotecas obras de autores mato-grossenses, ou mesmo por falta de formação dos professores de língua portuguesa, deixando assim, uma lacuna na formação identitária dos estudantes. O próprio Documento de Referência Curricular do estado de Mato Grosso (DRC) defende o trabalho com textos literários produzidos no estado, de forma a evidenciar a cultura e a natureza presentes aqui. Diante disso, este trabalho dissertativo compõe as etapas de uma pesquisa-ação que objetivou contribuir com o letramento literário por meio do desenvolvimento de atividades que contemplem os textos da literatura regional. Para isso, trabalhamos com os contos do escritor Gabriel de Mattos da obra *A geringonça* (2002). No propósito de utilizar a tecnologia digital, foram produzidos hipercontos a partir dos textos escritos e das interpretações dos alunos sobre a obra. Para tanto, a pesquisa envolveu a turma do 8º ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Luiz Carlos Ceconello, localizada em Lucas do Rio Verde-MT. A proposta se encontra fundamentada nos aportes teóricos do letramento literário de Paulino e Cosson (2009) Cosson (2018), Souza e Cosson (2011), da leitura subjetiva e leitura analítica Rouxel (2012), Marcuschi e Xavier (2005), sobre hipertexto e gêneros digitais, Gotlib (2006), Cortázar (1974), Piglia (2004) sobre estudo do conto, Rojo e Moura (2012), sobre Multiletramentos na escola, Hayles (2009) sobre literatura digital, Leite (2009), Magalhães (2002) sobre a literatura regional, e documentos oficiais: Base Nacional Comum Curricular (2018), Documento de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso (2018). Como resultados, obtivemos a produção de um livro com as memórias dos alunos e de seus pais, mães ou responsáveis e também a construção de quatro hipercontos a partir das histórias escritas.

**Palavras-chave:** Letramento literário; Literatura mato-grossense; Hiperconto.

## ABSTRACT

School is not the only one, but it is the main incentive for literary reading in the life of a student, for this reason this environment needs to provide conditions for them to become sensitive and critical readers, to be able to understand the world around them. However, the presence of literature at the school is almost completely restricted to literary texts or excerpts from them that appear in the textbook. Therefore, the schooling of literature shows itself to be short in terms of strategies and methodologies that provide a view for reading and meaning to the literary text. As far as regional literature is concerned, the situation is even more discouraging. Literature productions in the state of Mato Grosso haven't been worked in the classrooms, either a lack of government incentive to distribute works by authors from Mato Grosso to libraries, or even due to the lack of training of Portuguese-speaking teachers, a gap in students' identity formation. The Mato Grosso State Curriculum Reference Document (DRC) defends the work with literary texts produced in the state, in order to emphasize the culture and nature that is presented here. Therefore, this dissertation work aims to promote literacy literary. through the development of activities that contemplate the texts of regional literature. In this, we worked with the stories of the writer Gabriel de Mattos from the work *A geringonça* (2002). In order to use digital technology to contribute to Literary Literature., hyper tale were produced from written texts and students' interpretations of the work. For this purpose, the research involved the 8th grade class of Elementary School II at the Luiz Carlos Ceconello State School, located in Lucas do Rio Verde-MT. The proposal is based on the theoretical contributions of literacy literary. Paulino and Cosson (2009), Cosson, (2018) Souza and Cosson (2011), of subjective reading and analytical reading Rouxel (2012), Marcuschi and Xavier (2005), about hypertext and digital genres, Gotlib (2006), Cortázar (1974), Piglia (2004) about study of the story, Rojo and Moura (2012), about Multiliteracies at school, Hayles (2009) about digital literature, Leite (2009), Magalhães (2002) about regional literature, and official documents: National Common Curricular Base (2018), Curricular Reference Document of the State of Mato Grosso (2018). As a result, we obtained the production of a book with the memories of students and their parents, mothers or guardians and also the construction of four hyper tale from the written stories.

**Keywords:** literacy literary.; Mato Grosso literature; Hyper tale.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- DRC/Campo Artístico-Literário. ....	25
Figura 2 - Frente da Escola Luiz Carlos Ceconello.....	53
Figura 3 - Gosto pela leitura.....	53
Figura 4 - Gosta de qual leitura .....	56
Figura 5 - Local de leitura.....	56
Figura 6 - Suporte de leitura.....	56
Figura 7 - Literatura mato-grossense.....	57
Figura 8 - Cultura mato-grossense .....	63
Figura 9 - Danças típicas.....	63
Figura 10 - Festividades religiosas .....	63
Figura 11 - Entrevista com Gabriel de Mattos .....	67
Figura 12 - Desenhos dos alunos.....	70
Figura 13 - Conversa com a mãe do aluno .....	75
Figura 14 - Conversa pelo WhatsApp .....	76
Figura 15 - Desenhos dos alunos.....	81
Figura 16 - Desenho da aluna.....	82
Figura 17 - Fundação Educacional Buriti.....	85
Figura 18 - Textos sobre memórias dos pais, mães ou responsáveis. ....	92
Figura 19 - Texto digitado pelo aluno. ....	93
Figura 20 - Textos sobre as lembranças marcantes dos alunos .....	95
Figura 21 - Momento da entrega dos livros.....	97
Figura 22 - Definições de hipercontos pelos alunos.....	100
Figura 23 - Definições escritas, fotografadas e enviadas por WhatsApp pelos alunos. ....	100
Figura 24 - Página do site.....	101
Figura 25 - Envio dos textos pelo WhatsApp.....	101
Figura 26 - Ideias dos alunos para a construção dos hipercontos.....	103
Figura 27 - Alunos enviando vídeos, músicas e imagens.....	103
Figura 28 - Menu para escolha dos hipercontos .....	104
Figura 29 - Hiperconto "Noeli e suas amigas" .....	105

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Percepção sobre literatura .....	58
Quadro 2 - Conhecimento sobre o gênero conto .....	61
Quadro 3 - As cinco palavras escolhidas pelos alunos .....	65
Quadro 4 - O que te faz ligado com as pessoas? .....	69
Quadro 5 - Reações escritas sobre a leitura do conto .....	72
Quadro 6 - História visível do conto “Ligados com o mundo” .....	76
Quadro 7 - História secreta do conto “Ligados com o mundo” .....	77
Quadro 8 - O que os alunos admiram nos pais, mães ou responsáveis .....	83
Quadro 9 - História visível do conto "Fuga do Burity" .....	87
Quadro 10 - História secreta do conto "Fuga do Burity" .....	88
Quadro 11 - Reações dos alunos perante a leitura .....	89

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO AMBIENTE ESCOLAR .....</b>	<b>16</b>
1.1 A importância da seleção dos textos.....	22
1.2 O que preconizam os documentos oficiais sobre o texto literário.....	24
1.3 A literatura em Mato Grosso .....	26
1.4 Algumas balizas teóricas sobre letramento literário.....	28
<b>2 A ESCOLHA DO GÊNERO CONTO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO.....</b>	<b>33</b>
2.1 Memórias, espelho da alma .....	39
2.2 Os contos da <i>Geringonça</i> .....	41
<b>3 O HIPERCONTO E OS MULTILETRAMENTOS .....</b>	<b>47</b>
3.1 Hiperconto: para seguir o caminho da literatura digital .....	50
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>52</b>
4.1 Local de aplicação do projeto.....	53
<b>5 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>55</b>
5.1 Pesquisa 1 – Conhecimento dos hábitos de leitura da turma.....	55
5.1.2 Pesquisa 2 – Conhecimento prévio dos alunos sobre o conceito de literatura .....	58
5.1.3 Pesquisa 3 – Conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero conto .....	60
5.2 Antes da leitura.....	62
5.3 Autor e Obra.....	66
5.4 Leitura e atividades de interpretação do conto “Ligados com o mundo”.....	68
5.5 Leitura e atividades de interpretação do conto “Fuga do Burity” .....	81
5.6 Atividades de criação escrita .....	91
5.7 Atividade de criação digital.....	98
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>109</b>

<b>REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS .....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>114</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>117</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Existe um consenso entre vários autores de que a literatura precisa urgentemente ser ensinada adequadamente em sala de aula. Parte dessa convicção surge dos pressupostos de Candido quando defende veementemente que a literatura humaniza as pessoas. E ser um cidadão humanizado significa que tem a capacidade de se colocar no lugar do outro, uma virtude que o texto literário pode proporcionar. Porém, para que essa humanização aconteça, a literatura não pode servir de pretexto para ensinar gramática ou mesmo ser trabalhada somente com base em instruções e métodos teóricos. Ela precisa principalmente dar sentido ao mundo para o leitor. Uma das maneiras de produzir sentidos no ensino da literatura e promover o letramento literário, é dar aos alunos a oportunidade de se tornarem sujeitos leitores capazes de se enxergarem no texto literário e de se expressarem sobre ele. Diante dessa premissa, trabalhar com textos de escritores da literatura mato-grossense ajuda o estudante a entender a sua vida a partir de temas que fazem parte do seu contexto social e cultural.

Para tanto, trabalhamos com os contos do livro *A geringonça* (2002), do escritor Gabriel de Mattos, obra selecionada no Programa Nacional de Bibliotecas de Escola do Ministério da Educação. Os contos nos revelam memórias de infância, situações políticas e tradições mato-grossenses. Como a tecnologia digital faz parte do cotidiano da maioria dos seres humanos, buscamos dar materialização ao texto literário por meio da produção de hipercontos. Diante do desafio de trabalhar com a literatura regional e com recursos digitais em meio a uma pandemia, nos deparamos com algumas indagações como: como os contos de Gabriel de Mattos e a tecnologia digital podem contribuir para o letramento literário dos alunos do Ensino Fundamental II? E Como despertar o interesse pelas obras da literatura produzida em Mato Grosso?

Para responder a tais questionamentos, organizamos e desenvolvemos atividades de produção de leitura e de produção textual escrita e digital que contribuíssem para o letramento literário. Primeiramente, dentro da metodologia da sequência básica de Cosson (2018) realizamos atividades de ativação do conhecimento prévio dos alunos, que também vão de encontro aos pressupostos de Solé (1998). Dessa forma, apresentamos aos estudantes elementos da cultura mato-grossense como as danças, músicas, comidas típicas e festividades tradicionais do estado, além da biografia de Gabriel de Mattos e o livro *A Geringonça* (2002). Para divulgar e valorizar os textos literários produzidos em Mato Grosso, mostramos também aos estudantes outros escritores e algumas das suas respectivas obras.

Realizamos a leitura e atividades de interpretação dos contos “Ligados com o mundo” e “Fuga do Burity”. Para isso, tivemos como base os postulados de Rouxel (2012) no que se refere à leitura analítica e leitura subjetiva e também os pressupostos de Piglia (2004) sobre história visível e a história secreta nos contos. Foram desenvolvidas duas atividades de criação, sendo uma escrita, em que os alunos relataram suas lembranças marcantes ou as memórias de infância de seus pais, mães ou responsáveis. E uma atividade digital, na qual os estudantes transformaram essas histórias escritas em hipercontos. Nessa perspectiva, ressaltamos que as atividades desenvolvidas unem teoria e prática, e assim organizamos este trabalho dissertativo em cinco capítulos.

Após a introdução, temos o primeiro capítulo – *A importância da literatura no ambiente escolar* – discorremos sobre a importância da literatura na escola no que se refere à formação leitora e humana dos alunos, valorizando a leitura subjetiva e a experiência de mundo. Enfatizamos ainda, sobre a visão de Candido (2011) a respeito da necessidade que o ser humano tem em viver a fabulação, a ficção que a literatura proporciona e, por este motivo, ela ser considerada um direito, algo que todos precisam para viver. Nos subcapítulos, comentamos sobre a importância de se escolher textos que tenham algum vínculo identitário para os alunos e que valorizem a diversidade de autores e obras na escola. Analisamos, ainda, o que mostram os documentos oficiais sobre a importância da literatura no ensino fundamental e o que trata o Documento de Referência Curricular do estado de Mato Grosso sobre ensino da literatura regional.

Dedicamos também o subcapítulo – *Literatura em Mato Grosso* – para discorrer sobre o ensino da literatura produzida no estado: as dificuldades dos professores, a falta de incentivo, o projeto de lei que defende o ensino nas escolas e a necessidade de valorizar a cultura regional. Sucessivamente, explanamos acerca do processo de letramento literário nas escolas, usando como referência os pressupostos de Cosson (2018), Cosson e Paulino (2009) e Cosson e Souza (2011).

Na sequência, temos o segundo capítulo – *A escolha do gênero conto para o letramento literário* – aqui, discorremos sobre as características do gênero trabalhado e nos subcapítulos abordamos a influência da memória na vida do ser humano e para escrita de narrativas literárias. Em seguida apresentamos uma sinopse dos contos da obra *A geringonça* (2002) e um pouco da biografia do escritor Gabriel de Mattos.

No terceiro capítulo – *O hiperconto e os multiletramentos* – abordamos a importância das novas tecnologias digitais na aprendizagem e letramento dos alunos. Apresentamos em seguida o conceito de literatura digital e de hiperconto.

Dando sequência, temos o quarto capítulo – *Procedimentos metodológicos* – apresentamos, neste capítulo, a orientação metodológica do projeto que é a pesquisa-ação pautada teoricamente em Thiollent (1986), assim como os pressupostos teóricos que servirão como fonte de inspiração: Rouxel (2012) para produção de leitura analítica e subjetiva, Cosson (2018), Cosson e Souza (2011), Cosson e Paulino (2009) para o letramento literário, Piglia (2004) para o estudo do conto e Rojo e Moura (2012) para a produção de hipercontos. Além do contexto do local da aplicação do projeto.

No último capítulo – *Análise dos resultados* – apresentamos os resultados da aplicação da proposta de intervenção. Nessa análise, primeiramente optamos em realizar uma pesquisa para entender os hábitos de leitura da turma, a percepção que os alunos têm sobre literatura e o conhecimento prévio deles sobre o gênero conto. Após a pesquisa, a análise da aplicação é feita em subcapítulos que foram separados em Antes da leitura, Autor e obra, leitura e atividade de interpretação do conto “Ligados com o mundo” e “Fuga do Burity” e atividades de criação escrita e digital.

Enfim, nas considerações finais desta dissertação, realizamos uma reflexão geral sobre a trajetória da pesquisa e dos resultados gerados a partir da aplicação do projeto.

## 1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO AMBIENTE ESCOLAR

Antes de começar a discorrer sobre a importância da literatura na escola, comecemos com a importância da literatura para a vida. Por meio de uma história inventada, com personagens fictícios é possível discutimos temas humanos relevantes de maneira lúdica e prazerosa. E quais seriam esses temas? Entre muitos, as paixões, a morte, o valor à vida, as emoções, as conquistas, as dificuldades de relacionamento e de entender o outro, a subjetividade, questões éticas etc. Toda vez que penetramos no mundo da ficcionalidade, deixamos de enxergar o mundo de maneira objetiva ou mesmo científica e passamos a entrar no “patamar da subjetividade (a visão de mundo pessoal e singular), da analogia, da intuição, do imaginário e da fantasia” (AZEVEDO, 2004, p. 3).

Infelizmente tais assuntos que levam em consideração a leitura subjetiva, muitas vezes não têm espaço no livro didático e são “evitados pelo discurso didático-informativo – e mesmo pela ciência – justamente por serem considerados subjetivos, ambíguos e imensuráveis”, (AZEVEDO, 2004, p.4). Para o autor, esses temas não podem deixar de ser abordados por causa do seu teor de importância e complexidade, pois o ser humano vive em constante aprendizagem e busca do autoconhecimento. Todo professor, experiente ou novo na educação, sabe que em nosso país temos a cultura do livro didático. Ele é o principal material que possuímos e que nos é fornecido, no entanto, observamos que o texto literário não é abordado como deveria e os alunos ficam sem a oportunidade de vivenciar experiências que somente a arte das palavras proporciona. É aí que a escola precisa intervir.

Um dos maiores desafios da escola na atualidade é fazer do aluno um ser crítico, reflexivo e capaz de desenvolver a empatia. Essas são competências que a escola, com ajuda da família, precisa priorizar para a formação leitora e humana dos estudantes. A leitura literária contribui para que o aluno adquira conhecimento de mundo e de si mesmo. “Mas para que a literatura possa *emancipar*<sup>1</sup> as crianças e jovens de hoje, é preciso um esforço do adulto – professor ou familiar – que estimule a formação de um sujeito-leitor e não apenas o force a ler” (CORRÊA, 2007, p. 53 grifos do autor).

A escola tem um papel muito importante no processo de formação do sujeito leitor, é por meio dela que a maioria dos alunos tem contato com o texto literário e com experiências subjetivas, interpretativas que este texto oferece. Para Rouxel (2012, p. 272) “O investimento

---

<sup>1</sup> O termo emancipado, o autor toma emprestado de Hans Robert Jauss, pensador alemão, o qual diz que a obra de arte em geral tem caráter emancipatório e o efeito da literatura é “emancipar a humanidade de suas amarras naturais, religiosas e sociais”. (JAUSS, 1994 apud CORRÊA, 2007, p. 52)

subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor quem completa o texto e lhe imprime sua forma singular de pensar e sentir”. Deste modo, faz-se necessário que o ambiente escolar seja propício a incentivar a experiência pessoal do aluno com a literatura, fazê-lo despertar sentimentos, sensações e julgamentos, tornando-o capaz de correlacionar o texto literário com sua realidade.

Práticas de produção de leitura literária necessitam ser desenvolvidas por professores, para que os alunos conheçam e se envolvam com o texto literário, permitindo a imersão no universo da imaginação, da fabulação, algo primordial no cotidiano de todo ser humano. O que seria de nós sem a ilusão proporcionada pela arte literária de alguns filmes, romances, músicas e telenovelas ou mesmo a esperança de alcançar uma vida melhor por meio de sorteios e prêmios? O ser humano necessita dessas emoções para viver e ter o mínimo de equilíbrio. A literatura está presente em todas essas “criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade” (CÂNDIDO, 2011, p. 176). O autor ainda reitera que toda essa criação poética está em todos nós, que não há ninguém que viva sem ela. Candido (2011) conclui, então, que a literatura parece corresponder a uma necessidade universal. Diante disso, o autor prossegue nos mostrando a literatura como fonte de formação da personalidade:

Isso significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. (CÂNDIDO, 2011, p. 178)

A literatura é uma experiência que pode mudar a vida do ser humano e de uma sociedade. Para Cândido (2011), a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, por isso ela está presente nos currículos como componente afetivo e intelectual. Assim, fica evidente a importância da escola em apresentar o texto literário ao aluno e torná-lo um leitor fruidor capaz de desvendar os sentidos do texto e conhecer as dimensões humanizadora, transformadora e mobilizadora da literatura. A BNCC confirma isso quando orienta que:

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2018, p. 138)

A literatura é considerada por Cândido (2011) um direito e um fator indispensável de humanização. O autor compara o direito à literatura com o direito à alimentação, à moradia, à

saúde, bens incompressíveis que asseguram a sobrevivência física do ser humano. Se a literatura é enfatizada como direito indispensável para a vida, a escola não pode se tornar omissa no processo de formação do leitor literário, ao contrário, ela precisa se tornar a maior incentivadora e defensora deste direito tão sublime e transformador.

Seguindo com poder transformador da literatura, Calvino (2007, p. 10) nos esclarece ainda que a leitura de clássicos literários na juventude pode ser formativa no sentido de conseguir internalizar conceitos importantes que ajudarão os jovens a se tornarem adultos mais éticos, responsáveis, sensíveis e que saibam lidar com frustrações. O autor enfatiza que a leitura nessa fase da vida pode ser pouco produtiva por causa da impaciência, falta de atenção ou mesmo a inexperiência de vida, mas ao mesmo tempo ela se torna vantajosa quando atribui “uma forma às experiências futuras, favorecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza”. Há uma força particular na obra lida na juventude, que continua a significar mesmo lembrando pouco ou nada da leitura, isso acontece porque ela deixa sua marca no inconsciente.

Diante da força formativa da leitura dos clássicos, Calvino (2007, p. 13) reitera que “clássicos não são lidos por dever ou por respeito mas por amor” e prossegue a elucidar que na escola é diferente, pois é ela que deve possibilitar ao aluno o conhecimento de um certo número de clássicos, dentre os quais ele poderá futuramente escolher o seu favorito ou que mais se identifica. Para o autor “a escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola”. Aqui, talvez nos deparamos com um problema que Compagnon (2009, p. 21) adverte, a escassez do espaço da literatura na sociedade, e na escola não é diferente. O autor esclarece que em vários lugares a literatura é quase esquecida pelas pessoas, na imprensa “as páginas literárias se estiolam”, no lazer “a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros” e na escola a literatura é corroída ou devorada pelos “textos didáticos”. Por isso, a escola tem a função de despertar no aluno a consciência de que a literatura é indispensável e útil para a vida. Nesse sentido, Compagnon (2009, p. 20) busca uma reflexão sobre o poder da literatura a partir dos seguintes questionamentos: “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola? Uma reflexão franca sobre os usos e poder da literatura parece-me urgente”.

De modo a tentar responder a essas questões, Compagnon (2009, p. 26) elucidada que a literatura aparenta duvidar de seus fundamentos frente a outros discursos como o científico, o audiovisual e o digital. De acordo com o autor, parece que a ciência desqualificou a literatura desde quando a humanidade começou a ambicionar o conhecimento e a trocar o artista pelo

sábio. “Essa tendência de longa duração teria sido esboçada desde a época clássica, as belas letras perdendo terreno passo a passo no discurso e se restringindo pouco a pouco à ficção difícil”. A disputa entre a cultura literária e a cultura científica, que negava o conceito de inspiração, fez com que as vanguardas literárias e teóricas do fim do século XX aderissem ao formalismo da ciência numa tentativa de escapar das críticas. Segundo Compagnon (2009, p. 28) a partir dessa atitude dos literatos, houve uma troca de função e por várias vezes os cientistas se comportavam “como os maiores defensores da tradição humanista”. Consequência disso, de acordo com o autor, é que hoje vivemos um desequilíbrio na escola, afetando não somente a cultura clássica e as línguas antigas, mas também a cultura moderna e a língua francesa (para nós a língua portuguesa). Diante de tal cenário, Compagnon (2009, p. 26) enfatiza que é necessário defender o conhecimento literário, porque a literatura “responde a um conhecimento do homem e do mundo” e ele define que “um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensinam mais sobre a vida do que longos tratados científicos”.

Para Compagnon (2009, p. 31) existem algumas explicações acerca do poder da literatura no que se refere à formação moral e ética das pessoas. A primeira delas diz respeito à influência da mimesis, ou seja, a imitação da realidade por meio da ficção, o ser humano tem tendência à imitação e é a partir dela que ele aprende e adquire seus primeiros conhecimentos. É pela representação de quase todos os fatos, aventuras e acontecimentos que a literatura consegue transmitir bons costumes, “o conto, a quimera, a ficção educa moralmente” ao mesmo tempo que divertem e encantam. Um bom exemplo é a literatura infantojuvenil, uma leitura prazerosa ensina mais sobre valores humanos às crianças e jovens do que sermões ou castigos, a experiência e os exemplos trazidos pelo texto literário são melhores do que regras. Aqui podemos retomar os pressupostos de Calvino (1974) quando enfatiza que a literatura tem uma função formativa, uma construção de modelos e valores que ficarão internalizados e que em algum momento da vida ressurgirão.

De acordo com Compagnon (2009, p. 34) a segunda definição do poder da literatura surge no século das luzes (século XVIII) e não está mais no fato dela instruir deleitando, mas no fato dela ter se tornado um remédio. Agora, ela tem o objetivo de libertar o indivíduo da servidão às autoridades e extinguir o obscurantismo religioso. “A literatura, instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo”. Ela passa a ser oposição ao poder e faz a humanidade escapar da alienação e opressão política e religiosa. O terceiro poder, segundo o autor, estaria ligado à correção da linguagem que a literatura é capaz de proporcionar, por meio da linguagem poética

é possível revelar o que está em nós, na nossa consciência, no nosso íntimo, e que antes não conseguíamos expressar por falta de palavras. Para Jouve (2012, p. 21) os objetos da arte exploram virtualidades do sistema que usamos para entender o mundo, no caso a obra literária “atualiza certas possibilidades inéditas do sistema linguístico em que se inscreve”. A literatura liberta das limitações da língua e somente ela “trapaceando com a língua, trapaceando a língua, salvava a língua do poder e da servidão” (COMPAGNON, 2009, p. 40). O autor continua a elucidar que:

O poeta dispõe do poder não mais arcaico, mas moderno - como atesta a evocação da fotografia -, de desvelar uma verdade que não seja transcendente mas latente, potencialmente presente, escondida fora da consciência, imanente, singular e, até aí, inexpressível. Brincando com a língua, a poesia ultrapassa suas submissões, visita suas margens, atualiza suas nuances e enriquece-a violentando-a. (COMPAGNON, 2009, p.38)

Por último, Compagnon (2009, p. 41) recusa o “poder da literatura além do exercício sobre ela mesma”. Agora a literatura seria uma forma do “impoder” ou “fora do poder”, ela precisava ser neutra, sem aplicação social ou moral, sem compromissos pedagógicos, ideológicos ou linguísticos. Jouve (2012) também postula sobre a finalidade sem fim da obra de arte, para ele, em todas as culturas existe a necessidade de se criar objetos sem uma função determinada. O autor ainda reitera que podemos dar uma utilidade para a arte, “mas é óbvio que assim ela é desviada de sua vocação primeira” e que a gratuidade da literatura se impõe como um critério de identidade literária. Porém, essa recusa de qualquer outro poder da literatura a não ser divertir, causou a sensação de que a leitura serviria somente para o prazer lúdico, algo que se difundiu nas escolas no fim do século XX. Compagnon (2009, p. 45) continua a explicar que agora devemos elogiar a literatura e protegê-la da desvalorização na escola e no mundo e que nesse momento pós-moderno outras formas de arte disputam com a literatura o poder de dar forma à experiência humana e de quebrar os limites da linguagem. “O cinema e diferentes mídias, ultimamente consideradas menos dignas, têm uma capacidade comparável de fazer viver”.

No entanto, o autor reitera que isso não significa que os poderes antigos da literatura não precisam ser mantidos ou ainda que não precisamos dela para nos tornarmos quem somos. Ao contrário, Compagnon (2009) enfatiza que a literatura é fonte de inspiração e ajuda no desenvolvimento da personalidade, conhecimento moral e acesso à experiência sensível. O autor prossegue enfatizando que:

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de

que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (COMPAGNON, 2009, p. 47)

Em termos práticos, a literatura auxilia na boa vida, o ser humano culto é capaz de aproveitá-la melhor ou melhor suportá-la, isso porque quem lê mais, sabe mais sobre o mundo e da complexidade humana. O texto literário fala de mim e do outro, provoca compaixão e quando lemos nos identificamos com o próximo, e tudo o que acontece com ele nos afeta, a felicidade, o desespero, os sofrimentos são naquele momento também nossos. Somente com a leitura constante e intensa podemos criar “uma personalidade independente capaz de ir em direção ao outro” (COMPAGNON, 2009, p. 49).

A falta de leitura que estimule a elevação moral e espiritual, pode contribuir no surgimento de atitudes egoístas, antiéticas, animalescas no meio social. Podemos observar que cresce a cada dia a falta de empatia, a supervalorização do ter e o apagamento do ser, a necessidade de autoafirmação nas redes sociais, os extremismos, a negação da ciência, a incapacidade do diálogo e o respeito às opiniões divergentes. O que presenciamos é uma sociedade caminhando para o desequilíbrio, no limite da sensibilidade e da inspiração e quase sem estímulo à leitura. Diante desse cenário, a reflexão sobre o poder da literatura se faz urgente e fundamental, por ela ser uma grande aliada na mudança de visão de mundo. Devemos então refletir sobre a questão de Compagnon (2009) e reforçada por Jouve (2012): para que serve a literatura? A BNCC traz uma luz a esta questão:

Por fim, destaque-se a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (BRASIL, 2017, p. 139)

Jouve (2012) também reitera a importância do ensino da literatura, que para ele está ligada ao sentimento do belo e ao prazer estético que a arte literária promove no leitor. Para o autor há uma contradição entre a relação estética e a intenção de ensino. A primeira está associada ao quadro individual, ao prazer pessoal, já a segunda está empenhada em fazer surgir saberes e ser útil para a coletividade. No entanto, para que a literatura consiga transmitir saberes, percepções de mundo e modelos de comportamento, é preciso que ela propicie uma imersão mimética no mundo da ficção como postula também Compagnon (2009) e Calvino (2007). Jouve (2012, p. 136) aprofunda um pouco mais e enfatiza que a interiorização por imersão apresenta ao mesmo tempo uma vantagem e um inconveniente. A vantagem seria que “a informação transmitida pela literatura tem uma força de impacto que o discurso racional não

pode ter: ela é “sentida” antes de ser entendida, portanto sem ser compreendida”. O inconveniente é que ela é apreendida de modo inconsciente e “gravada passivamente”. O autor prossegue esclarecendo que os estudos literários têm como função conceituar aquilo que na relação estética está interiorizado por imersão e que esses estudos “só podem ter legitimidade se resultarem em algo útil para a sociedade” (JOUVE, 2012, p. 139). O leitor percebe então, as informações presentes nos textos literários que se transformam em saberes e o professor transforma esses saberes em conhecimento. Aqui, provavelmente, seja o cerne da questão, o conhecimento que a obra literária proporciona, que está vinculado ao enriquecimento de nossa compreensão, de quem somos e a realidade que estamos vivendo.

Continuamos ainda com esta interpelação tão atual, inquietante e importante a esta pesquisa: Literatura para quê? Talvez possamos responder com base no já discutido e no hoje vivenciado. No momento em que uma pandemia faz a humanidade parar e se distanciar, temos então, tempo para refletir sobre muitas questões, entre elas, o valor da vida, da saudade, da escolha de trabalhar e correr o risco de morrer contaminado pelo vírus ou se isolar em casa e provavelmente morrer de fome. Observamos então, confusos e ao mesmo tempo perplexos, a economia e o dinheiro falarem mais alto e o desespero pela sobrevivência também. Diante de tal cenário, a resposta a indagação de Antoine Compagnon (2009) possivelmente seria de que a literatura nos permite respirarmos como afirma Barthes, de tornarmos mais sensíveis aos fatos, ao outro e assim tornar mais leve os fardos da existência. E também de refletirmos que a literatura como influência é feita para gerar frutos diferentes do ódio, da raiva, da ignorância, da mediocridade. Talvez, depois desses acontecimentos ocasionados pela pandemia, a literatura poderá se tornar mais forte, pois haverá mais inspiração e com certeza a escola se consolidará como o espaço mais importante para que isso aconteça.

### **1.1 A importância da seleção dos textos**

Para que aconteça o letramento literário no ambiente escolar é necessário planejamento e escolha consciente dos textos literários, de modo a dar preferência a textos que estão de acordo com a faixa etária do aluno e que lhe faça refletir, fantasiar, se emocionar e expor sua experiência como leitor de mundo.

Cosson (2018) propõe combinar três critérios de seleção de textos, permitindo-os agir simultaneamente no letramento literário. O primeiro critério é não desprezar o cânone, pois é nele que se encontra a herança cultural de uma nação. O segundo, é não apoiar-se somente na

contemporaneidade dos textos, mas em sua atualidade.<sup>2</sup> No que diz respeito ao terceiro critério, o autor propõe aplicar princípios da diversidade, entendido para além da simples diferença entre textos. Levaremos em conta esses três critérios, com foco maior no último, pois as temáticas das obras levadas para os alunos precisam ser diversificadas, a fim de mostrarem outras realidades, outras perspectivas e visões de mundo, porque:

[...]cada uma traz apenas um olhar, uma perspectiva, um modo de ver e de representar o mundo. Em lugar de relações intertextuais e um discurso que se edifica justamente com a premissa de nada prender em seu interior, a literatura na escola precisa de obras, gêneros e autores diversificados porque o importante é acumulá-los em um painel tanto mais amplo quanto mais vazio de significado. Substitui-se, assim, a qualidade pela quantidade de textos lidos como critério de letramento. (COSSON, 2018, p. 35)

Como forma de promover a diversidade de autores e obras literárias na escola, este trabalho dissertativo priorizou textos da literatura produzida em Mato Grosso, importante para a formação cultural e identitária dos alunos. A maioria das escolas não estabelece como prioridade a literatura regional, seja pela falta de incentivo do governo em proporcionar obras de autores mato-grossenses ou pelo desconhecimento desta literatura pelos professores de língua portuguesa. Então, professores e alunos, por falta de opção, ficam presos aos textos literários ou trechos destes, que o livro didático oferece.

Desta forma, a escola precisa trabalhar a literatura regional, pois é por meio dessa, que alunos vão ter contato com a cultura, linguagem e temáticas locais, favorecendo a ampliação do repertório literário deles. A DRC (Diretrizes de Referência Curriculares do Estado de Mato Grosso) mostra que:

No caso específico da literatura produzida em Mato Grosso, alguns autores apresentam sua obra utilizando o espaço geográfico específico do estado, com seus biomas, e aspectos culturais, como o linguajar da baixada cuiabana em contraste com aquele trazido pelos migrantes de diferentes partes do país, enquanto outros abrem mão dessa caracterização regional e universalizam seu discurso. (MATO GROSSO, 2018, p. 61)

O governo do Estado mostra-se contraditório em relação à literatura produzida em Mato Grosso, pois nos documentos oficiais ele estimula e faz cobranças para trabalharmos textos literários mato-grossenses que tratam de aspectos regionais, mas não investe em formação dos professores e nem em acervo de obras literárias, tornando difícil o trabalho nas escolas.

Diante de tantas dificuldades enfrentadas pelos professores de língua portuguesa no que tange ao ensino de literatura, a todo momento temos que tentar convencer a sociedade sobre a

---

<sup>2</sup> Para Cosson (2018), obras contemporâneas são as escritas e publicadas em meu tempo, e as atuais são aquelas que tem significado para mim, independente da época em que foi escrita ou publicada. Isto significa que muitas obras contemporâneas não têm sentido para o leitor e outras vindas do passado tem real significado para sua vida. O letramento literário sempre trabalhará com as obras atuais.

importância que a literatura exerce na formação intelectual do ser humano. Tais convencimentos se materializam seja pela leitura, projetos, arrecadação de fundos para aquisição de novos livros ou mesmo pela paixão ao falar sobre e viver a literatura. Para tentar mostrar tal importância, aplicamos uma proposta de letramento literário em que textos da literatura regional foram considerados.

## **1.2 O que preconizam os documentos oficiais sobre o texto literário**

Como defende Candido (1989), a literatura deveria ser um direito básico de todo ser humano, por possuir um papel humanizador e fazer com que o ser humano se conheça, compartilhe suas experiências e reflita sobre o meio social em que vive. A literatura tem a função de educar e instruir, porque os valores sociais se fazem presentes nas mais variadas formas de ficção, poesia e drama. O texto literário é a reelaboração do real por meio da imaginação, que possibilita ao ser humano vivenciar experiências que podem mudar sua visão de mundo e seu modo de agir. Candido (1989, p. 113) nos esclarece ainda:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Pensando na literatura como força criativa da imaginação capaz de transformar a realidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 26) abordam o texto literário como uma forma peculiar de representação e estilo, que não fica preso a critérios de observação fatural e nem ligados a categorias que observam, explicam ou descrevem a realidade, ou seja, o texto literário “ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis”.

O Documento de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso (DRC), mostra que o texto literário é tratado muitas vezes como pretexto para se trabalhar outras questões como valores morais ou mesmo tópicos gramaticais, deixando de lado o seu verdadeiro propósito que é usar a imaginação e a criatividade, desta forma:

Usa-se para expor pontos de vista, para exemplificar gêneros textuais e do discurso, para estudar aspectos gramaticais da língua. Mas, poucas vezes, o texto é usado para seu fim precípua, principalmente no ensino fundamental: conduzir a criança de diferentes idades a um mundo imaginário no qual tudo “pode ser”. (MATO GROSSO, 2018, p. 27)

O que podemos observar nos documentos oficiais que estabelecem as diretrizes para a educação brasileira é que a educação literária tem muita importância para a formação intelectual, reflexiva e crítica do aluno, e a escola é o lugar da rede de transmissão de ideias e de formação do leitor literário.

Em relação à literatura mato-grossense, à qual pertencem os contos que fizeram parte deste trabalho, o Documento de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso (2018, p. 30) seguindo a linha da BNCC, estimula professores a ensinar a literatura produzida em Mato Grosso em sala de aula, uma posição muito importante para a valorização da cultura e literatura regional, apesar da falta de recursos, como mencionado anteriormente. “Neste campo, o educador pode utilizar como proposta a Literatura Mato-Grossense, como forma de apresentar ao estudante as obras literárias e artísticas do Estado”. A DRC traz no campo artístico-literário, como objetivos de conhecimento, as manifestações artísticas literárias e textos produzidos em Mato Grosso, como podemos observar no quadro abaixo:

**Figura 1- DRC/Campo Artístico-Literário.**

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO		
PRÁTICAS DE LINGUAGEM	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Leitura	(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos	Relação entre textos Manifestações artísticas literárias em Mato Grosso; Filmes curta-metragem produzidos em Mato Grosso, em comparação com textos que tratem do mesmo tema.
	(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.	Estratégias de leitura  Apreciação e réplica  Textos produzidos em Mato Grossos que tragam aspectos regionais;

Fonte: Documento de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso (2018, p. 34).

Constatamos ainda, que na DRC a literatura é tratada de forma irrelevante frente a sua importância e grandeza, não existem nos documentos oficiais uma orientação contundente aos professores no que refere ao trabalho com a literatura. As diretrizes não deixam explícitas que é função do professor de língua portuguesa e também dos professores dos anos iniciais ensiná-la. Há somente orientações, o que sugere ser uma escolha subjetiva trabalhar ou não com a literatura. Na DRC há indícios de que o ensino literário seja facultativo, quando lemos o seguinte trecho “É preciso lembrar que na educação infantil e nos anos iniciais do fundamental,

a literatura aparece de forma pontual e específica na leitura deleite. Entretanto, alguns professores ignoram a importância dessa estratégia de leitura e a subutilizam ou nem utilizam” (MATO GROSSO, 2018, p. 27). Observamos ainda, que foram dedicados somente dois subcapítulos para o ensino da literatura, o primeiro com o título “Educação literária” com duas páginas escritas, e o segundo com o título “Literatura produzida em Mato Grosso no ensino fundamental” com uma página. Será que três páginas darão conta de expressar a imensa importância da literatura para a formação humana dos alunos e ajudar os professores a compreender que é necessário trabalhá-la e jamais esquecê-la? Há, também, um quase apagamento da palavra literatura que, em vários momentos, é substituída pelos termos “formação literária”/ “esfera literária”/ “sistema literário”/ “educação literária”/ “linguagem literária”, o que pode causar uma sensação conceitual vaga a alguns professores, e assim fazendo com que não trabalhem da melhor maneira possível a literatura no ensino fundamental.

Diante do exposto, fica evidente a necessidade de contribuir com o letramento literário de nossos alunos, acrescentando obras da região, importantes para compreender a cultura, a arte e o contexto social do estado. O letramento em literatura mato-grossense é um dos principais objetivos desta pesquisa-ação.

### **1.3 A literatura em Mato Grosso**

Sem dúvidas, um dos maiores desafios da escola é manter a leitura viva e dinâmica no dia a dia do aluno. No que concerne à leitura literária, este trabalho se torna um pouco mais laborioso. Tornar o texto literário um elemento capaz de auxiliar o estudante a entender a sua vida e a comunidade em que está inserido, é um recurso possível para que a literatura ganhe sentido e força. Então, nesta linha de pensamento, devemos refletir sobre qual a importância das produções literárias regionais para alcançar o tão almejado leitor? Sabemos que não podemos esquecer os cânones nacionais, porém incentivar e favorecer a literatura regional é disponibilizar temas que fazem parte do contexto dos alunos e isso faz com que eles se sintam mais motivados, já que vão se sentir representados por ou identificados com esta literatura, desenvolvendo assim um pensamento crítico sobre sua realidade.

Diante dessa importância da literatura regional, devemos ressaltar que as primeiras produções literárias de Mato Grosso levaram “a cabo um projeto de identificação local, de valorização das letras mato-grossenses frente às letras nacionais” (BARBOSA, 2011, p. 129), por meio de uma literatura embasada no regionalismo. Contudo, de acordo com Leite (2009, p. 26), a partir do início do século XXI, começa-se a mudar os temas abordados nesta nova

literatura, que agora “se debruça sobre os mais variados aspectos da existência humana sem preocupação e sem a conexão com uma possível localização”. Podemos observar tal afirmação em várias obras de escritores mato-grossenses, que abordam temas atuais, como a homofobia presente no conto “A confissão” do autor Santiago Vilela Marques ou mesmo o tráfico de drogas no conto “A palavra” do mesmo autor. A literatura produzida no estado varia de temas relativos à terra e à cultura a outros que ressaltam valores humanos universais.

O estado de Mato Grosso possui um repertório literário rico e criativo, com obras e escritores que não deixam nada a desejar em relação às demais literaturas brasileiras e isso apesar do pouco tempo de afirmação, como relata Magalhães (2002, p.13). “É preciso lembrar que a literatura mato-grossense só se afirmou a partir do início do século XX. Antes dessa data, as manifestações culturais se resumiam a representações de peças teatrais[...]” Devido à brevidade da produção literária produzida em Mato Grosso, a falta de incentivo e também ao movimento migratório no estado, existe um desconhecimento da realidade literária aqui produzida. A autora Hilda Magalhães expõe em seu livro, *Literatura e Poder em Mato Grosso (2002)*, esse desconhecimento até no meio acadêmico “Como boa parte da população de Mato Grosso é oriunda de movimentos migratórios, verifica-se também um grande desconhecimento da comunidade acadêmica com relação à realidade do estado em que vive” (MAGALHÃES, 2002, p.13).

Outro fator que também contribui para o desconhecimento da literatura regional é o próprio livro didático disponibilizado pelo governo às escolas públicas, que não traz quase nenhuma referência à literatura mato-grossense, com algumas exceções como Manoel de Barros que conseguiu algum destaque no âmbito nacional, e mais recentemente o livro de poemas *Apesar do Amor (2016)*, de Mali Walker, e o livro de poemas infantis *Sabichões (2017)*, de Marta Helena Cocco, que foram selecionadas para o PNLD em 2018. Feito inédito, comprovando que a literatura mato-grossense é de excelência.

Em várias dissertações do Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS- Unidade Sinop-MT, observamos que os resultados de algumas pesquisas evidenciam a falta de incentivo à literatura regional, como escreve Deise Baggenstoss, em sua dissertação intitulada “Poemas e narrativas curtas da literatura mato-grossense: produção de leitura e de textos multimodais”:

Em oito volumes analisados, só houve um poema do poeta Manoel de Barros, em mais de 1.400 textos disponíveis. Este dado mostrou-nos que ainda existem lacunas a serem preenchidas em materiais didáticos fornecidos pelo Governo Federal que são distribuídos às escolas públicas do Estado por intermédio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), sobretudo, relativamente à Literatura produzida em Mato Grosso (BAGGENSTOSS, 2018, p. 12)

Baggenstoss (2018, p. 21) ainda esclarece que o estudo a respeito da literatura mato-grossense fica a cargo somente dos professores regentes, que encontram dificuldade no trabalho com os alunos, pois as escolas públicas têm como apoio pedagógico principal os livros didáticos que “possuem eixos de ensino comuns para todo o país”. Para amenizar esta situação e divulgar a literatura mato-grossense, existe a lei estadual número 5.573, de 06 de fevereiro de 1990, de autoria do então deputado Hermes de Abreu, que torna obrigatório o ensino da literatura regional em todas as escolas, mas isso não acontece na realidade. Há uma lacuna no ensino desta literatura nas escolas do estado, não há obras nas bibliotecas, não há investimento do governo estadual e não existe a disciplina de Literatura mato-grossense na matriz curricular das escolas, ficando, assim, os professores de língua materna sem apoio para trabalhar, dependendo unicamente de seus esforços e materiais próprios.

Se existe uma lei que incentiva o ensino da literatura produzida em Mato Grosso, apesar de não ser ainda executada, então é preciso buscar estratégias para que esse ensino ocorra. E uma dessas estratégias é trabalhar com contos da literatura mato-grossense, o que propomos nesta dissertação, que prevê um trabalho com as turmas dos anos finais do ensino fundamental.

Lucas do Rio Verde-MT é uma cidade colonizada por migrantes sulistas, e posteriormente por migrantes nordestinos, que pouco ou nada conhecem sobre literatura regional, e nem mesmo quem nasce em Mato Grosso não a conhece. O intuito da pesquisa-ação também foi fazer florescer nos alunos o sentimento de pertencimento à cultura regional por meio de leituras de contos do autor selecionado e estimulá-los a ler outros autores.

#### **1.4 Algumas balizas teóricas sobre letramento literário**

Kleiman (2005) explica que quando uma criança, jovem ou adulto começam a ler e a escrever, eles iniciam o processo de letramento. Para a autora o letramento é o uso da língua escrita em todos os lugares da sociedade. Magda Soares (2000, p. 17), refere-se ao letramento como “Estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. A escrita está no cotidiano da maioria das pessoas e é preciso entendê-la, pois vivemos em uma sociedade complexa e dinâmica, que a usa praticamente em todas as ocasiões e locais como igrejas, parques, hospitais, no comércio, em anúncios, enfim, estamos rodeados por uma infinidade de textos escritos. Cosson e Souza (2011, p. 102) esclarecem também que, “para entendermos como a escrita atravessa a nossa existência das mais variadas maneiras, criamos o termo letramento, ou seja, designamos por letramento os usos que fazemos da escrita em nossa sociedade”.

No entanto, não é tão simples o conceito de letramento, este termo tem mudado de sentido no decorrer dos anos. Cosson e Paulino (2009, p. 65) nos esclarecem que ao longo do século XX o conceito de letramento apresenta pelo menos dois eixos de definição, que continuam vigentes e renovados. O primeiro o situa no “campo do domínio básico da escrita, considerada como uma tecnologia”. Neste eixo, o letramento passa a designar a habilidade de ler e escrever, se distanciando do adjetivo letrado e da noção de refinamento literário e intelectual estabelecida no século XIX. Aqui, o letramento é considerado como competência individual da tecnologia da escrita, há a preocupação, neste momento com o analfabetismo e com a inserção das pessoas no mundo do trabalho e na vida social, ou seja, a sociedade precisa do “domínio da escrita para manter o que antes era o desenvolvimento industrial e hoje é o tecnológico” (COSSON e PAULINO, 2009, p.64).

No tocante ao segundo eixo, o letramento passa a não ser mais considerado como habilidade e competência individual de leitura e escrita, porém é descrito como um conjunto de práticas sociais. Segundo Street (2003), essas práticas envolvem a capacidade e os conhecimentos, os processos de interação e as relações de poder relativas ao uso da escrita em contextos e meios específicos. Nesta concepção, letramento passa a ser plural e não mais singular, pois “há tantos letramentos quantos práticas sociais” (COSSON e PAULINO, 2009, p. 65), então começam a surgir as expressões como letramentos e mutiletramentos. A partir da compreensão da multiplicidade do termo letramento, começamos a estender o seu significado “para todo o processo de construção de sentido, tal qual encontramos em expressões como letramento digital, letramento informacional, letramento visual, letramento financeiro, letramento midiático [...]” (COSSON e SOUZA, 2011, p. 102). O letramento literário faz parte dessa pluralidade de letramentos, cujo a relação é diferenciada com a escrita. Cosson e Paulino (2009, p. 67) o definem como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Para os autores, esse tipo de letramento faz com que as pessoas deem sentido ao mundo e desenvolvam uma leitura crítica da sociedade. De acordo com Cosson e Souza (2011, p.102), “o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma”. Para eles, a literatura tem o poder de tornar o mundo compreensível. Seguindo com as definições a respeito do letramento literário, Graça Paulino (2001, p. 117), em seu artigo *Letramento Literário: Por Vielas e Alamedas*, comenta que o texto literário está ligado ao “trabalho estético da língua, à proposta de pacto ficcional e à recepção não pragmática”. Para a autora um cidadão verdadeiramente letrado:

[...] seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler. (PAULINO, 2001, p. 117-118)

Desta forma, compreendemos que o letramento literário realiza-se quando a literatura nos proporciona um sentido mais amplo do mundo e quando somos capazes de ultrapassar as barreiras da superficialidade. Para Cosson e Souza (2011), o letramento literário é muito mais do que saber ler textos literários, porém é uma atualização permanente que o leitor precisa adquirir a respeito do universo da literatura, é uma experiência de dar sentidos à vida por meio da arte das palavras.

Se a experiência literária é o foco do letramento literário, o que dizer do letramento literário na escola? Alguns autores discorrem sobre o tema. Cosson e Paulino (2009, p. 71) argumentam que o letramento literário enfrenta dificuldades em se efetivar no ambiente escolar, pois a “escola enfatiza demasiadamente o conhecido e o mensurável, negando espaço para o estranho e o inusitado”. Eles vão além, relatando que a maioria das escolas valoriza a repetição, aquilo que o livro didático ou os professores dizem. Consequência disso são produções de textos sem criatividade e alunos que talvez nunca vão se tornar sujeitos-autores. Em seguida, os autores comentam que a escola prioriza um letramento funcional e básico, assumindo-se como “agente de um letramento serviçal, em nome de uma sociedade já pronta, já organizada, com funções já predefinidas para os sujeitos, afastadas de quaisquer produções críticas, subversivas, excepcionais” (COSSON e PAULINO, 2009, p.71). De acordo com os autores, quando aparecem práticas ou produções diferentes, a reação da maioria dos professores é negar essas produções que se afastam das regras, que exploram o inusitado e que provocam questionamentos.

Os autores aclaram ainda, que para se efetivar o letramento literário na escola é necessário o contato constante dos alunos com a literatura e, para isto, descrevem algumas sugestões para que isso ocorra. A primeira delas é a formação de uma comunidade de leitores, na qual o professor pode formar grupos de estudos, clubes de leitura, ou qualquer outra ação que faça o aluno participar ativamente. A segunda prática diz respeito à consolidação e ampliação do contato do aluno com a literatura de maneira que compreenda que ela está presente em várias formas de manifestações artísticas como produções orais, músicas, pinturas, filmes, não apenas nos textos escritos. Outra sugestão é referente à formação do gosto literário, não como “mero refinamento, e sim como aprendizagem da cultura literária” (COSSON e PAULINO, 2009, p. 75). A quarta sugestão, refere-se ao exercício da escrita literária, não no intuito de formar escritores, mas como forma de oferecer ao aluno a oportunidade de se

expressar usando as palavras, nesta interação entre a escrita e a literatura é vantajoso usar métodos para construção de sentidos como paráfrase, paródias, releituras ou qualquer outro que promova a criatividade e o encantamento pela produção literária.

Outros autores também enfatizam o lugar da escola neste processo de letramento. Para Cosson e Souza (2011, p. 102), “o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar”. Zappone (2008, p. 54) acrescenta que o letramento literário é “mais visivelmente observado no espaço escolar, uma vez que a leitura de textos literários fora da escola é bem menos visível”. Ela ainda comenta que as práticas de leitura que mais temos acesso são aquelas transmitidas pela escola.

No ensino fundamental, a literatura tem a função de continuar e fortalecer a formação do leitor, mas infelizmente não é isso que percebemos. O texto literário está deixando de ser inserido na educação das crianças e adolescentes, dando lugar a multiplicidades de textos contemporâneos, como os jornais e as revistas. De acordo com Cosson (2018, p. 21), isso acontece “sob argumento de que o texto literário não seria adequado como material de leitura ou modelo de escrita escolar”, por ser considerada uma linguagem criativa.

O que estamos presenciando nas escolas é uma busca incansável pela formação de um leitor competente e para isso é oferecido aos estudantes o maior número e diversidade de textos com o propósito de desenvolver a sua capacidade comunicativa. Assim a literatura, diante dessa variedade de textos, com frequência não é trabalhada como deveria nas escolas. A questão é bastante séria considerando que “no ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia”, (COSSON, 2018, p. 21). Proporcionar o letramento literário na escola surge como estratégia para superar a falta de interesse dos alunos pela leitura literária e para garantir a principal função da literatura, que de acordo com Cosson (2018 p. 23), é a de “construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”. Assim sendo, o letramento literário é uma prática social e de responsabilidade da escola, cuja função é transformar a literatura em algo agradável e prazeroso.

Quando se deseja promover o letramento literário é preciso ir além da simples leitura decodificada do texto e proporcionar condições para o aluno se tornar capaz de ler, interpretar e também produzir seus textos, sem a cobrança de que possua qualidade literária. Também é importante que escritor e leitor permutem entre si seus sentidos e com a sociedade em que estão inseridos, compartilhando assim suas visões de mundo. O texto literário só terá sentido com este trânsito, pois:

Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz mais sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo, para que a atividade da leitura seja significativa. (COSSON. 2018, p. 27)

Para a escolha dos textos a serem trabalhados com os alunos é preciso que esses sejam atuais, ou seja, que tenham significado como mencionado anteriormente. Em outras palavras, só se faz o letramento literário quando o texto estabelece uma relação de sentido para os alunos, tornando-os leitores que tenham capacidade de fruição e compreensão. Esse aspecto é tão importante para o processo de aprendizagem do estudante que o tema é abordado com ênfase no campo artístico-literário da BNCC, quando esclarece:

Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores. (BRASIL, 2018, p. 147)

Na perspectiva de contribuir com o processo de letramento literário, trabalhamos com atividades de produção de leitura que levaram os alunos a estabelecer sentido entre o texto literário e sua vida.

## 2 A ESCOLHA DO GÊNERO CONTO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

A emoção no ato de contar e ouvir histórias, sejam dos mais variados assuntos ou propósitos, caminha, evolui e até se confunde com a própria história humana. Tomamos como exemplo, entre vários, os povos indígenas que têm suas tradições e mitos transmitidos de geração a geração, utilizando sua maior fonte que é a oralidade, concretizada pelo ato de contar. Um ato que envolve interação entre seus membros e a difusão cultural. Ou ainda, podemos citar, caracterizando a primeira fase do conto, algumas civilizações como a egípcia e a grega que utilizavam a prática de contar suas histórias desde antes da tradição escrita. Gotlib (2006, p. 6 grifos da autora) explica que “para alguns, os contos egípcios - *Os contos dos mágicos*-são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4000 anos antes de Cristo”. Naquele contexto, o conto e o relato sagrado se confundiam, ou seja, os relatos estavam extremamente ligados à religiosidade. Em uma segunda fase, inicia “a história mesmo do conto, quando ele se libera da religião e passa a ter vida própria” (GOTLIB, 2006, p. 24), os narradores não podiam ser quaisquer pessoas, antes só exerciam essa função os sacerdotes e as pessoas mais velhas. Diante desse contexto, passamos a refletir o quanto o conto percorreu e percorre a história da cultura humana, sempre unindo as pessoas seja para contar ou ouvir, seja em tempos primitivos ou na atualidade, no intuito de encantar, ensinar ou somente conversar e conviver com o outro, por isso:

[...]sob o signo da convivência, a estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e... contam casos. Ou perto do fogão de lenha, ou simplesmente perto do fogo. (GOTLIB, 2006, p. 5)

De acordo com Gotlib (2006), a forma de contar a realidade seja a do nosso cotidiano ou da nossa fantasia com interferências/invenções do autor, faz com que o conto literário se diferencie de um simples relato de acontecimentos, pois para a autora relatar implica contar o acontecido outra vez, como se fosse uma cópia, porém o conto não tem compromisso com a história real. Ficção e realidade fundem-se e transforma-se em “a arte de inventar um modo de se representar algo” (GOTLIB, 2006, p. 12). Agora, não importa mais se são falsos ou verdadeiros os acontecimentos, mas a emoção estética produzida no momento da leitura.

Dessa forma, em meados do século XIV, o conto passa da transmissão oral para o registro escrito, assim, há a afirmação de sua categoria estética. A partir de então, começa uma busca insistente por sua definição, muitos críticos literários já tentaram definir o que é um conto, porém são vagas as respostas. Para Mário de Andrade (apud GOTLIB, 2006, p. 9), tal angústia

é um “inábil problema de estética literária”, para ele o conto é indefinível, irredutível a receitas. Com o olhar voltado para a literatura produzida atualmente, Figueiredo (2016), também explana sobre a problemática conceituação do conto neste momento pós-autônomo<sup>3</sup>, no qual leva a literatura a passar por algumas ressignificações:

[...]centraremos no exemplo do gênero literário conto, aquele conto conhecido pela sua pequena extensão e elementos das narrativas pontuais e em close-up, ou seja, único tempo, foco em poucos personagens, conflito particularizado, ambientação em um espaço, vai diluindo-se e dando lugar a outra forma de conto, ou melhor, às múltiplas formas de contos, por isso a difícil categorização dessas produções. (FIGUEIREDO, 2016, p. 95)

Para Figueiredo (2016), os contos atuais se diferenciam dos contos anteriores, por possuírem uma flutuação no que se refere ao pacto com o leitor, pois “o texto pode ser romance e ao mesmo tempo reportagem, por exemplo, havendo uma diluição nas definições que rodeiam a literatura e dependendo do olhar externo de quem lê” (FIGUEIREDO, 2016, p. 94). Para a autora, os estudiosos da literatura deparam-se com o impasse de definir as narrativas atuais a partir dos conceitos antigos que já não conseguem mais classificá-las. Ela continua a elucidar que algumas literaturas consideradas pós-autônomas não admitem leituras literárias, já que não importa se são ou não literaturas, se são ficção ou realidade, porém o compromisso que se estabelece é com a realidade cotidiana, com o presente. Desta forma, segundo Figueiredo (2016, p. 94), esta literatura é caracterizada pelo fim da sua independência e quebra de autonomia, pois “os campos não são mais autônomos; o cultural, o político, o literário e o econômico se fundem e a realidade se aproxima da ficção”. A autora conclui que há a necessidade de um olhar mais atencioso sobre o gênero conto e a reformulação do seu conceito em meio a essas transformações literárias:

Estando em um território movediço, pela multiplicidade de tipos de contos, os teóricos da literatura precisam revisar e refazer o conceito e características do gênero conto, uma vez que os parâmetros de definição da literatura se diluem e com eles o que compreendemos sobre conto. (FIGUEIREDO, 2016, p. 95)

Mesmo diante de tais reformulações, que torna ainda mais difícil conceituar este gênero, não podemos deixar de admitir que a arte de contar histórias e de representar a realidade por meio da imaginação são pilares do gênero conto. Uma narrativa curta, que vem conquistando leitores no decorrer dos séculos. Ele instiga, faz refletir e faz o leitor mergulhar no mundo do narrador. No entanto, devemos destacar a importância deste narrador que somente vai adquirir posição de contista deixando de ser um simples contador de histórias quando conseguir:

---

<sup>3</sup>“É em meio às tendências de produção literária destes últimos anos, que Ludmer desenha um universo de reflexão em que passa a denominar de literaturas pós-autônomas”. (FIGUEIREDO, 2016, p. 94)

[...]um resultado de ordem estética, ou seja: quando consegue construir um conto que ressalte os seus próprios valores enquanto conto, nesta que já é, a esta altura, a arte do conto, do conto literário. Por isso, nem todo contador de estórias é um contista. (GOTLIB, 2006, p.13)

Outro ponto a ser destacado é o valor do conto na qualidade de obra literária, que está vinculado à habilidade do contista em dominar os elementos narrativos e prender a atenção do leitor. Ao construir um conto, o autor precisa fisgar o leitor com uma história que mantenha a tensão, sem dar motivos para interrupções, por isso Poe (1842), sugere que o trabalho de arte literária se limite a uma única sentada, a teoria do autor segundo Gotlib (2006, p. 32) “recai no princípio de uma relação: entre a extensão do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor ou o efeito que a leitura lhe causa”. Isso remete-nos a Cortázar (1974) quando esclarece que existem elementos invariáveis e certos valores que tornam um conto bom, peculiar e com qualidade literária, esses elementos se aplicam a todos os tipos de contos, sejam eles, fantásticos, humorísticos, dramáticos ou realistas. Para o autor, um desses elementos é a noção de limite que o diferencia do romance, pois no conto há primeiramente o limite físico “de tal modo que na França, quando um conto ultrapassa as vinte páginas, toma já o nome de *nouvelle*, o gênero a cavaleiro entre o conto e o romance propriamente dito” (CORTÁZAR, 1974, p. 151). O autor ainda compara o conto a uma fotografia, pois ela se utiliza de recorte de certos fragmentos do cotidiano e consegue transmitir uma visão ampla, dinâmica e até espiritual da realidade. Tanto o fotógrafo quanto o contista precisam escolher uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, isto é:

[...] que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (CORTÁZAR, 1974, p.152)

O conto, desde o início da narrativa, precisa trabalhar em profundidade e não pode se preocupar com detalhes, isso porque não há tempo suficiente. Cortázar (1974, p. 152) reitera que para provocar a abertura necessária no leitor, é preciso que o tempo e o espaço estejam condensados, “submetidos a uma alta pressão espiritual e formal”. Outro elemento apreciado, é o material significativo do conto que, de acordo com o autor, parece estar intimamente ligado a capacidade do tema em transformar algo corriqueiro em relatos formidáveis. Para confirmar tal princípio, Cortázar (1974, p. 153) postula que “um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta”. Porém, a ideia de significação só terá sentido se estiver relacionada com a ideia de tensão e intensidade dado a todo tratamento

literário do tema. Observamos tais premissas em alguns contos consagrados da literatura brasileira que, mesmo escritos em épocas remotas, nunca deixam de cativar o interesse e o prazer literário dos leitores. Como não ficar tenso e apreensivo durante toda a narrativa do conto “A Cartomante” de Machado de Assis? Quando começamos a leitura, logo ficamos aflitos com o triângulo amoroso entre Rita, Camilo e Vilela, com a traição e o futuro das personagens, ficamos ainda mais aterrorizados cada vez que Camilo lê o bilhete de Vilela – *Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora* – O que falaria? Por que tanta pressa? Será que já sabia do adultério? São algumas perguntas que surgem após esse bilhete e Machado o explora com atributos de um contista experiente. Agora toda a trama gira em torno dos pensamentos e atitudes de Camilo em relação ao escrito naquele bilhete, algo banal é transformado em algo cativante e no final somos surpreendidos com um desfecho trágico dos acontecimentos. Machado consegue envolver seus leitores por meio da intensidade e tensão de seus contos, elementos essenciais para atingir a qualidade literária.

No tocante ao tema, segundo Cortázar (1974) um bom conto não necessita exclusivamente ter um tema excepcional ou que saia do comum, pelo contrário, ele pode desenvolver-se em uma história cotidiana e normal. O que vai fazer a diferença e tornar o tema notável é sua capacidade em atrair um “sistema de relações conexas” que inspira no autor e leitor algumas noções, sentimentos e ideias guardadas nas memórias ou na sensibilidade. O autor ainda continua a explanar que o tratamento eficaz do tema faz com que o conto permita que o leitor saia de si mesmo e adentre num mundo de relações mais complexo e belo. Cortázar (1974, p. 156) também esclarece que um mesmo tema pode ser significativo para um escritor e irrisório para outro, assim como pode despertar enorme emoção em um leitor e ser vazio para outro. A significação está determinada por algo que está antes e depois do tema “o que está antes é o escritor, com sua carga de valores humanos e literários, com a sua vontade de fazer uma obra que tenha sentido; o que está depois é o tratamento literário do tema”. Prosseguindo, o autor faz um questionamento sobre qual maneira distinguir entre um tema insignificante de um significativo, no qual ele mesmo responde “que o escritor é o primeiro a sofrer esse efeito indefinível, mas avassalador de certos temas, e precisamente por isso é um escritor”, (CORTÁZAR, 1974, p. 156). Dessa forma, o tema cria uma fascinação no escritor permitindo transformá-lo em conto, que mais tarde fará o leitor reagir com o mesmo fascínio. Porém, o contista precisa descobrir que:

[...] para voltar a criar no leitor essa comoção que levou a ele próprio a escrever o conto, é necessário um ofício de escritor, e que esse ofício consiste entre muitas outras coisas em conseguir esse clima próprio de todo grande conto, que obriga a continuar lendo, que prende a atenção, que isola o leitor

de tudo o que o rodeia, para depois, terminado o conto, voltar a pô-lo e contato com o ambiente de uma maneira nova, enriquecida, mais profunda e mais bela. (CORTÁZAR, 1974, p. 157)

Para que haja um “sequestro momentâneo do leitor”<sup>4</sup>, o contista não pode confiar somente na sua boa vontade, entusiasmo e experiência, porém os seus contos precisam nascer de uma profunda vivência, é isso que dará motivação aos leitores e os farão ter interesse, emoção e espanto com a leitura. A comoção e a admiração provocada em pessoas simples por alguns clássicos literários de difícil entendimento, confirma que um tema profundamente significativo pode envolver e tocar a qualquer um.

No que se refere à forma, o conto, de acordo com Piglia (2004) apresenta um caráter duplo. Nesse sentido, o autor define duas teses para esclarecer tal ambiguidade. A primeira tese estabelece que um conto sempre mostra duas histórias (a visível e a secreta), a história 1 é narrada em primeiro plano, ou seja, relata os acontecimentos e a partir desse ponto constrói-se em segredo a história 2. Para Piglia (2004, p. 89-90) “A arte do contista consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1. Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário”. Segundo o autor as duas histórias são contadas de formas diferentes e implica trabalhar com duas casualidades, cada conto tem elementos essenciais que apresenta dupla função e são empregados de maneira distinta em cada história. Piglia (2004, p. 90) continua a explicar que “o efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície”.

A segunda tese nos ensina que a “história secreta é a chave da forma do conto e suas variantes” (PIGLIA, 2004, p. 91). De acordo com o autor, alguns contistas conduzem-na de variadas maneiras, principalmente na versão moderna do conto quando há o abandono de uma estrutura fechada em que o final é surpreendente, dando lugar a valorização da tensão entre as duas histórias sem nunca desvendá-las e isso faz com que ocasionalmente a história secreta seja “contada de um modo cada vez mais elusivo”. Para exemplificar, Piglia (2004, p. 93) menciona que Poe sempre utiliza em seus clássicos a estratégia de contar uma história anunciando o que havia na outra, como se fossem uma só. O autor ainda explana sobre a teoria do iceberg de Hemingway, na qual relata que o mais importante num conto nunca é exposto, porém, a história é constituída com o “não-dito, com o subentendido e a alusão”. Piglia (2004, p. 94) também nos esclarece que Kafka inverte os lugares<sup>5</sup>, ele vai contar com simplicidade e em primeiro plano a história secreta e narrar em sigilo a história visível, convertendo-a em algo enigmático.

<sup>4</sup> Termo emprestado de Cortázar (1974, p. 157)

<sup>5</sup> Lugar da história visível e da história secreta.

Assim, tais contistas enfatizam que o “[...] conto é construído para revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta”.

Quando contemplamos um conto, somos provocados a continuar a leitura e nos vemos envolvidos por uma atmosfera de tensão e acabamos sentindo no espírito ou talvez possamos chamar de consciência, o não-dito, o subentendido no conto. Mas no decorrer da leitura queremos desvendar os segredos que o narrador nos sugere e esperamos impacientes o final da história. No fundo, não queremos que a história termine, ainda mais se as personagens não atingirem um desfecho ideal ou romântico. Para Piglia (2004, p. 104) “os finais são perdas, cortes, marcas num território; traçam uma fronteira, dividem. Escandem e cindem a experiência. Mas ao mesmo tempo, em nossa convicção mais íntima, tudo continua”. Esta continuação é uma forma de projetar-nos para além do fim da narrativa, a fim de percebermos o sentido da obra literária, porque na realidade “[...] todas as histórias do mundo são tecidas com as tramas de nossa própria vida” e a literatura como sempre tem muito a nos ensinar.

Os contos regionais, alvo desta dissertação, também precisam valorizar temas que despertem admiração dos leitores e que “o obrigará a sair por um momento do seu pequeno mundo circundante e lhe mostrará outra coisa, seja o que for, mas outra coisa, algo diferente” (CORTÁZAR, 1974, p. 161). Para o autor, esses contos só serão bons, como qualquer outro, se se adaptarem a “essa exigente e difícil mecânica interna” como a escolha de temas significativos, a tensão e a intensidade, trabalhar com os enigmas da história secreta e despertar o interesse pela história visível, já mencionados anteriormente. Todavia, o mais importante sempre estará pautado na emoção, no maravilhamento e na elevação do leitor diante da história. A escola precisa trabalhar com contos que requeiram um esforço de compreensão, que espantem e entusiasmem, preparando os alunos para uma leitura literária mais complexa, que o obrigará a sair do conforto da literatura mais acessível.

Diante dessas características do conto, é que decidimos escolher este gênero para a elaboração deste trabalho dissertativo, e com o desejo de se trabalhar a literatura e a cultura regional, os contos selecionados são de Gabriel de Mattos, mineiro que se autodenomina “um mato-grossense nascido em Minas Gerais”, mostrando que a identidade não se define somente pelo lugar onde se nasce, mas também pela afinidade e afeição que se tem pelo lugar.

Os contos da obra *A Geringonça* (2002) têm um olhar para o social e mostram as memórias de cidadãos que moram na cidade de Cuiabá e região. São 15 histórias sobre a vida de pessoas que buscam seus caminhos num mundo em transformação, entre o urbano e o rural. Os contos nos fazem reviver desde brincadeiras ingênuas de crianças a questões polêmicas

sobre política. O trabalho com esta obra se construiu no coletivo com os alunos, pautado nas reflexões sobre a realidade social e cultural mato-grossense retratada por meio da ficção. A apresentação do autor, o conhecimento da obra, a leitura dos contos, a pesquisa, as análises críticas, as leituras, as produções escritas e digitais foram feitas de forma que envolvessem todos os alunos da turma.

É preciso motivar os alunos para que o trabalho com literatura não se torne conteudista, chato e mecânico. O clima desafiador, instigador e reflexivo que produza conhecimento e prazer pela leitura é muito importante para que o letramento realmente aconteça.

## **2.1 Memórias, espelho da alma**

O gênero conto está ligado a uma das capacidades humanas mais democráticas que é a memória, pois todos a temos, independentemente de quem somos. A memória inspira e alimenta os pensamentos, isso podemos constatar nas pessoas mais velhas, mesmo com pouca ou nenhuma escolaridade possuem um discurso rico e sábio proveniente de suas lembranças e experiência de vida. As palavras e os pensamentos surgem porque a memória é uma ligação com o passado, e o passado nutre a alma. Por este motivo, a memória é a base da narrativa, da arte de contar histórias, pois quem lembra consegue se expressar, falar e reviver fatos de uma forma dramatizada. Bosi (1987, p. 15) reitera que “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança”.

Um dos apoios mais primordiais da memória são os velhos. Eles são pessoas muito ricas de passados e que podem ajudar os jovens que ainda não têm uma memória bem formada, a enriquecê-la e ampliá-la por meio da convivência. Os mais velhos já passaram por situações sociais, familiares e culturais que as crianças, adolescentes e talvez até adultos ainda não experimentaram. Bosi (1987) postula que:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 1987, p. 22)

A autora continua a explicar que podemos conhecer a riqueza e a diversidade do mundo social por meio das memórias de quem é mais velho, a conversa deles é “repassada de nostalgia,

revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte” (BOSI, 1987, p. 41). Para o adolescente é muito importante ouvir tais histórias para sua construção intelectual, humana e criativa. São nestes momentos de transmissão de experiências que pais, avós, tios, enfim, pessoas mais vividas, contam suas histórias, aventuras, revoltas e mesmo as brincadeiras de crianças, brincadeiras essas que exigiam atenção, interação e criatividade, algo que talvez falte para a juventude atual. Bosi (1987, p. 41) confirma tais pensamentos quando relata que “hoje, fala-se tanto em criatividade... mas, onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza”.

De acordo com os pressupostos de Bosi (1987), a partir de laços de convivência familiar, escolar e profissional desenvolve-se a memória coletiva. Viver e interagir no interior de grupos cria um suporte para a memória, que constrói pouco a pouco uma história e um passado em comum e que marca uma geração. Por isso é tão importante as memórias colegiais na vida do aluno, é nesse período que ele forma vínculos afetivos com colegas e professores, que o marcarão durante toda a vida. Quem nunca lembrou com saudades e nostalgia os tempos da escola, com vontade de voltar ao passado e rever amigos e professores queridos, ou reviver alguma situação engraçada? Tais acontecimentos ficam marcados nas lembranças. A autora continua a esclarecer sobre as etapas da memória que são divididas por marcos, ou seja, momentos significantes na vida das pessoas como: “mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas. As festas de que toda a família participa, como o Natal, são mais recordadas que as que têm importância mais individual: formaturas, aniversários...” (BOSI, 1987, p. 337).

Esses acontecimentos marcantes dividem a vida do ser humano em períodos, que são influenciados pelo tempo social. Para Bosi (1987), as convenções e obrigações sociais fazem com que o ciclo do tempo seja vivido por todos os grupos humanos, porém com sentidos diferentes. Em certos casos, este tempo social afeta até o passado e futuro de algumas pessoas que não conseguem construir marcos de apoio para suas lembranças, porque o tempo se torna mecânico e homogêneo:

A noite tem durações diferentes para o trabalhador braçal, para a dona-de-casa, para o escolar. As jornadas operárias em turnos alternados semanais afetam a coerência da vida da família, roubam o passado e o futuro. Impedem os projetos e a sedimentação das lembranças, lançam o trabalhador num tempo mecânico, homogêneo, onde qualquer ponto pode ser o de origem, onde não há marcos de apoio. (BOSI, 1987, p. 339)

Para constituir uma estabilidade nas lembranças, é importante que o ser humano, desde criança, tenha uma memória familiar e também que haja contatos com outros grupos, como a escola ou a vizinhança. Quando isso acontece, a criança forma vínculos e sente-se incluída em todos os grupos que convive, então as lembranças brotarão de todos esses grupos, devido à íntima vivência. Bosi (1987, p. 352) esclarece que “se podemos reagrupar em nossa subjetividade lembranças de espaços sociais diferentes, podemos também sobrepor imagens do mesmo espaço social”.

As lembranças do passado na vida do ser humano são algo que o faz criar vínculos afetivos com a família, a escola e a sociedade. Tudo pode se tornar um marco na memória das crianças e adolescentes, tanto momentos bons quanto os ruins, que influenciarão suas lembranças por toda a vida. Então, um dos objetivos deste projeto foi ajudar os alunos a entender o valor das lembranças para a formação humana e reflexiva, eles reviveram as memórias e acontecimentos importantes que marcaram alguém da família ou a suas próprias vidas. O intuito foi que reconhecessem que a arte literária busca nas memórias humanas a emoção necessária para encantar os leitores.

## **2.2 Os contos da *Geringonça***

A obra *A Geringonça* (2002), foi produzida pelo escritor Gabriel Francisco de Mattos. Ele é natural de Lavras em Minas Gerais, é arquiteto, mestre em educação e doutor em estudos da cultura contemporânea, é professor de arquitetura e urbanismo na UFMT e UNIC. O autor tem publicados os livros *A Geringonça* (2002), *República Transatlântica* (2005), *Quadricrônicas* (2005), *Vertiginoso e outros contos* (2010), *Cuiabá duas Novelas* (2003), *Doce irresponsabilidade* (2005), entre outras obras. Tem contos incluídos na coletânea "*Na margem esquerda do rio: Contos de fim de século*", lançado em 2002. O autor ainda tem artigos, contos, histórias em quadrinhos e crônicas publicadas. Ele já teve alguns cartuns editados no antigo "O Pasquim" e participou como desenhista do Salão Jovem Arte Mato-Grossense. Em parceria com Ricardo Leite, lançou o álbum de histórias em quadrinhos *Destino: Oeste* (2006). Em 2011 ganhou o Concurso Internacional de Contos de Ficção Científica Vicente Cardoso, com "Canção".

Boa parte dos contos do livro *A Geringonça* (2002) foram escritos entre os anos de 1988 e 1995 e publicados em jornais e revistas literárias da capital, a obra também fez parte do Programa Nacional de Bibliotecas de Escola (MEC/2007). Em entrevista à Gazeta digital

durante o projeto do Sesc Arsenal “Chá com bolo literário”, o autor relatou que o livro tem como base uma série de contos regionalizados, com personagens que são crianças ou velhos, criados a partir de figuras ou fatos acontecidos em Mato Grosso. Mattos ainda ressalta que tais episódios receberam uma certa carga de romance como o conto “O batizado de Dulce” que originou-se da descrição feita por sua vó sobre os batizados de bonecas realizados embaixo de algumas mangueiras, ou ainda o conto “Bar e restaurante abrigo da estrada” feito a partir do seu olhar de arquiteto para os problemas sociais e que retrata uma constatação feita na região de Acorizal, envolvendo uma estrada que dividia-se em duas pistas separadas, em cada um desses trechos ficavam as propriedades ligadas a dois partidos antagônicos e era visível que a cada nova eleição, o trecho que correspondia ao partido que estava no poder era melhorado, enquanto o trecho do partido perdedor era esquecido, impactando a vida das pessoas que viviam ao redor dessa estrada.

O livro *A Geringonça* (2002) é formado por 15 contos, são eles: “O batizado de Dulce”, “Ligados com o mundo”, “Curinpã”, “Ditinho e o fogueteiro fantasma”, “Bar e restaurante Abrigo da Estrada”, “Uma história de crescimento”, “Terceto do Porto”, “Mesa de truco no Pantanal”, “Adalgisa na varanda”, “O incrível livro do futuro”, “Grandes olhos tristonhos”, “Conde de Bonfim”, “O conto do Portão”, “A Geringonça” e “Fuga do Burity”.

“O batizado de Dulce”, um dos contos escolhidos para o desenvolvimento das atividades, mostra uma brincadeira de criança muito apreciada antigamente que é o batizado de bonecas. A história relata de forma divertida o ritual do batizado, a visão inocente da criança a respeito da função de cada um na cerimônia, como a do padre, dos pais, dos padrinhos. Aqui o autor consegue descrever as peripécias que acometem qualquer brincadeira que envolve muitas crianças, como no momento que o padre interpretado pelo irmão de Filomena (dona da boneca) dá a benção e fala “ – Deus, dê a Dulce o que deu ao bode- Barba, catinga e bigode” (MATTOS, 2002, p. 7 grifos do autor). Segundo o autor<sup>6</sup> esse conto retrata as memórias de infância da sua vó, algo que traz uma carga emotiva ao texto literário.

“Ligados com o mundo”, também publicado no livro *Na Margem Esquerda do Rio: Contos de Fim de Século* (2002), organizado por Juliano Moreno Kersul de Carvalho e Mário Cezar Silva Leite, foi outro conto escolhido. Nesta história há o relato das lembranças de Biu sobre sua infância junto ao seu irmão Zeca, repleto de momentos bonitos de convivência com ele. Regado a muita fantasia, a personagem descreve com nostalgia o rádio antigo que os irmãos chamavam de transglode (este era o nome que estava escrito no rádio). Com esse rádio, seu

---

<sup>6</sup> Gabriel de Mattos comenta sobre esta inspiração, em entrevista à Gazeta Digital, no dia 13 de agosto de 2003.

irmão o transportava a outros lugares por meio da imaginação, fingindo traduzir as línguas de outros países que o aparelho sintonizava e que ambos não entendiam. Podemos perceber que Biu era conduzido pela imaginação no seguinte trecho:

[...] Eu tentava adivinhar a letra, mas Zeca não parecia preocupado. Aí eu também desistia e começava a sentir que ali, a gente não estava no quintal, a gente estava no lugar de onde o rádio falava. Era gozado, a gente se sentia meio mal de estar num lugar que não falava a nossa língua. Mas também não era estar no lugar, no meio das pessoas, era estar por ali, sobrevoando, sabendo que tinha gente, e que estávamos bem longe de casa. Eu me desesperava um pouco e olhava para a lua, era a mesma coisa que olhar de nosso quintal em Cuiabá. Aí, eu olhava para a lua e mesmo assim demorava para voltar. (MATTOS, 2002, p. 12)

O garoto realmente acreditava nas traduções feitas pelo irmão e ficava fascinado com as notícias traduzidas, “ [...] eu ouvia fascinado, e achava que era fácil outra língua, porque o Zeca sempre falava uma palavra parecida com o que diziam lá na língua deles, o som pelo menos era muito parecido” (MATTOS, 2002, p. 10). O que encanta neste conto é a capacidade que Zeca possui em fazer o irmão mais novo sonhar, se ver em outros países mesmo dentro do quintal. O menino guarda na memória estes momentos e percebe que a vida mudou, o rádio deu espaço à televisão, o Zeca foi para o serviço militar, cimentaram o quintal, o bambu que servia de antena para o rádio quebrou, muros altos foram feitos pela vizinhança, ou seja, tudo aquilo que o possibilitava “viajar” acabou e para arrematar ele desabafa: “umas pilhas que esqueceram de trocar melaram no transglode. Meu contato com o resto do mundo ficou impossibilitado desde então” (MATTOS, 2002, p. 14). Para Biu, o contato, a ligação com o mundo era por meio do irmão e aquele rádio. Isso nos remete aos pressupostos de Bosi (1987), quando reitera que um dos suportes para a memória, além da convivência familiar, são os objetos que trazem uma carga de lembrança e emoção para as pessoas.

Outro conto escolhido foi “Bar e Restaurante Abrigo da Estrada”, que talvez retrate a vida de muitos brasileiros que sofrem por causa da má gestão e interesses políticos desse país. A história é sobre Seo Domercílio, homem honesto e empreendedor que vê a oportunidade de melhorar de vida abrindo um bar e restaurante em sua casa, localizada na trilha que ligava Acorizal a Rosário Oeste. Na época o partido PSD subiu na política e decidiu alargar e cuidar daquela trilha transformando-a em estrada. Em contrapartida “a estrada mais usada até então passava pelas terras do povo da UDN. Então, trilha virou estrada e a estrada trilha” (MATTOS, 2002, p. 27). Até que o bar e restaurante conseguiu um bom movimento, mas foi só terminar de pagar as dívidas que a UDN voltou a subir na política e reabriram a trilha para virar estrada novamente e deixou a estrada pro mato transformar em trilha. Seo Domercílio, com a esposa dona Hanseática, vendem tudo o que tinham e vão montar o restaurante na estrada da UDN,

porém deu reviravolta na política e o PSD volta ao poder de novo e com isso, a melhoria da estrada também, então os dois mudam o estabelecimento outra vez e assim sucederam vários anos nessa luta contra o poder político:

Aí, foi um tal de correr atrás da política e não conseguir acompanhar: estabeleciam-se numa estrada e a política mudava, decidiram esperar uma reviravolta e esta não vinha: quando desistiram, toca a mudar o partido no poder, e eles a tentarem mudar. E olha que acabou PSD e UDN e passou o MDB e a ARENA, e não deu para acompanhar também. Quando mudaram a estrada que ligava Cuiabá a Rosário Oeste, passando a uns sete quilômetros de Acorizal, Dona Hanseática deu o basta. (MATTOS, 2002, p. 28)

Os dois, já velhos, desistem do bar e restaurante e foram morar na casa do filho em Coxipó, porém Seo Domercílio nunca parou de sonhar em ter seu próprio negócio e no final ele nutre a esperança de montar outro bar e restaurante em uma estrada de ferro que ia passar pela cidade e que já tinha até nome “Bar e Restaurante Abrigo da Estrada de Ferro”. O conto termina com uma indagação que reflete a esperança da personagem “E sabe o que é melhor, Hanseática? Sabe? Não dá pra ficar mudando estrada de ferro! Pode entrar UDN, pode entrar PSD, que ela não sai daqui de perto de casa!” (MATTOS, 2002, p. 32). Esse trecho traz uma reflexão sobre a influência política para alcançar interesses particulares, causando consequências terríveis como o sofrimento da população pobre. Por meio deste conto, podemos trabalhar com a memória política dos familiares dos alunos, enfatizar situações boas e ruins que já viveram decorrentes de escolhas políticas, para tanto devemos observar que:

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica "neutra". Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da História, e reafirmando sua posição ou matizando-a. (BOSI, 1987, p 371)

“Fuga do Burity” é o último conto selecionado e nos mostra a história de um garoto chamado Camilo que tem problemas de comportamento. Seu pai, na tentativa de corrigi-lo, tirou tudo o que gostava: a bicicleta, a vitrola, os discos, o rádio e o coloca num colégio interno de padres chamado *Burity*, localizado em Chapada dos Guimarães. Porém, o menino não aceita ficar no colégio e foge de madrugada levando consigo um amigo chamado Batico. Percebemos, ao longo do conto, a tensão no relacionamento entre pai e filho. O pai é um italiano que em várias passagens da história se mostra um homem ranzinza e um pai rígido, mas que no fundo quer proteger e educar o filho. Ele se irrita facilmente com qualquer um que fale mal de Camilo e sofre com a ausência do menino, como é descrito no trecho em que ele briga com a empregada:

– O rádio do Camilo vai ficar é em silêncio até ele voltar!

– O senhor quer é que todo o mundo fique de luto, só porque o filhinho querido foi cumprir pena no Burity! – A morena, já de avental e em frente à pia, era das poucas que enfrentava seu Giuseppe, afora Dona Gracildes.

– Meu filho não é nenhum meliante, lava essa boca com sabão!...Ou melhor, eu mesmo vou lavá-la!

Dona Gracildes teve que intervir, porque seu Giuseppe já mergulhara a bucha no sabão de coco e caminhava para a desafiadora morena, que esperava de mãos na cintura. (MATTOS, 2002, p. 80-81)

O seguinte conto traz a problematização do relacionamento no núcleo familiar por meio do enfrentamento, da transgressão das normas dos adultos pela criança e a incapacidade da família em lidar com esta situação. Num primeiro momento o pai tenta o castigo e a ruptura do garoto com o convívio familiar, mas como nenhuma dessas atitudes deu resultado, então ele resolve mudar seu comportamento com o filho.

Durante toda a narrativa observamos um pai severo, que tenta através da força educar o filho, mas o desfecho nos surpreende com a mudança de atitude do Seo Giuseppe, que a partir desse momento acolhe o filho, lhe devolve todos os objetos e o conto termina com o convite do pai para caçar perdiz com o garoto, como podemos observar no final da história:

A porta se fechou atrás dele, um apagado “pai...”saiu da boca do garoto.

E em seguida ouviu-se a voz tonitruante de Seo Giuseppe:

– Gracildes, meu filho voltou! Pode botar o rádio pra tocar! Pega a vitrola dele e os discos! Acende as luzes desta casa, porque meu bambino voltou! e nunca mais volta praquele Burity! Amanhã, a gente vai sair pra caçar perdiz juntos!... (MATTOS, 2002, p. 84)

Essa última atitude deixa claro que o pai busca o diálogo, o amor e a compreensão para mudar o filho. Para Turchi (2009, p. 100), há uma tendência nas narrativas infantis e juvenis de apresentarem temas voltados para as relações interpessoais e as descobertas das crianças e jovens, priorizando o diálogo e a compreensão, pois:

As obras têm procurado estabelecer uma ponte de diálogo entre a voz do adulto e a voz da criança, tornando mais maleável a condição de normatividade que não se fixa nem num polo nem no outro, mas no diálogo e na compreensão mútuas. Nesse sentido, o caminho narrativo que se manifesta mais intensamente é o da simbolização, da valorização poética como caminhos para a humanização das relações interpessoais.

A obra *A Geringonça* (2002) não é para o público infantojuvenil, mas a temática do conto levanta essa questão de relacionamento entre crianças e adultos no seio familiar. Por esse motivo foi escolhido o conto “Fuga do Burity”, pois observamos que muitos alunos são carentes de amor e estabilidade familiar.

É com a leitura da obra e, em especial desses quatro contos selecionados, que pretendemos despertar nos alunos o gosto pela leitura literária e pela produção literária do estado. Promover o letramento literário implica em propiciar que os alunos atribuam sentidos

aos textos e consigam estabelecer uma relação entre a leitura e a vida. A busca pela memória afetiva, familiar ou social é uma forma privilegiada de os alunos interpretarem o mundo por meio da experiência humana.

### 3 O HIPERCONTO E OS MULTILETRAMENTOS

Antes de começar a refletir sobre a importância das novas tecnologias digitais na aprendizagem do aluno, traremos Rojo (2009) para ressaltar que os novos tempos pedem novos letramentos. Isso ocorre porque os alunos da atualidade não são iguais aos do século XX. Eles mudaram porque o mundo mudou. As formas de se comunicar, a criação das tecnologias de comunicação e informação, o acesso a celulares, computadores, internet, fazem com que compartilhem conhecimentos de forma rápida e cativante. A escola precisa inserir-se nesse mundo tecnológico e globalizado, ou então como muitos dizem, teremos alunos do século XXI com escolas no século XIX.

A Proposta Curricular do Estado de Mato Grosso traz a necessidade de a escola repensar sua maneira de ensinar, mediante as mudanças do mundo:

As mudanças ocorridas na sociedade, em virtude do advento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), fazem repensar a maneira de ensinar. É necessário introduzi-las nas práticas pedagógicas, considerando a conectividade que os estudantes estão inseridos e que gradativamente vão se tornando em um bom leitor ubíquo<sup>7</sup>, e, assim, exigindo cada vez mais desenvolver práticas do letramento digital. (MATO GROSSO, 2018, p. 57-58)

Para melhor entendermos a função da escola no que se refere ao domínio da tecnologia digital, que está presente em praticamente todos os lugares da sociedade e das quais a maioria dos alunos já tem contato, discorreremos um pouco sobre o termo multiletramentos. De acordo com Rojo (2012, p. 11), “a necessidade de uma pedagogia dos multiletramentos foi, em 1996, afirmada pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio do grupo Nova Londres”. Esse grupo formado por alguns pesquisadores<sup>8</sup> foram os que cunharam o termo multiletramentos. Na ocasião discutiram sobre as mudanças ocorridas no mundo com o advento tecnológico e levantaram dois tipos de multiplicidades importantes, presentes na sociedade e que refletiam na escola: “a multimodalidade (linguística, visual, gestual, espacial e de áudio) e a multiplicidade de significações e contextos/culturas”, (LORENZI e PÁDUA, 2012, p. 38).

A multiculturalidade, que é um dos pilares dos multiletramentos, nada mais é do que a pluralidade e diversidade de culturas – “eruditas ou populares, central ou marginal, canônica ou de massa”, (ROJO, 2012, p.13), trazidas pelos autores/leitores para as criações cheias de

---

<sup>7</sup> Leitor “ubíquo” é aquele que, para Lucia Santaella (2010), consegue acessar ou trocar informações com seus pares, em qualquer lugar que ele estiver, uma vez que as mensagens são simultâneas. (MATO GROSSO, 2008, p. 58)

<sup>8</sup> Entre eles Courtney Cazden, Bill Cope, Mary Kalantzia, Normam Fairclough, Jim Gee, Gunther Kress, Allan e Carmem Luke, Sara Michaels e Martin Nakata.

significados dos textos multimodais. Para Rojo (2012), esta diversidade cultural, que aliás é muito evidente nas escolas brasileiras, se comunica, se informa e se manifesta por meio de textos semióticos ou multimodais. A autora continua explanando que essa pluralidade de culturas e de linguagens abre possibilidades de experimentos e comunicações nunca antes vistas, por isso, neste contexto, são requeridas novas éticas e novas estéticas.

Para Rojo (2012, p. 16), essa nova ética já não se enquadra tanto na propriedade de direitos autorais ou de rendimentos, mas no “diálogo (chancelado, citado) entre novos interpretantes”. As novas estéticas também surgem com critérios próprios de gosto, de apreciação e de estética. Na produção e recepção de textos midiáticos, o gosto, o valor e a percepção estética variam muito de uma pessoa para outra. A escola tem o trabalho de tomar para si a responsabilidade de desvelar essas questões aos alunos, enfatizando sempre o respeito mútuo e a ética, isto se faz:

[...]discutindo criticamente as “éticas” ou costumes locais, constituir uma ética plural e democrática; discutindo criticamente as diferenças “estéticas”, construir variados critérios críticos de apreciação dos produtos culturais locais ou globais. (ROJO, 2012, p. 28)

Os multiletramentos são um fato em nossa sociedade globalizada e multicultural. Surgiram devido às mudanças da linguagem no século XXI que, a partir de então, sofreria influência da mídia digital, mídia esta que consegue relacionar todas as multiplicidades de linguagens, como o áudio, as imagens estáticas (as fotografias/pinturas) e as imagens em movimento (cinema/vídeos). A tecnologia digital possibilita todas essas linguagens juntas, ao mesmo tempo e no mesmo texto. Esse processo é chamado na atualidade de multimodalidade ou multissemiótica dos textos, que para Rojo (2012, p. 19) são “textos compostos de muitas linguagens (modos, ou semiotes) e que exigem capacidade e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”. Por isso os multiletramentos são importantes, por permitir compreender e produzir esses textos tão plurais.

Essa nova forma de produção textual fez surgir também os hipertextos que, de acordo com Lemke (2002, apud LORENZI e PÁDUA, 2012, p. 37), “diferem dos textos impressos por não serem somente a justaposição de imagens e textos, mas por ter um design que permite várias interlocuções, possibilidades diversas de trajetórias e múltiplas sequências”. O autor ainda nos mostra que a diferença entre o texto impresso e o hipertexto não está somente no fator tecnológico, mas no fato de que as redes de conexões dos hipertextos nos fazem criar expectativas sobre os links que estão ligados a diferentes segmentos textuais, e também ao fato de que a interação entre esses segmentos não segue uma estrutura padronizada. Para Braga (2005) os hipertextos são disponibilizados em rede, os quais acessamos de maneira não linear,

com opções de caminhos para a leitura. “A quebra da linearidade é uma característica da disponibilização de todo hipertexto, mesmo aqueles abertos para inserção de novos *links*”, (BRAGA, 2005, p. 145, grifos do autor).

O hipertexto construído de forma multimodal, no qual interagem palavras, sons e imagens, de maneira interligadas para construção de sentidos, passa a ser chamado de hipermodalidade ou hiper mídias. As autoras Lorenzi e Pádua esclarecem sobre esta união entre hipertexto e multimodalidade:

[...] “hipermodalidade” amplia o sentido de multimodalidade, ao extrapolar o texto planejado e linear: não se trata mais de uma justaposição de texto, imagens e sons; trata-se de um *design* diferenciado que interliga as modalidades. O hipertexto e as hiper mídias, viabilizados por meio de *links*, apresentam múltiplas sequências e possibilidades de trajetória. (LORENZI e PÁDUA, 2012, p. 38)

Segundo Braga (2005, p. 150), a hipermodalidade dentro de uma estrutura hipertextual, gera uma nova realidade no processo comunicativo que vai além das possibilidades de interpretação que os textos multimodais tradicionais podem proporcionar. Esta potencialidade de comunicação pode favorecer a construção de materiais mais instrutivos e pedagógicos, “já que uma mesma informação pode ser complementada, reiterada e mesmo sistematizada ao ser apresentada ao aprendiz na forma de um complexo multimodal”.

Os hipertextos e as hipermodalidades exigem, não somente que o leitor seja alfabetizado, mas que tenha capacidade crítica na leitura de todas as linguagens presentes nestes textos. Um exemplo a ser citado, são publicações falsas nas redes sociais. Sem a habilidade de analisar as imagens e perceber que se tratam de montagens ou textos mal feitos, desproporcionais, qualquer pessoa pode acreditar que aquela publicação é verdadeira e é assim que se propagam as fake news. As pessoas não podem ser ingênuas nesse tipo de leitura, deve-se investigar as informações vistas e lidas para que não virem pós-verdades, se aceitas.

A proposta dos multiletramentos incentiva um aluno crítico, autônomo e criativo, sujeito de sua aprendizagem, transformando-o em criador de sentido. A escola precisa se aliar aos recursos tecnológicos e os professores utilizá-los a seu favor. Como as tecnologias digitais já estão se incorporando ao formato dos gêneros textuais, o produto final deste trabalho dissertativo foi a produção de hipercontos, de modo a aliar letramento literário à tecnologia digital. Para isso, exploramos a combinação das linguagens escrita, oral, visual, ou seja, formas semióticas e multimodais, tecendo, assim, a materialização do texto literário, permitindo a participação do aluno de forma interativa.

### 3.1 Hiperconto: para seguir o caminho da literatura digital

Carvalho e Coelho (2018, p. 177) consideram que a relação existente entre a linguagem e o texto literário se cumpre na medida em que evoluem os conceitos e o “entendimento sobre a aplicação do uso da língua nas sociedades humanas”. Para os autores os suportes que atualmente veiculam os textos literários afastam-se cada vez mais dos meios totalmente impressos e evidenciam-se em novos ambientes que antes não pertenciam à literatura. É importante entender os suportes que veiculam as produções literárias, pois é por meio deles que tais produções vão transitar nos diversos contextos sociais possibilitando que a literatura se torne cada vez mais acessível.

A literatura no século XXI acompanha a evolução tecnológica e o leitor de hoje precisa dar conta desse universo cognitivo, dessa transformação da linguagem, já que os textos se apresentam cada vez mais multimodais. Carvalho e Coelho (2018, p. 177) continuam a enfatizar que “promover uma nova maneira leitora, unindo a leitura literária e os novos suportes tecnológicos, sem desprezar, logicamente, o livro impresso e seu valor material, faz-se necessária”. E nunca a sociedade leu tanto como agora, isso porque a leitura passou a se materializar em diferentes espaços, antes somente em livros impressos, hoje em muitos suportes como notebooks, smartphones e tablets e neste mundo de opções de leituras, a escola tem o papel de conduzir o estudante para textos de qualidade, desta forma, Souza e Schlindwein (2018, p. 86), reitera que “o aluno tem a possibilidade de ler em diferentes lugares, textos de todos os tipos, cabendo ao professor direcioná-lo para que ele utilize seu celular para ler também o texto literário, ou seja, contos, crônicas, poemas, fábulas, etc”.

A literatura digital torna-se muito interessante neste contexto de navegação em rede, uma vez que ela é criada e executada em um meio digital e para ser lida numa tela de computador, nisso ela se diferencia da digitalização da literatura que foi produzida para ser impressa. Ou seja:

[...]trata-se de obras literárias pensadas para a tela, tanto a produção quanto a leitura, a exemplo da cyberpoesia e do miniconto de ouvir. Essa vertente da literatura geral é marcada pela animação, pelo hipertexto e pela interatividade entre autor e o leitor, o que a torna bastante interessante, principalmente para os adolescentes, que geralmente gostam de textos mais interativos. (SOUZA e SCHLINDWEIN, 2018, p. 86)

No que se refere à variedade, a literatura digital de acordo com Hayles (2009, p. 23) “são ricamente diversas, abarcando todos os tipos associados com a literatura impressa e acrescentando alguns gêneros únicos ao meio eletrônico em rede e programável”. Para a autora, essa literatura se materializa por meio de redes de jogos, animações, artes digitais, filmes e

desenhos gráficos. Hayles (2009) continua a afirmar que as ficções interativas expandem o repertório literário, quando alternam os jogos com componentes da narrativa, no qual o leitor pode assumir um papel ora de intérprete ora de produtor. Cani (2017), aclara que nesse contexto, surge o hiperconto digital, uma versão canônica do conto literário, mas no formato digital, cuja:

[...] tipologia narrativa permite a integração de imagens, sons, formatos diferentes e o uso de hiperlinks, dentre outras possibilidades, para a efetivação da interatividade com o leitor. O hiperconto permite que o leitor faça suas escolhas para dar vida a uma narrativa; assim, pelo suporte digital, ele vai desenhando sua história pelas escolhas sugeridas pelo autor/designer. (CANI, 2017, p. 119)

De acordo com as concepções de Souza e Schlindwein (2018, p. 90) o hiperconto é um dos gêneros da literatura digital e não é muito conhecido pelo público brasileiro, haja vista que é relativamente novo, seu surgimento é datado no ano de 2009, “quando foi criado por Marcelo Spalding, um nome expressivo da literatura digital brasileira”. Para os autores, esse texto é geralmente hipermodal, o que o torna bem diferente do conto tradicional, mas conserva suas principais características “como ser curto, com poucos personagens, com uma única história desenvolvida e com um único clímax” (SOUZA e SCHLINDWEIN, 2018, p. 91). Aliado a esses elementos narrativos, temos as imagens em movimento, cores, sons e links que, de acordo com os autores, este último é o item mais importante, uma vez que possibilita aos leitores fazerem escolhas para formar o texto e a maneira como deve ser lido. Os autores ainda postulam que essa interatividade é “algo que encanta pois quem está lendo se sente importante na construção da tessitura textual, diferentemente do que ocorre no conto impresso, cujo desenrolar da história não é aberto e o seu fim já fora decidido previamente”.

Nesse sentido, estimular a construção de hipercontos pode produzir aulas criativas e estimulantes, desenvolvendo no aluno a capacidade leitora, pesquisadora e produtora de textos escritos, semióticos e hipermodais, conduzindo-os desta forma, ao contexto da literatura digital.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao planejarmos esta proposta de intervenção, priorizamos a formação do sujeito leitor e a valorização da subjetividade dos alunos no ato da leitura, ou seja, a experiência de vida e visão de mundo que carregam consigo. Considerando que o ensino da literatura é democratizante e que o “livro ainda é o objeto cultural mais barato e acessível” à população (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 28), devemos então, nos preocupar em formar leitores literários e mostrar que a literatura é fascinante e libertadora.

Desta maneira, ao considerarmos o ensino literário como democratizante, temos então a percepção que ensinar literatura é dar espaço e voz às mais diversas formas de pensar, de agir, de sentir e aqui podemos incluir também o incentivo e valorização da cultura e literatura regional. Como o ensino da literatura produzida em Mato Grosso ainda é pouco difundida no meio escolar, precisamos de ações que efetivem seu ensino nas escolas do estado. Para isso, a proposta de trabalho teve como orientação metodológica a Pesquisa-ação.

Esse tipo de pesquisa é associado a diversas formas de ação coletiva, ou para buscar resolução de problemas, ou para gerar transformação, exigindo a participação de todos (pesquisadores e interessados). Os participantes analisam os problemas, tomam decisões e executam ações. Ela possui base empírica, ou seja, baseada na descrição, observação e ação de situações reais:

Os temas e problemas metodológicos aqui apresentados são limitados ao contexto da pesquisa com base empírica, isto é, da pesquisa voltada para a descrição de situações concretas e para a intervenção ou a ação orientada em função da resolução de problemas efetivamente detectados nas coletividades consideradas. (THIOLLENT. 1986, p. 9)

Para o desenvolvimento da pesquisa, tivemos como inspiração os pressupostos de produção de leitura subjetiva proposto por Rouxel (2012) e do letramento literário proposto por Cosson (2018), Cosson e Souza (2011), Cosson e Paulino (2009), estudo do conto de acordo com Piglia (2004) e Cortázar (1974) com foco na literatura produzida em Mato Grosso. Houve também, a produção de hipercontos como atividade de criação envolvendo o uso das tecnologias digitais, de modo a promover os multiletramentos, preconizados por Rojo e Moura (2012), organizadores das produções de vários autores que originou o livro: *Multiletramentos na escola*.

Buscamos priorizar o papel do leitor na construção do sentido do texto literário. Para isso, motivamos os alunos a reviverem memórias que marcaram a infância e a vida de seus familiares ou, se preferirem, a história de vida deles mesmos, de forma a transporem para os

seus textos sua interpretação de mundo, com um novo olhar, um novo sentido. Assim como acontece nos contos de Gabriel de Mattos, os alunos foram levados ao passado, resgatando histórias familiares ou individuais de amor, injustiças, lutas e superações, enfim, acontecimentos que perpassam a vida de qualquer ser humano.

A pesquisa teve a participação dos alunos do 8º ano do ensino fundamental II da Escola Estadual Luiz Carlos Ceconello e foi utilizado o método qualitativo que emprega procedimentos de interpretação, a partir dos dados coletados, sendo esses dados simbólicos, situados em um determinado contexto e que de alguma forma expressam parte da realidade do indivíduo. O objeto principal desta pesquisa foi contribuir com o letramento literário, e permitir aos alunos que sejam leitores capazes de refletir, criticar e usar a palavra ao seu favor, de mudar o mundo ou pelo menos o mundo em que vivem. Fazê-los também conhecedores de sua cultura e de sua identidade por meio das produções literárias de Mato Grosso.

#### 4.1 Local de aplicação do projeto

Figura 2 – Frente da Escola Luiz Carlos Ceconello



Fonte: Blog da escola<sup>9</sup>

A Escola Estadual Luiz Carlos Ceconello está localizada no município de Lucas do Rio Verde/MT, situada no médio-norte do estado, a aproximadamente 350 km da capital, Cuiabá. O município possui aproximadamente 65.534 habitantes, conforme última estimativa do IBGE 2019, provenientes principalmente da região Sul e Nordeste do Brasil. A escola está situada na rua Peroba, nº 1010, bairro Cerrado, Lote Único. Foi criada através do Decreto nº 1751/08 de 23/12/2008, CEP 78455-000. Atende a alunos do bairro que se situa e também dos bairros circunvizinhos como: Jd. Primavera I e II, Parque das Araras, Jd. Imperial, Jd. Palmeiras, Bairro

<sup>9</sup> Disponível em: <http://escola-ceconello.blogspot.com/>. Acesso em: 18 de mar. 2021.

Rio Verde, Jd. Amazonas I e II, Bairro Veneza I e II. A escola tem aproximadamente 850 alunos e atende ao ensino fundamental I e II do 1º ao 9º ano, nos períodos matutino e vespertino. Conta com 73 funcionários, sendo 48 professores, 9 técnicos administrativos, 9 apoios administrativos, 3 vigias, 1 diretora e 3 coordenadoras pedagógicas.

Os alunos envolvidos no projeto possuem aproximadamente entre 12 e 14 anos de idade e são de famílias de classe baixa à classe média baixa, que trabalham geralmente no comércio ou de forma autônoma.

A escola possui um prédio relativamente novo, com dois pisos e conta com refeitório, sala de professores, sala da direção, sala da coordenação, secretaria, cozinha, sala de apoio pedagógico, sala equipada para rádio escola, quadra coberta com arquibancada, banheiro e vestiário. Possui ainda uma biblioteca integrada ao laboratório de informática.

O nome Luiz Carlos Ceconello é uma homenagem prestada pela comunidade luverdense a este homem que foi um dos colonizadores do município e que contribuiu para o seu crescimento e desenvolvimento, formou-se em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e teve forte atuação na implantação do Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL. Atuou como professor voluntário na primeira escola do município: Escola Estadual Dom Bosco e foi diretor da Escola Universal Dois Mil. Em 1980 iniciou suas atividades como agricultor, no assentamento que mais tarde deu origem ao município de Lucas do Rio Verde.

O município se tornou um polo de desenvolvimento do estado devido ao agronegócio e é conhecida por ter um dos melhores Índice de Desenvolvimento Humano (IDHs) do país, conforme relatório da Organização das Nações Unidas (ONU).

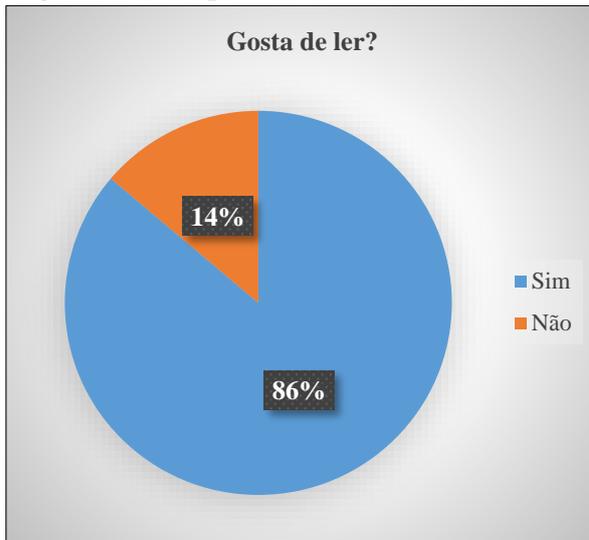
O projeto de intervenção aconteceu entre março de 2020 a outubro de 2020.

## 5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

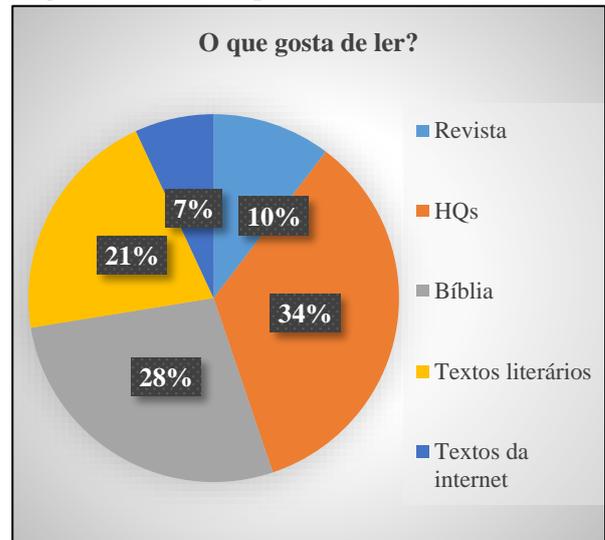
Antes de começarmos a motivar os alunos para a leitura dos contos do escritor Gabriel de Mattos, proporcionamos uma imersão no significado da palavra literatura, pois partimos do pressuposto de que o aluno precisa reconhecer e entender o que é um texto literário, saber diferenciá-lo de um texto publicitário, informativo ou científico. Percebemos que nossos estudantes quase não conseguem estabelecer tais diferenciações, mas compreendemos que isso faz parte do processo de letramento literário. Eles leem, salvo algumas exceções, um conto, uma crônica, um poema, da mesma maneira que leem uma notícia ou uma bula de remédio, sem emoção, sem uma interpretação subjetiva. Perrone-Moisés (2000) alerta para um apagamento da palavra literatura nos documentos oficiais, reforçado por Cosson (2017, p. 13) que reitera sobre a situação da literatura nos livros didáticos, que é o apoio pedagógico mais utilizado pelos professores. O autor reforça que esses espaços, “tradicionalmente destinados à literatura na escola, são agora fragmentos recortados, adaptados ou condensados de gêneros, modalidades, contextos culturais e temas que passam ao largo da literatura”. Para conhecer um pouco os hábitos de leitura dos alunos e a percepção literária que trazem com eles, realizamos uma pesquisa qualitativa para ajudar no trabalho de escolarização da literatura e consequentemente contribuir com o letramento literário.

### 5.1 Pesquisa 1 – Conhecimento dos hábitos de leitura da turma

Para conhecer o nível do gosto pela leitura da turma do 8º ano realizamos uma pequena pesquisa na qual os alunos tinham que responder a questões simples, de múltipla escolha, sobre a sua disposição em ler, seus textos preferidos, como conseguem os livros e se conhecem alguma obra da literatura mato-grossense. A maioria da turma colaborou e respondeu de forma satisfatória. A primeira pergunta da pesquisa está relacionada ao gosto pela leitura. Os alunos tinham que responder se gostavam ou não de ler. A maioria da turma respondeu que gostava de ler. A segunda pergunta diz respeito ao tipo de leitura que mais os agradavam, aqui observamos que os alunos falam que gostam de ler, mas a leitura literária ainda não é a preferida. Eles mostraram que leem revistas, histórias em quadrinhos, bíblia e por último, textos literários. Houve dois alunos que acrescentaram na pesquisa que leem variados textos da internet, como demonstrado na figura 3. Na ocasião esses alunos comentaram que os textos preferidos para a leitura são aqueles que circulam nas redes sociais como memes e notícias.

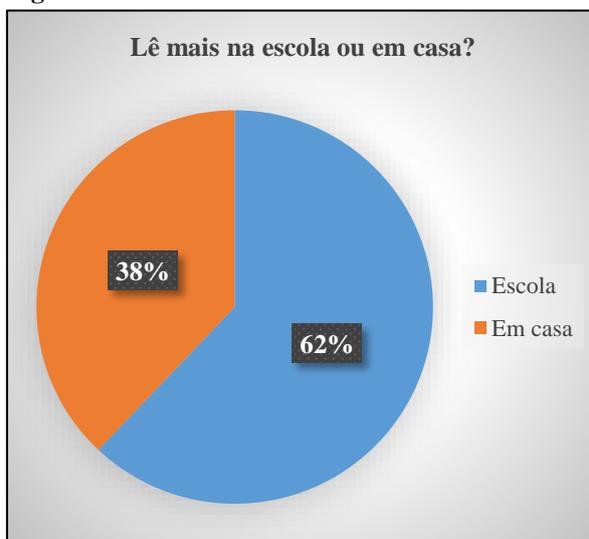
**Figura 3 - Gosto pela leitura**

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

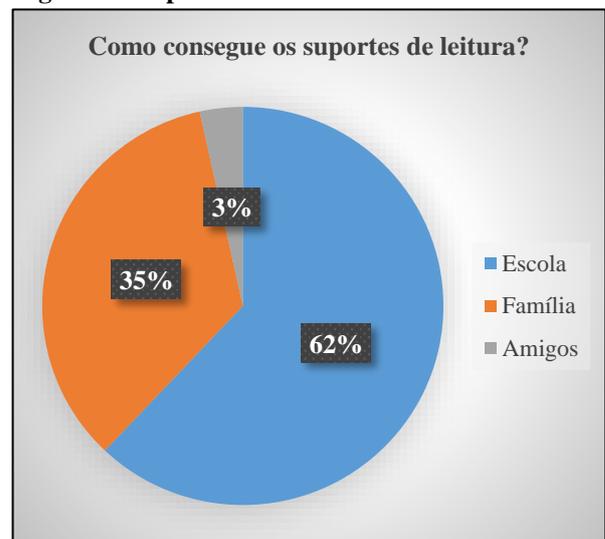
**Figura 4 - Gosta de qual leitura**

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Em seguida, para entendermos a dinâmica da leitura dos alunos, perguntamos qual o local que mais eles leem, na escola ou em casa, e para complementar questionamos ainda como conseguem os suportes para as leituras. Explicamos que suportes são os lugares em que o texto se encontra como jornais, revistas, livros didáticos, livros literários, e-books, etc. Na maioria das respostas a escola é a primeira opção para os alunos conseguirem os livros, revistas, história em quadrinhos ou outros suportes e é também nela que os estudantes mais leem. A família se encontra como segunda opção da turma. Aqui fica evidente que a escola é muito importante no processo de formação do sujeito leitor e é por meio dela que a maioria dos estudantes tem o primeiro contato com a literatura, como podemos conferir nos gráficos:

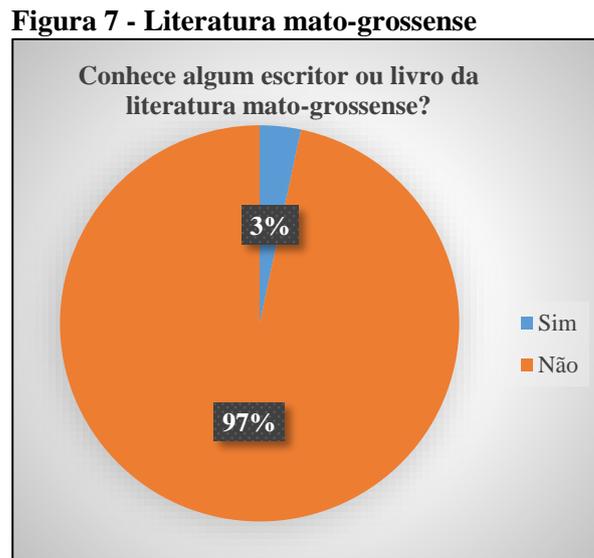
**Figura 5 - Local de leitura**

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

**Figura 6 - Suporte de leitura**

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Em sequência, a última pergunta desta primeira etapa da pesquisa, está relacionada à literatura produzida em Mato Grosso. Questionamos se a turma já tinha lido ou ouvido falar de alguma obra literária de escritores mato-grossenses. Como esperado, a maioria nunca teve contato com a literatura regional, somente um aluno respondeu que sim, mas não conseguiu se lembrar do autor e nem da obra, demonstrado no gráfico:



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Diante dos dados colhidos percebemos que a turma tem apreço pela leitura, no entanto, não existe ainda uma preferência pela leitura literária. Os alunos leem os mais diversos tipos de textos e a escola é o maior espaço de leitura e o mais utilizado por eles. Confirmamos ainda, que a literatura produzida em Mato Grosso é desconhecida pela maioria expressiva da turma, noventa e sete por cento (97%) o que equivale a vinte e oito alunos que nunca tiveram contato com nenhuma obra literária regional. Nesse sentido, reiteramos que a escola é a maior incentivadora da leitura literária, é nela que a maioria dos alunos, desde a educação infantil, tem o primeiro contato com a literatura. Então, consideramos que a escola tem a função de trabalhar com o texto literário, inclusive o produzido em contexto regional, de modo que ele faça sentido para os alunos, pois o aluno pode, por meio desse texto, desenvolver um sentimento de pertencimento, de identificação, ou de reflexão sobre temas universais. Acreditamos que esse é um dos modos para fazer com que a literatura conquiste a preferência dos estudantes.

### 5.1.2 Pesquisa 2 – Conhecimento prévio dos alunos sobre o conceito de literatura

No primeiro dia de intervenção que aconteceu no dia 09 de março de 2020, iniciamos com esclarecimentos acerca da proposta da pesquisa e em seguida propusemos que os alunos respondessem por escrito a seguinte questão: o que é literatura ou que é um texto literário? Pedimos para que entregassem as respostas anonimamente, e confirmamos a partir destas, que a literatura se torna apagada cada vez mais no contexto escolar e que poucos alunos têm noção do que se trata. Dos vinte e nove alunos participantes da pesquisa, dezessete responderam que não sabiam ou nunca ouviram falar, o restante da turma afirmou que literatura era:

**Quadro 1- Percepção sobre literatura**

Alunos	Respostas
Aluno 1	Texto científico
Aluno 2	Histórias para crianças e adultos
Aluno 3	A biodiversidade de livros e leitores
Aluno 4	Algum tipo de leitura
Aluno 5	Um texto sobre o autor
Aluno 6	Um texto literário é para ler ou para ouvir, eu acho não sei muito
Aluno 7	É as pessoas lendo, tipo muitas pessoas lendo
Aluno 8	É uma forma de leitura
Aluno 9	Pra mim literatura é ler
Aluno 10	É ler um texto bem legal
Aluno 11	É um livro criado por autores e leitores
Aluno 12	É um livro apresentado por autores

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Como podemos observar, mais da metade dos alunos não sabem o que é um texto literário e nem se arriscam a responder porque não tem noção do que escrever. Porém 12 alunos tentam descrever o que para eles é a literatura e apresentam boas respostas como: histórias para crianças e adultos, tipo de leitura, texto bem legal, mas alguns alunos respondem de forma insegura como o aluno 6 ou ainda afirmam que a literatura é um texto científico como o aluno 1 (que não está errado, uma vez que as diferentes áreas do conhecimento usam o termo literatura como sinônimo de referencial teórico, mas diante do contexto da pesquisa, imaginamos que o aluno não entendeu a pergunta), ou somente conseguem associar a literatura ao ato de ler. Observamos com tais respostas, que os alunos têm a percepção de que a literatura é um texto

ficcional ou poético, mas, talvez não tenham se dado conta de que ela trabalha com o imaginário individual e coletivo de uma dada cultura, e é uma forma de arte.

Em seguida, estabelecemos a diferença entre um texto literário e um texto não literário. Mostramos diversos tipos de textos que têm a função de informar, instruir ou persuadir como receitas culinárias, bula de remédio, placas de trânsito, propagandas, manual de instrução etc. A maioria dos alunos se mostrou bem habituada com esses textos, posto que são bem difundidos no livro didático e estão sempre presentes no seu dia a dia. Buscamos enfatizar tais diferenças para os alunos com base nos pressupostos de Isabel Solé (1998), cuja orientação nos permite entender que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto e para que isso ocorra é necessário que este leitor seja ativo. A autora ainda reitera que para alcançar essa interação é preciso compreender que sempre existe um objetivo, uma finalidade para a leitura que pode ser a mais variada possível como um momento de prazer, uma informação, uma instrução, uma pauta e que esses objetivos devem ser considerados quando se trata de ensinar os alunos a ler e compreender um texto. Solé (1998) ainda postula que o leitor constrói o significado do texto a partir do seu conhecimento prévio, do objetivo e do próprio texto e, para entender as informações presentes neles, é necessário conhecer suas diferentes estruturas. Como exemplo, a autora diz que a estrutura de um conto é diferente de uma enciclopédia, de um livro de receitas ou de uma matéria de jornal. Tais diferenças “impõem restrições à forma em que se organiza a informação escrita, o que obriga a conhecê-las, mesmo que intuitivamente, para se compreender esta informação de forma adequada” (SOLÉ, 1998, p. 22). Com isso, defendemos que os alunos precisam conhecer a estrutura e o objetivo de um texto literário para que este texto tenha significado para eles. Para exemplificar, Solé (1998, p. 83) esclarece que:

Um primeiro motivo pelo qual é importante distinguir entre os textos que usamos é porque, como tais, eles são diferentes. Não é a mesma coisa ler este livro que um romance – não acha? –, nem um relatório de pesquisa que uma aventura de Rintintin.

Logo em seguida, enfatizamos para os alunos o que é um texto literário, mostramos a eles que são construções textuais que utilizam uma linguagem elaborada com o objetivo de causar emoção no leitor e que pode utilizar a memória, a realidade, o cotidiano como inspiração. Explicamos, ainda, que textos literários são artísticos e demandam muita criatividade do escritor e diversas interpretações do leitor. Mostramos em seguida vários exemplos de textos literários como contos, fábulas, poemas, cordéis, romances. A turma se entusiasmou quando colocamos no Datashow romances mais clássicos como o *Pequeno príncipe* (1943) e *Meu pé de laranja lima* (1968) e também romances mais atuais como *A culpa é das estrelas* (2012) e *Como eu era*

*antes de você* (2016). A maioria dos alunos relataram já terem assistido aos filmes dos dois últimos romances.

Em seguida, no intuito de ampliar o contato dos alunos com a literatura e fazê-los compreender que ela se faz presente nas diversas formas de manifestações artísticas, mostramos à turma os diferentes formatos e veículos nos quais ela pode se revelar e que Cosson (2017, p. 15) denomina como “avatares da literatura”. Apresentamos alguns avatares como a canção popular que, para Cosson (2017) é uma manifestação literária por si mesma, cuja letra evidencia um parentesco com a poesia. Como exemplo exibimos algumas canções como *Pais e Filhos* da Legião Urbana, *Carinhoso* de Pixinguinha e João de Barro, *Rosa de Hiroshima* de Vinicius de Moraes e *Coração de estudante* de Milton Nascimento. Neste momento houve muito alvoroço na turma e todos queriam falar sobre suas músicas preferidas. Depois das canções, outro avatar mencionado foi o filme que, de acordo com Cosson (2017), a parte literária encontra-se no roteiro, o qual orienta a narrativa e as falas das personagens. Explicamos também que o filme é uma interpretação do diretor e uma criação coletiva que leva em conta uma série de aspectos como a fotografia, a música, o figurino e a atuação dos atores. Apresentamos para os alunos filmes que foram baseados em obras literárias como *Alice no país das maravilhas*, *Harry Potter*, *O auto da compadecida*, *O curioso caso de Benjamin Button*. Os alunos citaram também os filmes *Como eu era antes de você* e *A culpa é das estrelas* já mencionados antes. Citamos ainda que pinturas, séries e telenovelas também se movem no terreno do espaço literário e com isso mostramos à turma que a literatura pode se manifestar em “qualquer lugar”, como afirma Cosson (2017).

Diante dessas explicações, observamos que a maioria dos alunos conseguiram entender a diferença entre um texto literário e um texto não literário e, ainda, perceberam que a literatura se encontra presente não somente no texto escrito, mas também atravessa várias manifestações e produtos culturais que proporcionam ficção, arte, entretenimento e emoção. Percebemos que a escola precisa estreitar os laços da literatura com os alunos, para que ela não seja esquecida. “Se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus de conhecimento”. (COSSON, 2017, p. 15)

### **5.1.3 Pesquisa 3 – Conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero conto**

Para verificar se os alunos tinham algum conhecimento sobre o gênero conto, propusemos para a turma responder à seguinte pergunta por escrito: De acordo com eles, o que

seria um conto? Observamos que depois de elucidar sobre o que era um texto literário, os alunos conseguiram responder a esta questão mais coerentemente do que às anteriores, como podemos observar no quadro a seguir:

**Quadro 2-Conhecimento sobre o gênero conto**

Alunos	Respostas
Aluno 1	Uma história imaginada
Aluno 2	Uma história imaginária
Aluno 3	É uma história, às vezes verdadeira, às vezes falsa
Aluno 4	É uma coisa que eles inventam e que não existe
Aluno 5	É uma história criada para as pessoas acharem interessante e divertida
Aluno 6	É uma fábula
Aluno 7	É uma história que tem príncipe, princesa e tudo o que é encantado
Aluno 8	É uma fábula de uma história do que aconteceu
Aluno 9	É uma ação
Aluno 10	É um tipo de texto que usa bastante a ficção
Aluno 11	É sobre rei, princesa, fadas, rainha, castelos
Aluno 12	Geralmente é uma história fantasiosa que passa em tempos antigos como a era medieval
Aluno 13	É quando uma pessoa conta uma história
Aluno 14	É uma história fictícia
Aluno 15	É uma história contada que pode ser falsa ou real

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Ainda houve dois alunos que responderam que não sabiam o que é um conto, nove alunos que escreveram que o conto é uma história e mais três alunos que responderam que o conto é uma história fantasiosa. A partir dessas informações, percebemos que a maioria dos alunos concordam que um conto é uma história que usa a imaginação, a fantasia, a ficção e que também pode se basear em fatos da realidade, como afirmam os alunos 3 e 15. Observamos também que alguns alunos descrevem características típicas de contos de fadas como personagens (rei, rainha, princesa, fadas), lugares (castelos) e tempo (tempos antigos, era medieval). Tais características mencionadas evidenciam que a conceituação do gênero conto pelos alunos ainda sofre influência das narrativas conhecidas no ensino fundamental I, ou seja, eles evidenciam um letramento que já começou desde a primeira infância. O intuito da intervenção é ampliar a percepção de temas que este gênero pode contemplar, especialmente no que tange à interpretação da realidade, à dimensão humana, à realidade social e cultural de um povo. Gradativamente, nossa tarefa é também ainda fazê-los perceber que um conto possui

uma história visível e outra secreta, conforme defendido por Piglia (2004) e, ainda, a intensidade e a tensão presente nos textos de acordo com os pressupostos de Cortázar (1974).

Após a pesquisa, realizamos a conceituação do gênero, de forma a enfatizar suas características como enredo único, simplicidade, curto espaço de tempo, início próximo ao fim, poucos personagens e final súbito. Aproveitamos a aula e revisamos também os elementos e a estrutura da narrativa. Esclarecemos ainda que os contos podem se dividir em vários tipos e mostramos por meio do Power point alguns fragmentos, para fins de exemplificação, de contos de ação, contos de encantamento, contos de enigma, contos de fadas, contos fantásticos, conto jocoso, conto maravilhoso, conto de mistério, etc. Buscamos apresentar as diferenças entre os contos e suas principais características, ao final da aula propusemos a seguinte reflexão: O gênero conto é literatura e por quê? Como esperado, a maioria dos alunos responderam afirmativamente, que o conto é um texto literário e algumas das respostas foram: porque nos leva ao mundo da imaginação, nos faz pensar, nos dá lições de vida, reflete a realidade, é uma arte.

Para incentivar a leitura dos contos de Gabriel de Mattos que pertence à literatura de Mato Grosso, apresentamos aos alunos alguns contos regionais de autores nordestinos, mineiros e gaúchos. Explicamos que alguns contos têm características peculiares de cada região, que podem mostrar as tradições, lendas, comidas típicas, religiosidade, linguajar próprio, ou podem simplesmente abordar temas gerais que envolvem a vida humana.

## **5.2 Antes da leitura**

Há concordância entre alguns autores de que é necessário incentivo ou uma preparação antes de começar qualquer leitura. É preciso aguçar a curiosidade e o conhecimento prévio dos alunos para envolvê-los no texto, atribuindo-lhe sentidos. De acordo com Solé (1998), algumas estratégias como dar uma explicação geral sobre o tema da leitura faz com que alunos consigam relacioná-lo com suas experiências de vida. Cosson (2017), na perspectiva do letramento literário, reitera que é preciso preparar o aluno para entrar no texto, e isso se faz proporcionando ao estudante situações em que ele se posicione diante do tema, o explore e o questione, de forma a aproximá-lo da obra a ser lida. Cosson e Souza (2011, p. 104) também defendem estimular o conhecimento prévio dos alunos como uma das estratégias para a leitura, para os autores “ [...] antes de ler, as crianças geralmente acionam conhecimentos prévios que podem estar

relacionados às ideias do texto. A atividade de acionar essas informações interfere diretamente na compreensão durante a leitura”.

Diante dos pressupostos dos autores, fica evidente a importância de motivar os alunos para a leitura, e assim estabelecer laços com o texto que ele vai ler posteriormente. Como trabalhamos com contos da literatura produzida em Mato Grosso, apresentamos aos alunos alguns elementos ligados à cultura do estado como músicas, danças e comidas típicas, festas religiosas, artesanatos, pinturas, esculturas e tradições, de forma a ativar o conhecimento prévio da turma para que a leitura dos contos estimule neles as percepções sobre as memórias do lugar. A seguir algumas imagens apresentadas aos alunos:

**Figura 8 - Cultura mato-grossense**



Fonte: Coisas de Mato Grosso<sup>10</sup>

**Figura 9 - Danças típicas**



Fonte: Foto de Luiz Henrique de Menezes<sup>11</sup>

**Figura 10 - Festividades religiosas**



Fonte: Green Village<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.coisasdematogrosso.com.br/mato-grosso/cultura/>. Acesso em: 02 Mar. 2020.

<sup>11</sup> Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer. Disponível em: <http://www.cultura.mt.gov.br/-/7958292-flor-ribeirinha-conquista-o-1-lugar-em-festival-na-turquia>. Acesso em: 02 Mar. 2020.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://greenvillagemt.blogspot.com/2013/05/vila-bela-da-santissima-trindade.html>. Acesso em: 02 Mar. 2020.

Apresentamos ainda aos alunos algumas festividades que são tradicionais em Mato Grosso como Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade, Cavalhada de Poconé, Circuito das quadrilhas do Araguaia e a festa do Divino e São Benedito que acontece em Cuiabá. Passamos também dois pequenos vídeos, um feito pela Câmara de Vereadores de Nova Mutum em comemoração à Semana de Mato Grosso que mostra músicas e danças típicas. Outro vídeo foi sobre o grupo Flor Ribeirinha que venceu um campeonato mundial de danças folclóricas realizado na Turquia no ano de 2016. Os alunos gostaram muito de ver que Mato Grosso é rico em diversidade cultural, a maioria nunca tinha visto nada sobre as tradições mato-grossenses. Na ocasião um aluno relatou que seu cunhado sabia dançar o Siriri e que ele podia fazer uma apresentação para a turma.

Começamos a aula do dia seguinte 16 de março de 2020 com a leitura do conto “Ditinho e o Fogueteiro Fantasma” de Gabriel de Mattos. Na ocasião, não identificamos o autor e nem a obra porque ficaria para a outra fase da aplicação. A leitura foi realizada no propósito de mostrar um conto pertencente à literatura produzida em Mato Grosso e que evidenciasse alguma tradição regional. O enredo do conto gira em torno da maior festa católica de Cuiabá, a festa de São Benedito e descreve os preparativos para a comemoração que começa antes do sol raiar e envolve o trabalho árduo dos cuiabanos para preparar as danças, decorações, comidas e músicas. O conto evidencia lugares importantes de Cuiabá, a missa na igreja do Rosário e São Benedito, o famoso chá com bolo, a vestimenta para a festa, os foguetes, a tourada, o baile, enfim toda a tradição que permeia o festejo.

Após a leitura do conto e discussão sobre elementos da cultura mato-grossense presentes nele, começamos a debater sobre a história visível e a história secreta presentes nos contos e defendido por Piglia (2004). Procuramos abordar este pressuposto para que os alunos possam identificar essas duas histórias nos contos trabalhados posteriormente. Explicamos de maneira simples, de uma forma que a turma entendesse, que a história visível era aquela que estava escrita no conto, com seus personagens e conflitos e a história secreta estava num segundo plano, não explícito, e que ela se tornava conhecida por meio da história visível, da sua interpretação, daquilo que fica nas entrelinhas. Esclarecemos ainda que a atenção pelos detalhes no momento da leitura é muito importante para a compreensão da narrativa. Um aluno nos surpreendeu e disse espontaneamente que a história secreta servia para refletir sobre alguma coisa.

Continuamos com o debate sobre o conto e instigamos os alunos a pensarem sobre o que o garoto fez com o foguete. Então um aluno relatou que o Ditinho acendeu o foguete com a bituca de cigarro. Em seguida, os levamos a refletir quais foram as consequências ocasionadas

pelo foguete aceso. Nesse momento um grupo de alunos falou que houve um estrago na festa e que Ditinho não disse nada para ninguém, se passando por anjo inofensivo. Perguntamos o porquê do fantasma, se tinha mesmo um na história. Nesta hora, um aluno deu um pulo da cadeira e disse: “Agora entendi! Não tinha fantasma”. Ele percebeu que atribuíram ao fantasma a culpa da bagunça que o foguete causou, disparado por Ditinho, e que ninguém na festa sabia como aconteceu e quem foi o responsável. Levantamos também a questão da responsabilidade do pai do garoto, se a atitude dele influenciou na travessura do menino. A maioria não percebeu nada, mas dois alunos disseram que o pai de Ditinho foi ajudar a arrumar os bancos e mesas na festa, depois ficou numa conversa animada com outros homens e deixou o menino sozinho, sem a presença de um adulto. Além disso, o pai do garoto não queria participar da missa e com a desculpa de cuidar de Ditinho que estava com sono, fugiu da igreja e foi para a casa na qual ocorreria a festa, como descrito no trecho “O pai (que não tinha muita paciência para a missa mesmo) ia ficar baldeando as empregadas, que iriam fazer o chocolate quente, o chá e os bolinhos de arroz na casa da festa” (MATTOS, 2002, p. 22).

Outro ponto analisado no conto foi a realidade social das personagens da história. Levamos os alunos a refletirem se se tratava de famílias de baixo poder aquisitivo ou de boa condição financeira. A maioria da turma teve o entendimento que o conto revela famílias de boa situação social pois tinha carro, casa grande, empregadas. Depois das análises e discussões, pedimos para que os alunos escrevessem cinco palavras que representassem algo secreto, subtendido na história, isso foi proposto no intuito de que os estudantes pudessem construir sua própria interpretação sobre o conto. Para Solé (1998, p. 117) “Os próprios alunos devem selecionar marcas e indicadores, formular hipóteses, verificá-las, construir interpretações e saberem que isso é necessário para obter certos objetivos”. Algumas respostas no quadro a seguir:

**Quadro 3- As cinco palavras escolhidas pelos alunos**

Alunos	Respostas
Aluno 1	Mentiras, Religião, Irresponsabilidade, Preguiça do pai, Disfarce.
Aluno 2	Mentiras, Irresponsabilidade, Ocultismo, Raiva, Preguiça.
Aluno 3	Mentiras, Festas, Religião, Preguiça, Irresponsabilidade.
Aluno 4	Mentiras, Irresponsabilidade, Sonolência, Relaxado, Mimado.
Aluno 5	Mentiras, Engano, Falsidade, Vingança, Ruindade.
Aluno 6	Mentiras, Segredos, Responsabilidade, Relação entre família, religião.
Aluno 7	Mentiras, Sonolento, Pensamento, Raiva, Preguiça.
Aluno 8	Mentiras, Mal educado, Irresponsabilidade, Disfarce, Fingimento.

Aluno 9	Mentiras, Enganações, Irresponsabilidade, Falsidade, Religiosidade.
Aluno 10	Mentiras, Medo, Sono, Preguiça, Raiva.
Aluno 11	Mentiras, Irresponsabilidade, Sonolento, Medroso, Relaxado.
Aluno 12	Mentiras, Fogueteiro Fantasma, Foguete, Ditinho, Missa.
Aluno 13	Mentiras, Raiva, Sono, Disfarce, Medo.

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Como podemos perceber com essas respostas, a maioria dos alunos acham que a mentira, a irresponsabilidade, a preguiça e a religiosidade estão ligadas à história secreta do conto, uma vez que tanto o garoto que acende os foguetes e o pai que quer se livrar da missa, mentem. Muitos alunos relataram que a irresponsabilidade está presente na atitude do pai do garoto, outros disseram que toda a confusão ocorreu por causa da preguiça do menino que não deixou ele raciocinar direito sobre o que aconteceria com a explosão dos foguetes. Muitos alunos escreveram palavras que se referiam a história visível como sono, Ditinho, missa, sonolento, foguete. Na verdade, uma mistura de sono, irresponsabilidade e principalmente curiosidade fez com que Ditinho acendesse os foguetes e destruísse boa parte da festa, no final ele não revela a verdade e induz a todos a acreditarem que foi o fantasma que ocasionou a confusão.

Reiteramos que essa atividade foi realizada no intuito de prepará-los para a leitura e interpretação dos contos “Ligados com o mundo” e “Fuga do Burity” de Gabriel de Mattos.

### 5.3 Autor e Obra

Após incentivar e preparar os alunos para a leitura, alguns autores sugerem uma breve contextualização do autor e da obra a ser trabalhada. Para Cosson (2018), o estudante poderá encarar positivamente a leitura proposta, se a introdução da obra e do autor for apresentada de maneira adequada. O autor ressalta que essa apresentação não pode ser muito extensa e que é necessário expor a importância da obra de maneira a justificar a escolha. Torna-se muito importante também permitir ao aluno o contato físico com o livro. É por meio desse contato que o professor chamará a atenção do aluno para a leitura de elementos paratextuais como a capa e a orelha da obra. Solé (1998, p. 109) reitera que essa estratégia, defendida por Cosson, colabora para estabelecer previsões sobre o texto, por meio de indicadores textuais. Tais indicadores vão facilitar o entendimento dos alunos acerca do conteúdo da leitura. Para a autora, “quando nos deparamos com uma narração ou com uma poesia, pode ser muito difícil ajustá-

las ao conteúdo real, e por isso é importante ajudar as crianças a utilizar simultaneamente diversos indicadores – títulos, ilustrações, o que se conhece sobre o autor [...]”.

Então, no dia 17 de março de 2020, prosseguimos para a segunda etapa do letramento literário, a introdução da obra e do autor. Apresentamos uma pequena biografia do escritor Gabriel de Mattos e os alunos se impressionaram em saber que o autor tem título de mestre e de doutor, que é professor, arquiteto e cartunista. Em seguida, mostramos outras obras dele e a turma se interessou muito pelo livro *Quadricrônicas* (2005).

Figura 11 - Entrevista com Gabriel de Mattos

**DIÁRIO DE CUIABÁ** CAPA DC Ilustrado  
Domingo, 08 de setembro de 2019 Edição nº 10360 27/07/2002

LITERATURA Anterior | Índice | Próxima

### "A Geringonça", histórias de Gabriel de Mattos

O escritor ainda tem mais sete obras prontas, aguardando lançamento. Todos esses livros fazem parte de um projeto literário que ele vem acalentando há anos

**MIRIAM BOTELHO**  
Da Reportagem

Contador de história, Gabriel de Mattos está se preparando para lançar mais um livro, "A Geringonça" que será distribuído pela Via Lettera, de São Paulo. Vale lembrar que a obra conta com o incentivo da lei Municipal de Cultura. Mas para quem pensa que é só isso, Gabriel tem um leque de opções: entre eles República Transatlântica, Doce Irresponsabilidade, Dois e Outros Contos, Cuiabá-Duas Novelas, e no seguimento quadrinhos ainda tem Certas Imagens, Quadricrônicas e Um País em Construção. Todos em ponto de bola, esperando um futuro lançamento. Tanto que Um País em Construção, fará parte da coleção Tibanaré. Quadricrônicas será lançado pela editora da UFMT, Certas Imagens, pelo Instituto Histórico e Geográfico, e ainda tem o romance República Transatlântica que deverá sair pela lei Hermes de Abreu. Com o quadrinista Ricardo Leite, está preparando Destino Oeste. Uma história que apresenta como pano de fundo a Coluna Prestes.

Todos esses livros fazem parte de um projeto literário que o escritor vem acalentando há anos. Hoje com oito livros, ele se declara um escritor profissional. Não tem tempo ruim. Ou meses sem escrever por falta de

profissional. Não tem tempo ruim. Ou meses sem escrever por falta de inspiração. "O que falta é uma cultura que não veja o livro como um bicho de sete cabeças. É sim como uma boa opção de divertimento". Ele informa que boa parte destes títulos já foram impressos em revistas e jornais, outras, no entanto, permanecem intactos. Todos esta produção perpassa pela década de 80 até 2000.

Um bom exemplo de espera e fôlego é a obra "A Geringonça", que será lançada na primeira quinzena de agosto. Boa parte dos contos foi escrita no período de 1988 a 1995, e publicada em revistas literárias e jornais. Os textos refletem o período de transição por qual passou Cuiabá. São 15 histórias sobre a vida de pessoas que buscam seus caminhos num mundo em transformação, entre o urbano e o rural. Destaque, segundo o autor, para a Geringonça, ou Ditinho e o Fogueteiro Fantasma (criado a partir de um fato real). Nesse período o autor já trabalhava em órgãos de preservação do patrimônio histórico e urbanístico. E através do olhar do arquiteto para os problemas sociais, que surgem os contos Grande Olhos Tristonhos, ou Bar Restaurante Abrigo da Estrada.

A outra obra, Um País em Construção, segundo o autor, enfoca a controvertida saga da ocupação do Centro-Oeste no século XX, narrada por três gerações. Um trabalhador rural fugitivo das Usinas de Açúcar, transformado em mestre de obras em 1920; seu filho, criado nas lidas de empreiteiras e construtoras de Cuiabá, e o neto, que deixa a cidade em direção às frentes pioneiras de desbravamento do norte de Mato Grosso. Outro na área quadrinhos é "Certas Imagens" que conta a história desconhecida de certos cinemas, hotéis, estradas de ferro ou casas, que desafiam o tempo e levam e seus visitantes a outras eras.

Gabriel de Mattos é natural de Lavras (MG), formado em Arquitetura na UFRJ. Com o término do curso em 1984, ele fica mais dois anos no Rio de Janeiro fazendo especialização em Administração, na Fundação Getúlio Vargas. E no Rio de Janeiro que escreve o romance "Doce Irresponsabilidade". Nessa época tem cartuns publicados no Pasquim. Mattos, 41 anos, é professor de arquitetura na UFMT e UNIC.

Fonte: Diário de Cuiabá<sup>13</sup>

Apresentamos a matéria do Diário de Cuiabá porque trata do lançamento da obra *A Geringonça* (2002) e fornece informações importantes como o contexto de produção dos contos, que foram produzidos entre os anos de 1988 a 1995 e teve como fonte de inspiração experiências pessoais do autor, memórias de infância e fatos reais. Na matéria, o autor revelou que o conto "Ditinho e o Fogueteiro Fantasma" foi criado a partir de um fato real. Nesse momento, alguns alunos perceberam que foi o conto que já tinham lido anteriormente e agora ligavam o autor à obra. Outro momento importante foi quando um aluno leu a parte da matéria que falava sobre o conto "Bar e Restaurante Abrigo da Estrada". Expusemos um pouco sobre a história, então ele relatou que realmente existem essas duas estradas que ligam Acorizal a Rosário Oeste, uma bem feita com comércios e outra abandonada. Em seguida apresentamos o livro *A Geringonça* (2002) no Power point e também fisicamente para que os estudantes pudessem manuseá-lo e conhecê-lo.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=108695>. Acesso em: 12 set. 2019

Aproveitamos a ocasião para apresentar outros escritores mato-grossenses e algumas de suas obras, entre eles Luis Renato, Lucinda Persona, Santiago Vilela Marques, Luciene Carvalho, Marli Walker, Marta Cocco, Eduardo Mahon. Entre as obras apresentadas, estava o livro *Sabichões* (2017) de Marta Cocco. Ao vê-lo, uma aluna relatou que havia vários deles na biblioteca da escola, logo vários alunos se interessaram em pegar emprestado para ler em casa. Ainda durante a aula foi mencionado que ano passado (2019) aconteceu, na Câmara de vereadores de Lucas do Rio Verde, um evento chamado Conversa Literária que contou com a presença dos escritores Marta Cocco, Eduardo Mahon e Marli Walker. Os alunos ficaram bem interessados e disseram que não ficaram sabendo do evento literário que ocorreu na cidade. Alguns ainda falaram que se acontecesse outra conversa literária com escritores de Mato Grosso eles queriam participar. Essa aula foi muito marcante, pois os estudantes deixaram transparecer a curiosidade sobre os escritores, o espanto em saber que esses escritores não estão distantes, mas pertencem ao seu estado. Por isso é tão importante trabalhar com a literatura regional, ela permite que os alunos se sintam inseridos num contexto literário que faz parte da sua vida. Os alunos percebem também que existem bons escritores perto deles e não somente em grandes centros urbanos ou só nos livros didáticos.

#### **5.4 Leitura e atividades de interpretação do conto “Ligados com o mundo”**

Pegamos emprestado novamente os postulados de Solé (1998, p. 91) quando enfatiza que “nenhuma tarefa de leitura deveria ser iniciada sem que as meninas e meninos se encontrem motivados para ela, sem que esteja claro que lhe encontram sentido”. É diante desse conceito que a autora discorre tão bem, que decidimos ativar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema do conto, de forma a aproximá-los do texto, assim permitir que eles tenham condições de interpretá-lo, entendê-lo ou até criticá-lo.

O conto mostra a história de um garoto que tem um bom relacionamento com seu irmão e faz do rádio uma ponte que o liga ao mundo, um mundo imaginário proporcionado pelas falsas traduções que Zeca fazia das línguas que apareciam nas programações das emissoras de rádio. A vida adulta do irmão que vai para o exército e também a chegada da televisão que muda a rotina da família e distancia as pessoas da casa, colocando até o rádio de lado, faz com que Biu se sinta solitário e sem condições de viajar pela imaginação a outros lugares como antes. Para ajudar os alunos a estabelecer previsões sobre o conto que será lido, propusemos duas atividades, a primeira que respondessem à questão: O que te faz ligado com as pessoas? E a segunda atividade foi fazer uma ilustração para representar essa ligação. Alguns alunos só

responderam, outros só desenharam, e ainda teve aqueles que realizaram as duas atividades. Algumas respostas surpreenderam e emocionaram, pois expuseram a percepção de vida em sociedade que trazem consigo, como podemos observar no quadro a seguir:

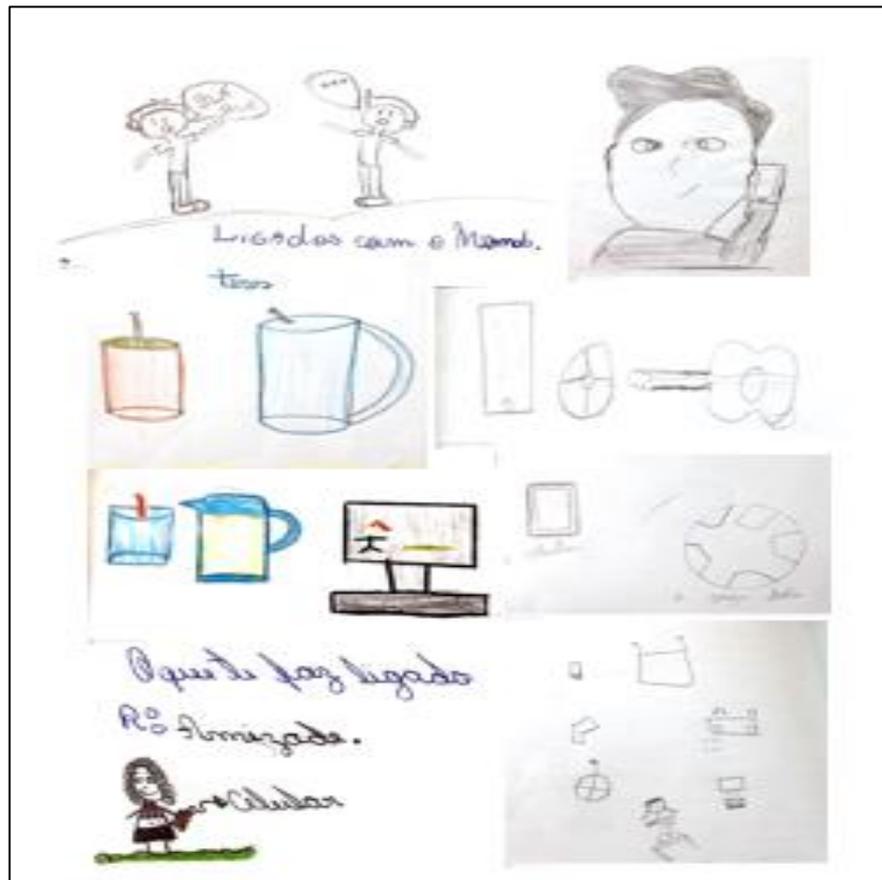
**Quadro 4- O que te faz ligado com as pessoas?**

Alunos	Respostas
Aluno 1	A amizade
Aluno 2	O que me faz ligado com as pessoas é quando eu saio de casa porque eu só fico em casa assistindo tv.
Aluno 3	A nossa intimidade com as pessoas e a nossa amizade.
Aluno 4	Amizade, nós somos seres humanos, nós sempre estamos em comunhão, nós também somos irmãos em Cristo e também ficar sozinho não é bom.
Aluno 5	O que me faz ligado com as pessoas é fazer amizade e não ser tímido.
Aluno 6	O que me faz ligado com as pessoas é a menina que sou, que fala a verdade e o amor.
Aluno 7	Amizades e jogos.
Aluno 8	O que me faz ligados aos outros é a escola. O meu jeito, tanto de falar quanto de como eu sou, agitada e engraçada.
Aluno 9	A amizade, o amor e o jeito de conversar e ir uma na casa da outra comer e assistir filme.
Aluno 10	A amizade, o amor e alegria.
Aluno 11	O caráter da pessoa e também se ela é boa com o próximo e com a mãe e também a natação.
Aluno 12	Amizade e os laços familiares.
Aluno 13	Eu acho que é conversar e o meu jeito de brincar com as pessoas.
Aluno 14	O amor que tem um pelo outro, ser verdadeiro sempre, nunca mentir e não ser falso, sempre ajudar as pessoas, não ser uma amiga ou amigo falso.
Aluno 15	A bagunça.
Aluno 16	A tecnologia.
Aluno 17	O celular.
Aluno 18	O futebol e as brincadeiras.

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Alguns alunos responderam a questão “o que te faz ligado com as pessoas? ”, por meio de ilustrações, como podemos conferir a seguir:

**Figura 12 - Desenhos dos alunos**



Fonte: Compilação da professora pesquisadora<sup>14</sup> (2020).

Observamos por meio das ilustrações e das respostas escritas, que os estudantes têm a percepção que o maior motivo das pessoas estabelecerem um vínculo é a amizade. Amizade esta que se constrói e se intensifica de várias maneiras, seja pela conversa, pelos jogos, pelo jeito engraçado e sincero de ser, pelas brincadeiras, pelo ato de tomar um tererê com os amigos, pela música, ou mesmo pela bagunça que fazem juntos. Podemos observar também que alguns alunos definiram como critério para uma ligação com outras pessoas questões éticas como não mentir, não ser falso e ter bom caráter. Outros relataram que os laços familiares e o amor são os mais importantes para eles. Muitos estudantes disseram que a tecnologia, o celular, a televisão exercem um papel fundamental para ligar ou afastar as pessoas, dependendo da forma que são utilizados.

Como a narrativa retrata a influência dos meios de comunicação nas relações entre as pessoas, seja para estreitar vínculos, como acontece com Zeca e Biu por meio do rádio, ou para distanciar, demonstrado pelo descontentamento de Biu com a vinda da televisão, apresentamos dois vídeos aos alunos, o primeiro foi sobre a influência da televisão no convívio das pessoas e

<sup>14</sup> Montagem feita a partir dos desenhos dos alunos.

o segundo vídeo retrata como a sociedade é escrava da tecnologia. Uma aluna comentou que esse último vídeo era meio depressivo, porém muitos alunos se emocionaram, houve muito silêncio e atenção quando estavam assistindo e percebemos que vários alunos ficaram chocados como o garotinho da história sofria com a falta de empatia das pessoas, a fascinação pelo celular, a preocupação com a aparência nas redes sociais e o isolamento mesmo em meio à multidão. No final, alguns alunos relataram que realmente existem pessoas que estão mais preocupadas em ter milhares de amigos nas redes sociais do que em aproveitar a vida ao lado dos amigos que estão ao seu lado. Na ocasião foi explicado que a tecnologia não é nossa inimiga, que ela é um avanço na sociedade atual, mas que devemos saber usá-la, não permitindo que ela domine nossa mente e nossas atitudes. Nessa aula, não imaginávamos como a tecnologia digital seria tão importante na ligação entre os seres humanos em meio a pandemia do novo coronavírus. O distanciamento físico foi em parte estreitado pelo convívio virtual.

Após estabelecer previsões sobre o conto, começamos a leitura. Primeiramente, os alunos fizeram uma leitura silenciosa, percebemos nesse momento que muitos estudantes estavam inquietos e começaram a conversar. O motivo para a dispersão da turma era que eles não estavam conseguindo compreender o conto. Então, propusemos uma leitura coletiva, em voz alta, na qual participariam somente aqueles que quisessem ler, sem obrigações. A ideia foi bem aceita e vários alunos se dispuseram a fazer a leitura. Nesse momento, houve até alunos que começaram a debater sobre o conto.

Depois da leitura coletiva, pedimos para que expusessem o que entenderam do conto. A maioria dos alunos não conseguiu entender e pensaram que o garoto foi literalmente levado a outros países pelo seu irmão Zeca. Perguntamos, ainda, se alguém percebeu qual era o nome da personagem principal que era irmão do Zeca. Somente um aluno identificou e disse que o nome ou apelido do garoto era Biu. Então, pedimos para que prestassem atenção na leitura da professora e que se imaginassem na história, especificamente no lugar do menino. Ressaltamos ainda, que se trata das lembranças de Biu com seu irmão Zeca e que o objeto rádio era muito importante na construção dessas memórias. Após a leitura houve alvoroço na turma porque todos queriam falar ao mesmo tempo. Em seguida, percebemos que eles conseguiram compreender que Biu se imaginava em outros lugares e quem proporcionava esta viagem fantasiosa era seu irmão Zeca por meio do rádio. Perceberam também, que Zeca não traduzia nenhuma língua, na verdade ele só inventava as traduções para seu irmão e que tal atitude proporcionava ao garoto uma ligação com o mundo e com o próprio Zeca. Um aluno compreendeu que nem as músicas que tocavam no rádio Zeca traduzia, ele ficava quieto nessa ocasião.

Logo após a leitura e debate sobre o conto, começamos a estabelecer perguntas para análise do texto. Seguimos alguns critérios de leitura analítica aliada à leitura cursiva defendida por Rouxel (2012, p. 275) na qual postula que a confrontação entre os procedimentos analíticos e a leitura subjetiva é motivadora na formação do sujeito leitor. Como a leitura analítica é “lenta, pois se interessa pelo detalhe do texto”, iniciamos com a identificação de alguns dos elementos da narrativa. Indagamos oralmente quem estava narrando a história. Muitos responderam que era Biu, irmão do Zeca. Em seguida, levantamos a questão se esse narrador era observador ou personagem. Explicamos a diferença entre os dois, pois verificamos que a maioria dos alunos não sabia ou não se lembrava. Depois das explicações, muitos estudantes perceberam que se tratava de um narrador-personagem, porque Biu também participava da história. Nesse momento aproveitamos para explicar sobre a importância das memórias nas produções literárias e que Biu narrava uma lembrança de infância vivida por ele, por esse motivo o narrador estava em primeira pessoa. Em sequência, pedimos para que a turma observasse também os espaços da história, tanto o físico quanto o imaginário, pois muitos alunos fizeram confusão durante a leitura.

Após essa primeira dinâmica de leitura analítica do conto, propusemos uma atividade de interpretação em que os alunos poderiam expor sua percepção subjetiva sobre o texto. Rouxel (2012) esclarece que a leitura cursiva é mais flexível, permitindo dar mais espaço e liberdade ao sujeito leitor. Para entender as reações dos alunos perante o texto, pedimos para que eles escrevessem o que entenderam e o que sentiram ao ler o conto. Rouxel (2012) denomina essa prática de escritura de invenção, e contribui para que o aluno se expresse e se interroge sobre o que sente com a leitura literária, permitindo ao professor observar a relação pessoal do estudante com a obra. Muitas interpretações surgiram, como podemos observar nas transcrições a seguir:

**Quadro 5- Reações escritas sobre a leitura do conto**

Alunos	Interpretações
Aluno 1	Eu entendi que o Zeca saiu da cidade que ele morava e foi para fora do Brasil e ele ficou muito triste e depressivo. Eu senti entusiasmo e liberdade. Foi uma surpresa e eu acho que os irmãos foram bem unidos por alguns anos.
Aluno 2	Eu tive uma surpresa porque é muita emoção e a relação dos irmãos, eles eram muito próximos.
Aluno 3	Eu entendi que o irmão dele tinha ido para o exército e quando o irmão dele foi para o exército a tv chegou. Eu fiquei surpresa agora que consegui entender o conto. Eu acho legal a relação dos irmãos.
Aluno 4	Eu senti uma surpresa porque o irmão criava (mentia) que sabia línguas.

Aluno 5	Eu entendi que o menino não estava no Brasil e que os dois se gostavam muito.
Aluno 6	Eu entendi que o menino não estava no Brasil, eles usam o rádio e depois a tv e que seu irmão iria te visitar cada vez menos. Eu achei engraçado que o Zeca não sabia as línguas de verdade.
Aluno 7	Eu senti emoção, surpresa, curiosidade e um monte de coisa. Agora eu entendi a história.
Aluno 8	O que atrapalhou o relacionamento dos irmãos foi a televisão. Eu senti muita emoção, eu gostei muito desse conto.
Aluno 9	A ligação entre os irmãos era muito próxima e sentimental, muito bonito.
Aluno 10	Eu gostei porque ele viaja para todo o mundo.
Aluno 11	Eu achei legal, interessante, engraçado e me surpreendi com a imaginação dele. Gostei, gostei muito.
Aluno 12	Eu entendi que o irmão mudava de casa e o Zeca traduzia tudo do rádio. Eu senti uma boa emoção por causa do irmão ajudar o outro.
Aluno 13	Eu entendi que ele contou a história ao contrário e ele falava sobre como era a vida deles. Eu me surpreendi porque o irmão dele fumava e que ele sabia traduzir.
Aluno 14	Eu entendi que antigamente não tinha televisão e nem muita tecnologia e a única que tinha era o rádio, e que o menino não estava no Brasil e o que conectava ele no mundo era seu irmão e o rádio. Eu me surpreendi um pouco sobre as línguas.
Aluno 15	No texto eu entendi que ele estava fora do Brasil na imaginação dele, ele imaginava enquanto ouvia seu rádio. Eu achei esse livro interessante porque relembra a infância dele.

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

As transcrições foram feitas da mesma maneira que os alunos escreveram nas atividades e pudemos observar que muitos estudantes se surpreenderam com a história, porém essa surpresa, para alguns, está atrelada ao entendimento do conto, como afirma o aluno 3 e o aluno 7. Constatamos também que a maioria da turma não conseguiu entender que Biu não saía fisicamente do local em que estava e que os países mencionados por ele eram fruto da sua imaginação. Muitos estudantes relataram que o garoto estava fora do Brasil como o aluno 1, 5, 6, 10 e 14. Somente o aluno 15 disse que o menino estava fora do país porque ele usava a imaginação. Por isso é tão importante trabalhar a leitura analítica para ajudar na compreensão global do texto, pois é por meio dela que os alunos perceberam os detalhes do conto como o espaço físico e o imaginário presente na história. Sem essa percepção, durante a leitura, os estudantes ficaram confusos e não entenderam a narrativa.

Para ajudar os alunos a entender os espaços do conto, explicamos a diferença entre os dois e lemos trechos em que Biu se transportava a outros lugares por meio da imaginação e trechos em que ele literalmente estava em Cuiabá. Alguns alunos só conseguiram diferenciar tais espaços com a leitura e explicação da professora. Antes eles confundiam os dois. Exploramos também o trecho no qual o narrador mistura os dois espaços “Foram muitas noites

assim, a gente passeando entre as bananeiras do quintal pelas ruas da Tchecoslováquia, sob a mangueira velha em vielas de Estocolmo, por trás das touceiras de mato do Seu Vitório nas dunas do deserto do Cazaquistão...” (MATTOS, 2002, p. 13). Os alunos acharam bem interessante depois que entenderam a diferença entre os espaços.

Com essa atividade, alguns alunos conseguiram transmitir o que compreenderam e o que sentiram com a leitura do conto. Muitos relataram se emocionar com o relacionamento dos irmãos, como o aluno 9 que escreve sobre a ligação entre os irmãos ser muito próxima e sentimental, ou ainda o aluno 12 ao expor que o motivo da sua emoção é o irmão ajudar o outro. Vários estudantes ainda perceberam o papel importante de Zeca na vida de Biu quando ele fazia as traduções para ele. Muitos alunos gostaram e se surpreenderam com a cumplicidade entre os irmãos, como os alunos 4,6,12,13 e 14. Devemos ressaltar também que alguns estudantes não realizaram essa atividade, uns por falta de vontade, outros porque não conseguiram terminar. Aqueles que não terminaram pediram para fazer em casa e entregar na próxima aula, porém na mesma semana as aulas foram suspensas por um decreto do governo do estado nº 407 de 16 de março de 2020<sup>15</sup> por causa do coronavírus.

Depois de mais de dois meses sem aulas presenciais, o programa PROFLETRAS sugeriu que continuássemos a intervenção pedagógica virtualmente. Então decidimos que a maneira mais fácil seria trabalhar pelo WhatsApp. Pedimos permissão para a direção e coordenação da escola que concordou com a aplicação do projeto por meio de aulas remotas. A luta então começaria. No dia 09 de junho de 2021 fomos atrás dos telefones de pais, mães e alunos para criamos o grupo. Logo nos deparamos com as dificuldades. Antes, alunos interessados e participativos; agora, alunos sem internet e sem condições de acompanhar o projeto. Começamos a pedir participação dos pais, mães, responsáveis e alunos pelo grupo, porém as respostas não eram muito animadoras. Alguns pais, mães e avós entraram em contato pelo WhatsApp privado e relataram, por escrito ou por áudio, as dificuldades naquele momento de os filhos acompanharem as aulas. Expuseram a falta de internet, que na maioria das vezes era internet móvel, e o compartilhamento do celular com os filhos. No mês de agosto de 2020, as aulas das escolas do estado voltaram de forma remota por meio do aplicativo Teams e também pelo WhatsApp, muitos professores também reclamaram da falta de participação dos alunos por não possuírem internet, celular ou computador em casa. Quando possuem condições, os responsáveis não dão conta de ajudar nas atividades e os estudantes ficam perdidos sem saber o que fazer.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.mt.gov.br/-/13952089-veja-as-medidas-adotadas-pelo-governo-do-estado-no-combate-ao-coronavirus>. Acesso em: 19 de mar. 2021.

Na ocasião uma mãe relatou as dificuldades que estava vivendo porque não tinha acesso a uma internet de qualidade e nem condições financeiras para imprimir as apostilas que o site da Secretaria de Educação proporcionava, além de não conseguir ensinar o filho em casa. Ela ainda acrescentou que o filho estava ficando nervoso por não conseguir acompanhar as aulas. Informamos à mãe do aluno que a escola fornecia apostilas para os estudantes que não tinham acesso à internet. Porém, o que constatamos é que o governo se propôs a mandar dinheiro para a impressão dessas apostilas, mas na realidade a verba é pouca, devido à quantidade de alunos que precisam. Na verdade, o governo do estado quer ter o mínimo de alunos dependendo de apostilas e o máximo acompanhando as aulas remotas. No entanto, ele não dá condições nem para alunos nem para professores conseguirem tal feito. Professores se sentem frustrados e impotentes pela pouca participação dos alunos e muita cobrança do estado, como se a culpa pela precariedade dessas aulas fosse deles. Matérias de vários portais de notícias como o RD News revelaram que mais de 65% dos alunos não têm condições de acessar a plataforma da Seduc. Isso evidencia a desigualdade social e a falta de políticas públicas que favoreçam a inclusão digital nas escolas e para alunos carentes. Esse período de pandemia também ressalta, acima de tudo, que os professores se reinventaram perante o novo contexto pedagógico e assumiram, na educação, quase que um papel de heróis e heroínas, já que se dedicam o dobro para preparar e ministrar as aulas com seus próprios recursos e não são reconhecidos por isso.

A figura a seguir mostra a conversa com uma das mães que relatou as dificuldades enfrentadas para ajudar o filho. Essa conversa prova que a falta de condições financeiras, de acesso à internet e a disponibilidade de um aparelho de celular para os filhos está influenciando na aprendizagem e na participação dos alunos nas aulas remotas.

**Figura 13 - Conversa com a mãe do aluno**



Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Com muito esforço e conversas, dez alunos começaram a participar do projeto pelo WhatsApp, porém terminamos somente com seis alunos participando ativamente. Retornamos com as atividades de interpretação do conto “Ligados com o mundo”. Tivemos que enviar o texto em arquivo pdf e relembrar a história de Biu e Zeca novamente para dar condições aos alunos realizarem as interpretações. Outro desafio: três alunas não conseguiam abrir os arquivos em pdf no celular, então tiramos fotos do conto e enviamos para elas, como podemos observar em uma das conversas a seguir:

**Figura 14 - Conversa pelo WhatsApp**



Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Após ler e relembrar o conto, continuamos com as atividades que seriam desenvolvidas em sala de aula. Fizemos algumas perguntas por áudio e retomamos o conceito de história visível e história secreta defendida por Piglia (2004). Nessa atividade, constatamos que alguns alunos tiveram um pouco de dificuldade em entender ou relembrar esses conceitos. Então, foi realizado atendimento individual pelo WhatsApp privado de cada um, pois no grupo a maioria dos alunos tinha vergonha de tirar dúvidas. Explicamos para os alunos que o conto apresenta duas histórias, uma que é narrada em primeiro plano, ou seja, o relato dos acontecimentos, e outra história que está em segredo, subtendida, e por meio da leitura da primeira é que poderá entender e interpretar a segunda. Os alunos que participaram da atividade enviaram as seguintes respostas:

**Quadro 6 - História visível do conto “Ligados com o mundo”**

Alunos	Resposta
Aluna 1	A história do menino que sonhava ir para vários países quando ouvia o rádio.

Aluna 2	A história está falando do menino Biu que se imaginava em outro país cada vez que seu irmão conta as histórias.
Aluno 3	A história de um menino que se mudou para um país diferente.
Aluno 4	A história visível é a que está sendo contada, que conseguimos ver.
Aluna 5	Biu era um garoto que toda noite ouvia o rádio com seu irmão que traduzia tudo para ele, pois o rádio tocava tudo com outras línguas. Com isso ele começou a imaginar um mundo paralelo, um mundo que era misturado com sua imaginação e o mundo real.

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Como podemos observar, somente cinco alunos relataram a história visível do conto, de acordo com que eles entenderam. Constatamos que quase todos conseguiram entender que o conto mostra a história de Biu que se imaginava em outros lugares por causa do seu irmão Zeca. No entanto, o aluno 3 ainda persiste na ideia que o menino mudou para um país diferente, porém explicamos novamente para ele que aquele espaço físico era imaginário na história. O aluno 4 não conseguiu entender que era para mostrar a história visível do conto lido, ele relatou o conceito de história visível. Também tiramos a dúvida do aluno pelo WhatsApp privado. A aluna 5, foi um pouco além dos outros e relatou que o garoto imaginava um mundo paralelo, no qual havia uma mistura do real com o imaginário. Explicamos novamente para aqueles alunos que não conseguiram responder, porém eles não deram nenhum retorno. Após essa atividade, esclarecemos para os alunos que a história visível está no relato de Biu sobre sua rotina de ouvir o rádio com seu irmão Zeca, uma ação aparentemente simples e corriqueira, mas que para ele é uma ponte que o liga ao mundo. Até então, imagina-se que ele sente essa ligação pelo simples fato de ouvir os programas de rádio, algo banal, que qualquer pessoa faz, inclusive seu irmão que está junto dele nesse momento. Ressaltamos ainda que, no desenrolar da leitura, percebe-se o real motivo da sua ligação com o mundo e é neste fato que se constrói o segredo da história. Na sequência, os alunos relataram o que para eles era a história secreta do conto:

**Quadro 7 - História secreta do conto “Ligados com o mundo”**

	História secreta
Aluna 1	Eles eram bem unidos, aí quando foi ficando grande daí eles não ficaram mais juntos se separaram.
Aluna 2	Os irmãos eram muito ligados um com o outro e o que unia eles, era o amor e quando seu irmão foi trabalhar no exército eles ficaram separados.
Aluno 3	É o que não está sendo contado.

Aluna 4	Zeca era teimoso, desobediente, fumava escondido, pegava o rádio da mãe, era malandro enganando seu irmão mais novo, mas Biu gostava das traduções que Zeca fazia. A cumplicidade unia os irmãos.
---------	---

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Essa atividade somente quatro alunos responderam, os outros deixaram de fazer ou deram respostas sem nenhum sentido. Fomos atrás desses alunos para que participassem da aula ou tirassem alguma dúvida, porém só uma aluna se dispôs a fazer a atividade. Apesar de enviar áudios explicando novamente a questão e pedindo participação, os outros alunos não deram resposta alguma. Isso evidencia como é difícil desenvolver a escolarização da literatura de forma remota, parece que não conseguimos chegar aos alunos da mesma maneira como se fosse na aula presencial. No entanto, esses quatro alunos tentaram expressar qual era a história secreta do conto “Ligados com o mundo”. Para as alunas 1 e 2, a união e o amor entre os irmãos é o que caracteriza a verdade oculta do conto. O aluno 3 só escreveu o conceito. A aluna 4, apostou que a história secreta era sobre a personalidade e o comportamento de Zeca, que para ela, era malandro, desobediente e teimoso, mas acaba entrando no senso comum e diz que a união e a cumplicidade também estavam subtendidas na história. Em seguida, procuramos esclarecer qual era o real motivo da ligação do garoto com o mundo, que não era o simples fato dele escutar um rádio.

Ressaltamos que as interpretações deles a respeito do amor, da união, da cumplicidade entre os irmãos e da malandragem de Zeca, também fazem parte do plano profundo, uma vez que não está explícito no conto, mas é revelado por meio da leitura da história que está na superfície. A história que está num segundo plano é a história de que, enquanto havia comunhão de sonhos e de fantasia, havia um sentimento de ligação. Isso era permitido pelas condições de antigamente, quando a cidade era pacata e não havia televisão e não havia muro nem quintal cimentado. Com a chegada do ‘progresso’ e com a saída do ‘irmão’, com quem Zeca dividia a brincadeira de imaginar outros mundos, essa ligação se rompeu. Portanto, o segundo plano fala da importância das condições para o exercício da imaginação e fala de uma Cuiabá que ficou no passado. Como quase todas as cidades sofrem transformações, ela pode representar a cidade da infância de cada um.

Em seguida, algumas questões que favorecem a leitura analítica do texto também foram trabalhadas ou retomadas, como a identificação das personagens do conto, os espaços, o tempo, o narrador, o clímax e o desfecho. Todo esse conteúdo de elementos e estrutura do conto já foram explicados e debatidos nas primeiras aulas, por isso só relembramos e tiramos as dúvidas

dos alunos. No que se refere às personagens, a maioria dos alunos não tiveram dificuldades em identificá-las, mesmo aqueles que não exerciam um papel ativo na história como a mãe e o pai dos garotos, ou Seu Vitório. Um aluno mencionou como personagens da história a Verônica e Dravínia que, na verdade são pessoas inventadas pelo Zeca, quando traduzia as línguas surgidas nas transmissões do rádio. Explicamos essa diferença ao aluno que logo percebeu o equívoco. No que tange ao espaço, percebemos que depois de várias intervenções, os alunos conseguiram identificá-lo no conto, tanto o físico quanto o imaginário. Uma aluna elaborou a seguinte resposta: “O primeiro espaço é o espaço físico que é onde aparece no conto, onde ele está que é na casa dele em Cuiabá, Mato Grosso. O segundo é o espaço imaginário que ele imagina enquanto escuta o rádio”. Outra aluna ainda responde: “Espaço físico: sala de jantar, quintal, quarto, Cuiabá, portão. Espaço imaginário: rua na Tchecoslováquia, vielas de Estocolmo, dunas do deserto do Cazaquistão. As transcrições foram realizadas da mesma forma como as alunas escreveram nas atividades. Os demais alunos relataram como espaços do conto o quintal, a rua, a frente do portão da casa de Biu, a casa de Seu Vitório e o bar. Ressaltamos também, para a turma, a importância do tempo nesse conto, pois há a predominância do tempo psicológico que está relacionado às lembranças de Biu e aos sentimentos vivenciados por ele. Explicamos que em quase toda a narrativa aparecem menções desse tempo que remetem às memórias de Biu como “Naquele tempo...”, “isso deve ter sido faz tempo”, porque em 69 chegou a televisão”, “certas noites a gente nem ligava o rádio” “Foram muitas noites assim”.

Quanto ao tipo de narrador do conto, observamos que os alunos, na sua maioria, reconheceram que o narrador está em 1ª pessoa e o identificaram como narrador- personagem, que conta e participa da história ao mesmo tempo, no caso, eles perceberam que se tratava de Biu. Em seguida, retomamos o conceito de clímax, relembramos que ele está ligado ao momento de maior tensão do conto, no qual o conflito atinge seu ponto máximo. Houve muitas divergências nessa atividade, dois alunos relataram que o clímax aconteceu quando assaltaram a casa de Seu Vitório, um aluno destacou o momento em que Zeca traduzia em voz alta as línguas para o irmão como sendo o clímax. Um estudante ainda enfatizou que para ele a maior tensão ocorreu quando Zeca pegou o rádio escondido de seus pais, outro aluno destacou que o clímax foi quando o Zeca se alistou no exército. Após essa atividade, para facilitar o entendimento, esclarecemos que o conflito é uma situação-problema vivenciada pelas personagens e no caso do conto “Ligados com o mundo” levantamos o seguinte questionamento: quando é que Biu começa a perceber que está cada dia mais difícil sua ligação com o mundo? Então, alguns alunos relataram por áudio que esse momento foi quando o pai dele comprou a televisão, outros disseram que o maior problema do garoto foi o irmão ir para

o exército e sair de casa. Esclarecemos aos alunos que o clímax da história começa com a chegada da televisão na casa do garoto, que a partir de então, há uma ruptura com seu mundo de imaginação, proporcionado pelo Zeca e o rádio. Ressaltamos que o espaço no qual a televisão ocupava era o mesmo que os irmãos usavam para ouvir o rádio, ou seja, a sala de jantar. Agora o pai e a mãe não iam dormir mais cedo e ficavam assistindo tv até bem tarde, com isso o rádio foi deixado de lado e para piorar o irmão saiu de casa.

Após o clímax, enfatizamos aos alunos que vem o desfecho da história, o qual evidencia se o problema da personagem foi resolvido ou não. No conto trabalhado, Bui, não consegue resolver seu problema, pois o rádio estragou e sua ligação com o mundo fica impossibilitada, além do seu irmão não voltar mais a morar com ele. Perguntamos aos estudantes se eles mudariam o desfecho da história e quase todos relataram que não mudariam nada porque gostaram do final. Somente uma aluna respondeu que não gostou e que no final o Zeca tinha que se tornar um grande empresário. Outro estudante escreveu que “não mudaria nada, porque o final trouxe um ar de tristeza ao mesmo tempo que nos faz rir”, demonstrando que a dificuldade de compreensão do conto que esses alunos tinham no começo, foi amenizada com a análise dos detalhes do texto, junto com a percepção subjetiva sobre a história lida.

Diante dessas atividades de leitura analítica, percebemos como é importante ensinar os alunos a analisarem o texto literário também em seus elementos e em sua estrutura, pois a partir do entendimento desse processo de produção, eles compreenderão melhor a dinâmica do conto e conseqüentemente suas interpretações vão se tornar mais abrangentes e críticas. Para encerrar as atividades de interpretação do conto “Ligados com o mundo”, propusemos uma leitura subjetiva do texto e pedimos para que os alunos tentassem sintetizar numa frase qual a mensagem do conto para a vida, pois entendemos que “é o leitor quem completa o texto e lhe imprime sua forma singular de pensar e sentir” (ROUXEL, 2012, p. 272). As respostas dos alunos foram as seguintes: “Hoje o que faz as pessoas ficar desligadas das outras é o celular, porque hoje em dia ninguém mais quer sair, mas sim ficar no celular”; “O que as pessoas precisam é serem unidas”; “A afinidade, o amor, o carinho, a amizade torna as pessoas mais ligadas”, “O momento atual não é simples e o ser humano está se afastando”, “Eu acho que o amor, a amizade, a conversa e a família é a maior ligação entre as pessoas”, “O que faz as pessoas se conectarem é colocando-se no lugar do outro”. A última frase foi produzida por uma aluna que tinha acabado de perder o pai e, apesar da tristeza, manteve-se motivada para realizar todas as etapas do projeto.

Por último, devemos ressaltar que, devido à dificuldade dos alunos em acessar as aulas e responder as atividades, assim como tirar dúvidas remotamente, decidimos não trabalhar com

os pressupostos de Cortázar no que refere a intensidade e a tensão no conto “Ligados com o mundo”. Deixaremos para contemplar tais aspectos quando as aulas presenciais retornarem.

### 5.5 Leitura e atividades de interpretação do conto “Fuga do Burity”

No processo de letramento literário, o ensino da literatura deve permitir que o aluno consiga desvendar o mundo por meio da palavra. Para que isso ocorra, a experiência com o literário precisa tomar forma desde as primeiras estratégias de leitura. Para Cosson (2018), é necessário preparar o aluno para entrar no texto; de acordo com Solé (1998), é necessário estabelecer previsões antes da leitura. Ambos os autores defendem acionar o conhecimento prévio dos estudantes, motivando-os para a leitura. Em conformidade com tais pressupostos, antes de iniciar a leitura do conto “fuga do burity”, propusemos aos alunos duas atividades que estimulassem os conhecimentos sobre o tema do texto. Como a narrativa traz a problematização do relacionamento familiar, em especial a relação conflituosa entre pai e filho, a primeira proposta foi que os alunos produzissem um desenho sobre uma lembrança marcante com os pais, mães, responsáveis ou alguém da família. Essa lembrança podia ser representada também pelo desenho de objetos, brinquedos, lugares, o importante é que fosse algo que marcou a sua vida com a família. Houve bastante participação nessa atividade, dos dez alunos participantes, nove produziram o desenho e enviaram pelo WhatsApp, como podemos conferir nas imagens a seguir:

**Figura 15 - Desenhos dos alunos**

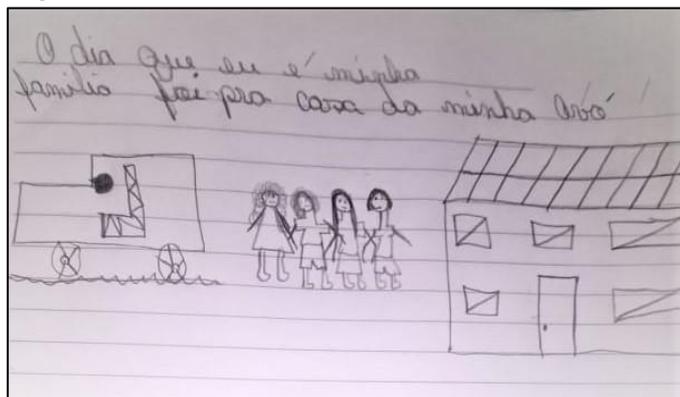


Fonte: Compilação da professora pesquisadora<sup>16</sup> (2020).

<sup>16</sup> Montagem a partir de imagens enviadas pelos alunos dos desenhos sobre lembranças marcantes com seus familiares.

Como podemos constatar, alguns alunos desenharam brinquedos que ganharam de alguém da família como patins e skate. Com certeza esses brinquedos foram muito desejados por esses estudantes e quando os ganharam marcaram a vida deles positivamente. Uma aluna desenhou um barco no mar e depois ela relatou que esse desenho mostrou uma viagem em família para o nordeste, região de onde seu pai e sua mãe vieram. Essa viagem marcou muito, porque ela nunca tinha conhecido os parentes e nem visto mar antes. Outra aluna desenhou o momento em que ganhou o seu celular, algo que a deixou muito feliz. Uma estudante definiu o seu aniversário surpresa de dez anos, o momento mais marcante, com sua família e amigos. Um aluno fez o desenho que representou sua família, pai, mãe, irmão e ele mesmo, mas não relatou qual foi a ocasião que o marcou. Talvez para ele o fato de estar reunido com a família já é marcante. Outra estudante fez um ônibus, que simbolizou uma viagem bem divertida para ela com seu pai, sua mãe e seus dois irmãos. Um aluno desenhou uma igreja e ainda escreveu a frase “Encontro com Deus”, como uma parte marcante de sua vida. Esse aluno é filho de pastor e mora há dois anos em Lucas do Rio Verde, a família veio do Rio de Janeiro e está muito feliz de morar em Mato Grosso. Uma nona aluna que enviou a atividade atrasada por estar em local sem internet, desenhou uma viagem marcante para ela, depois ela produziu uma história, relatando essa viagem, como registro de interpretação. Além do desenho ela ainda escreveu que o mais marcante foi quando sua família viajou para a casa da sua avó, como podemos conferir na imagem a seguir:

**Figura 16 - Desenho da aluna**



Fonte: Arquivo da professora pesquisadora<sup>17</sup> (2020).

A próxima atividade de motivação que fizeram junto com os desenhos, era para que eles escrevessem três coisas legais ou que admirassem em seus pais, mães ou responsáveis e depois lessem para eles e registrassem a reação deles. Quando propusemos essa atividade, pensamos

<sup>17</sup> Imagem a partir do desenho enviado pela aluna por meio do WhatsApp.

que os alunos não fariam ou por falta de vontade ou por vergonha, porém alguns alunos fizeram e enviaram suas respostas, como podemos conferir no quadro a seguir:

**Quadro 8- O que os alunos admiram nos pais, mães ou responsáveis**

Alunos	Respostas	Reação
Aluno 1	Gosto da motivação dos meus pais, gosto da coragem deles, gosto da confiança.	Eles ficaram surpresos e muito felizes.
Aluno 2	O que eu gosto nos meus pais é que eles são gentis. Eu gosto que eles veem filmes comigo. Gosto deles porque eles gostam de passear comigo.	Eles viram eu falando isso, eles me abraçaram e sorriram.
Aluna 3	O amor que ela tem por mim.	A reação dela foi de muita felicidade.
Aluna 4	Eu falei para a minha mãe que sou muito grata a tudo que ela me fez e de todo o carinho e amor.	Ela ficou muito feliz com o que eu falei pra ela.
Aluna 5	A dignidade, a educação e a responsabilidade.	Eles ficaram muito felizes quando eu falei para eles.
Aluna 6	Eu falei que eles são trabalhadores, divertidos e incríveis.	Eles gostaram e ficaram felizes.

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

O objetivo dessa atividade foi que os alunos percebessem o valor de quem cuida deles, seja pai, mãe, avós, tios e o quanto esses responsáveis ficam felizes em ver uma expressão de carinho, afeto, admiração por parte deles. Assim como acontece no conto, apesar dos conflitos nas relações familiares, o que prevalece é o amor e o carinho que pais e mães têm pelos filhos. Como podemos perceber, as respostas e reações foram bem positivas e os alunos puderam expressar o que pensam e o que sentem. Nos relatos, atitudes simples como assistir a filmes e passear fazem a diferença na vida deles. Ou ainda a motivação, coragem, confiança, gentileza, dignidade, educação, responsabilidade, amor e carinho são características que causam admiração nesses filhos. A reação desses pais e mães foram as melhores, ficaram felizes, surpresos, houve abraços e risos. Devemos ressaltar que para a aluna 4 foi mais expressiva essa atividade, pois o pai tinha falecido recentemente. A aluna 3 só relatou sobre “o amor que ela tem por mim”, e essa pessoa é sua avó que cuida dela desde que nasceu, a qual a estudante chama de mãe e fala dela com muito carinho.

Após essas atividades de ativação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema do texto, passamos para a leitura do conto “Fuga do Burity”, que mostra a história de Camilo, um menino que tem problemas de comportamento e faz com que seu pai busque como última alternativa, lhe colocar no internato Burity, localizado em Chapada dos Guimarães. O garoto não aceita ficar no internato e foge de madrugada junto com Batico, seu amigo. A tensão no

relacionamento entre pai e filho perpassa toda a narrativa, assim como a vontade desse pai em fazer com que Camilo mude seu jeito de ser. Observamos no conto um pai bravo, porém preocupado com um filho que insiste em transgredir as regras e no final, esse pai, acaba surpreendendo com uma mudança drástica de atitude.

Como se trata de aulas remotas, primeiramente, encaminhamos um vídeo para explicar de forma geral o que acontece na história e como eles deveriam ler o conto. Para evitar confusão durante a leitura, esclarecemos para os alunos que o conto se passa em dois espaços diferentes. Um espaço é protagonizado pelo garoto e seu amigo durante a fuga e o outro se passa na casa do pai do menino, no qual aparece a mãe de Camilo e a empregada. Depois foi enviado um áudio feito pela professora com a leitura de todo o conto, pois os estudantes entendem mais o texto com a leitura da professora porque ela “conhece bem o texto e, por isso, tem condições de realizá-la com qualidade” (COSSON, 2018, p. 71). Enviamos ainda o texto em pdf para que os alunos fizessem a leitura e observassem os espaços do conto e o relacionamento entre as personagens.

Logo após a leitura, encaminhamos ainda para os estudantes, fotos da Fundação Educacional Presbiteriana Buriti, localizada na Rodovia Emanuel Pinheiro, km 55, Chapada dos Guimarães, que fica a 65 km de Cuiabá. Enviamos o pequeno histórico que o blog fornece sobre a escola, no qual relata como foi o início da Fundação. Focamos no último trecho, em que há uma descrição que remete à problematização do conto:

Infelizmente com o passar do tempo, nossa Escola (como as demais escolas em regime de internato), foi sendo considerada como um reformatório. Assim, pais que possuíam filhos rebeldes e malcriados, internavam-nos em Buriti, como castigo e também com a esperança de que eles se corrigissem. Felizmente uma grande maioria deles se regenerou pelo conhecimento do Evangelho, tornando-se pessoas úteis e dignas. Ao verem essa mudança de água para o vinho, mais ainda os pais continuavam a pensar que Buriti realmente era uma organização que possuía uma fórmula misteriosa para recuperação de pessoas desajustadas, e assim a fama de reformatório ainda continua. Mas, por aqui têm passado alunos excelentes, que têm sido orgulho para suas famílias, para a Escola e para a Nação. Parabéns a estes. (SCHEFFDER, Melanchton, 2009)<sup>18</sup>

Percebemos, no último período que, ao se defender da acusação de colégio reformador, o autor do texto reitera valores conservadores e enaltece apenas os excelentes alunos. Fundada em 1913, provavelmente essa Fundação Educacional inspirou o escritor Gabriel de Mattos a escrever sobre um internato comandado pela igreja católica chamado Burity, que seria a última

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://comunhaotropical.blogspot.com/p/local-da-comunhao-tropical-pousada.html>. Acesso em: 10 Set. 2019.

opção de Camilo para melhorar sua conduta. Enviamos também algumas imagens do internato para ajudar na contextualização do conto, como podemos observar a seguir:

**Figura 17 - Fundação Educacional Buriti**



Fonte: Blog Comunhão Tropical<sup>19</sup>

No intuito de proporcionar a leitura analítica do texto e ampliar a percepção dos alunos acerca dos lugares de Mato Grosso descritos no conto, propusemos que eles relatassem quais foram os espaços que Camilo percorreu, se conheciam ou já ouviram falar deles. A maioria dos alunos disseram que já foram em Cuiabá, Chapada dos Guimarães e Várzea Grande. Três alunos relataram que já foram ao Portão do Inferno. Um aluno que veio do Rio de Janeiro disse que ainda não foi para muitos lugares em Mato Grosso. Uma aluna descreveu com mais detalhes os espaços que apareciam no conto e sobre os quais ela já ouvira falar como Cuiabá, Praça Ipiranga, Rua 15 de junho. Buscamos, com essa atividade, fazer com que os alunos percebam que os espaços descritos na história são reais, que fazem parte do dia a dia do cidadão mato-grossense e que o gênero conto pode ser construído a partir da realidade, de algo corriqueiro ou de memórias.

Continuamos com as atividades de análise do conto, permitindo que os alunos respondam às injunções do texto e assim consigam se afirmar enquanto sujeitos leitores no contexto escolar. Desta forma, propusemos que os estudantes observassem os dois personagens que mais aparecem na história, Camilo e seu pai Giuseppe. Pedimos para que eles relatassem o

<sup>19</sup> Disponível em: <https://comunhaotropical.blogspot.com/p/local-da-comunhao-tropical-pousada.html>. Acesso em: 10 Set. 2019.

que Camilo fazia para irritar tanto seu pai. As respostas dos alunos foram: “Camilo estava fazendo travessuras com seu amigo”, “Camilo estava fugindo do Burity e fazendo travessuras com seu pai”, “Camilo estava voltando para Cuiabá”, “Ele estava fugindo do internato e voltando para casa”, “Estava fugindo do internato e encarando várias aventuras” “Ele estava querendo voltar para Cuiabá”, “Indo para o Burity”. Nessa atividade, quase todos disseram que Camilo era a personagem principal, somente um aluno relatou Argemiro como personagem principal, porém este personagem não aparece no conto. Enviamos um áudio para o aluno explicando e retomando o texto. Percebemos a partir das respostas que os alunos veem as travessuras e a fuga de Camilo como a maior causa de irritação do seu Giuseppe. No entanto, houve alguns alunos que deram respostas confusas como “fazendo travessuras com seu pai” e “Indo para o Burity”, na verdade Camilo fazia travessuras com seu amigo Batico e não com seu pai e eles estavam fugindo do Burity e não indo para o Burity. Também foram esclarecidas essas respostas para as alunas, que não tinham percebido esses detalhes.

Em seguida, indagamos aos alunos como era seu Giuseppe e se as atitudes dele estavam corretas. Uma aluna relatou que ele parecia bravo, mas era por causa da ausência do filho. A aluna concorda com a atitude do pai do garoto e relata que depois de tanto tentar mudá-lo, talvez naquele momento apoiá-lo seria uma boa estratégia. Outra aluna observou que Giuseppe era um velhinho muito mal humorado e que ela não concordava com as atitudes dele, porque o menino fugiu do Burity e, quando chegou, o pai ficou feliz e não o deixou de castigo e nem bateu nele. Parece que essa aluna queria que o Camilo sofresse as consequências de sua fuga. Um aluno já relatou que o Seu Giuseppe era muito bravo com o menino, que concordava com suas atitudes, porque ele só estava preocupado com o filho. A estudante seguinte relatou que Seu Giuseppe só fingia ser mau para educar o filho, mas não deu certo, então, ele se tornou um amigo para seu filho ser bom. A aluna não concordou com a atitude do pai do menino, para ela, ao invés dele tentar entender o filho, ele agiu com arrogância. Outra aluna respondeu que Seu Giuseppe era uma pessoa muito rígida, porém ela concorda com sua atitude, pois o menino era muito traiçoeiro. Uma última aluna relatou que o pai do menino era exigente e bravo, mas concordava com ele porque Camilo era muito teimoso. Podemos perceber, que a maioria dos alunos acham a personagem de Seu Giuseppe brava, arrogante, rígida e mal humorada, porém todas essas características são justificadas pelas atitudes de Camilo. Nessa atividade não houve intervenção, pois todos entenderam a pergunta.

A próxima atividade de leitura analítica diz respeito ao clímax do conto, propusemos para os alunos descrever o momento de maior tensão ou emoção da história. A maioria dos estudantes relataram o momento em que Camilo chega até sua casa como sendo o de maior

tensão do conto. Uma aluna chegou a expor que achava que o pai ia bater no garoto nessa hora. Outra estudante escreveu que foi “quando ele chegou em casa e o pai estava na sala esperando ele”. Somente um aluno não soube responder qual era o clímax da história, ele relatou que foi quando Camilo vai para o internato. Explicamos para o aluno que no conto não mostra quando o menino foi para o internato e sim quando ele foge do Burity. Sugerimos para o aluno ler novamente o texto e procurar por aquele momento de maior apreensão, em que Camilo se vê numa situação bem difícil com o seu pai.

Para finalizar a leitura literária analítica do conto aliada à leitura cursiva, propusemos aos estudantes expor o que entenderam do final da narrativa, e se mudariam o desfecho da história. Para Rouxel (2012, p. 281) é interessante convidar o aluno a expressar seu “prazer ou desprazer em relação à leitura”. Os alunos expuseram o que entenderam e relataram que o desfecho foi surpreendente, que não esperavam a reação de Seu Giuseppe em perdoar o filho. Um aluno escreveu que o pai do garoto ficou feliz e eles iam sair para caçar juntos. Outro estudante relatou que achou muito bom o final. Uma aluna expôs que o pai tentou ser amigo do seu filho para conquistá-lo. Somente uma aluna relatou que entendeu mais ou menos, porém logo em seguida ela escreve que o garoto voltou para a casa e o pai ficou felizão, confirmando que de certa forma ela compreendeu o desfecho do conto. De acordo com as respostas, nenhum aluno mudaria o final da história.

Na aula seguinte voltamos a trabalhar com a história visível e a história secreta do conto. Propomos aos alunos que retomassem o texto e escrevessem o que para eles, era a história contada em primeiro plano e a história que está em segredo. Podemos conferir as respostas no quadro a seguir:

**Quadro 9 - História visível do conto "Fuga do Burity"**

Alunos	Respostas
Aluna 1	Camilo era uma criança terrível e foi mandado para um colégio interno de onde fugiu com seu amigo Batico e os dois juntos aprontaram muito.
Aluna 2	Camilo fugiu do Burity e seu amigo Batico ficou com muito medo que ele fizesse besteira, então, acompanhou ele.
Aluno 3	O seu pai tenta mandar ele para o internato.
Aluno 4	Nessa história acontece muita coisa boa e ruim.
Aluna 5	O menino fugiu, ficou perdido, mentiu sobre a morte do avô, chegou em casa e o pai ficou feliz.
Aluna 6	A história é sobre um menino chamado Camilo que é muito traçoeiro.
Aluna 7	A história dos dois irmãos.

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Nesta atividade, pudemos constatar que a maioria dos alunos conseguiu perceber que a história que está em primeiro plano é sobre a fuga de Camilo do internato Burity. Alguns alunos também observaram que o garoto era traiçoeiro e fazia besteira. A aluna 5 conseguiu sintetizar em poucas palavras o que para ela seria a história visível, é a única a comentar sobre a mentira de Camilo sobre o avô. No entanto, os alunos 3,4 e 7 não conseguiram descrever o relato visível da história, o aluno 3 deixou incompleto, o aluno 4 respondeu de uma maneira generalizada, a aluna 7 pensou que Camilo e Batico eram irmãos ou confundiu com o conto “Ligados com o mundo”. Para esses três alunos, explicamos novamente a atividade e ressaltamos que no conto “Fuga do Burity” a história que acontece em primeiro plano é sobre a fuga de Camilo do Burity e o modo de agir do Seu Giuseppe para tentar mudar o comportamento do filho. O visível da história é que Camilo é desobediente e tem problemas em seguir regras e durante quase toda a narrativa pensamos que o pai é ranzinza, bravo e rígido com o garoto, porém, no final, é revelado seu verdadeiro jeito de ser e que os alunos deveriam desvendar este segredo. A seguir, as respostas dos alunos:

**Quadro 10 - História secreta do conto "Fuga do Burity"**

Alunos	Respostas
Aluna 1	Não devemos em momento algum desrespeitar nossos pais e nunca fazer travessuras com eles.
Aluno 2	Cumprir as regras, não fugir.
Aluno 3	É o pai lidar com filho rebelde e também prestar mais atenção nos filhos do que neles mesmos.
Aluna 4	Os pais devem entender o lado das crianças.
Aluna 5	Tudo o que você faz vai ter consequência.
Aluna 6	Ouvir mais os outros e não fazer muita besteira, pensar antes.

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Foi difícil a participação nesta atividade, por mais que explicássemos, os alunos não conseguiam compreender muito bem o que era para fazer. Trabalhar com atividades de interpretação do texto literário, demanda do professor e aluno muita atenção, disposição e isso torna-se quase impossível com alunos desmotivados que não têm acesso a uma internet que seja capaz de abrir um áudio, um vídeo. Aulas remotas estão sendo a única opção em época de pandemia, mas a metodologia está longe de se igualar às aulas presenciais, nas quais o professor olha nos olhos dos alunos, lê com sentimento, com emoção e principalmente observa as reações da turma perante o texto literário. Apesar das dificuldades, os alunos conseguiram responder de maneira subjetiva qual era a história secreta. Eles relataram sobre uma lição que o conto poderia ensinar para quem lê. Lição que está associada ao respeito mútuo e compreensão entre pais, mães e filhos.

Diante dessas leituras analíticas do texto literário, evidenciamos que a subjetividade “ultrapassa a resposta às injunções do texto e surge de maneira imprevisível onde não é esperada” (ROUXEL, 2012, p. 280). Assim sendo, os estudantes evidenciaram sua visão de mundo, ao dizerem que não devem desrespeitar os pais, mães e responsáveis, que precisam cumprir regras ou ainda que os responsáveis necessitam prestar mais atenção nos filhos e buscar entendê-los. Tentamos esclarecer que o relato secreto também aparece no final quando é revelado que Seu Giuseppe, na verdade, não era um pai ruim, mas preocupado e que estava disposto a tudo pelo filho, até mesmo a mudar a forma de se relacionar com ele. No desfecho, ficamos surpresos com a mudança de atitude de Seu Giuseppe. De acordo com Piglia (2004, p. 90) esse “efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície”. O que se entrevê, nesse desfecho, é que, na maioria das vezes, o afeto e o amor são educativos.

Para Rouxel (2012, p. 281) a leitura subjetiva dá voz e espaço para o sujeito leitor opinar, criticar e expor sua reação referente ao texto. De acordo com a autora, investir na subjetividade do leitor é algo necessário na leitura literária. “É preciso encorajar as abordagens sensíveis das obras, atentar para a recepção dos alunos ou daquilo que eles aceitarão manifestar de sua experiência estética”. Perante tais pressupostos, sugerimos aos alunos que expusessem os seus sentimentos com a leitura do conto “Fuga do Burity” e algumas respostas surgiram:

#### Quadro 11- Reações dos alunos perante a leitura

Alunos	Reações
Aluna 1	Tensão, ansiedade
Aluno 2	Ele queria ir para Cuiabá, não queria ficar no Burity.
Aluno 3	Eu senti uma grande alegria porque o texto Fuga do Burity tem coisas muito boas.
Aluna 4	Tensão, medo.
Aluna 5	Surpresa com as falas das personagens como “capeta”, “diabo”, “inferno”, isso me surpreendeu por eles falarem isso de forma tão comum. Engraçado por causa da história e da forma das personagens se expressar em relação ao menino “o demônio”.
Aluno 6	Medo, nervoso, animado.
Aluna 7	Eu senti curiosidade, emoção, tensão, entre outros.
Aluna 8	Eu achei o conto muito interessante, gostei muito.
Aluna 9	Susto, raiva e nervosa: nervosa porque quando ele chega lá, eu achei que o pai dele ia dar uns cascudos nele.

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Houve bastante participação nessa atividade. Nove alunos enviaram sua reação perante a leitura do conto e observamos que a maioria sentiu a tensão que permeia a história de Camilo

e Seu Giuseppe. Alguns ainda expuseram que sentiram medo, susto, raiva, nervosismo, ansiedade. Outros relataram sentimentos positivos como alegria, curiosidade, emoção. A aluna 5 transmitiu a sua surpresa com algumas palavras utilizadas pelas personagens do conto como diabo, capeta e demônio para se referirem a Camilo. No final da atividade ressaltamos aos alunos que é normal o leitor sentir algum tipo de emoção com a leitura literária, que no decorrer da história podemos sentir raiva ou nos apaixonar por algum personagem, podemos também sentir tristeza, alegria, chorar e sorrir. Enfatizamos que na leitura do conto “Fuga do Burity”, a maioria dos alunos relataram que sentiram medo e tensão, isso se deve ao fato de que eles se colocaram no lugar de Camilo e se imaginaram na mesma situação. Quem nunca fez uma travessura e ficou com medo da reação dos pais e mães?

A última atividade de interpretação responde a essa questão e dá voz e espaço as experiências de vida dos alunos. Para Rouxel (2012, p. 280), esse investimento do sujeito leitor permite ao estudante “uma relação viva com o texto”. Desta forma, os alunos expressaram sua visão de filhos que cometem travessuras e esperam uma reação dos pais, mães ou responsáveis. Por incrível que pareça, dois alunos relataram que nunca fizeram nenhuma travessura. Em contrapartida, outro aluno expôs que já fez muitas travessuras, porém não descreveu quais foram elas. Uma aluna descreveu o que já viveu “Eu estava pulando na cama e meu pai pediu para eu parar, eu desobedeci e então apanhei”. Uma segunda aluna, relatou o seguinte “Meus pais foram ajudar uma amiga na mudança e nos deixaram dormindo em casa, a minha irmã mais velha e eu não tínhamos certeza se era margarina e passamos na cadeira”. Essa aluna não falou sobre a reação dos seu pai e sua mãe. Outra aluna descreve uma traquinagem de menina que começa a descobrir os cosméticos da mãe “Já peguei as maquiagens da minha mãe sem ela saber, depois ela brigou comigo e pegou as maquiagens dela de novo”. Uma aluna escreveu “Quando eu faço algo errado meus pais me chamam pra conversar e eles explicam o que é pra eu mudar e o que não é”. A última aluna disse: “Já cometi muitas travessuras, mas sempre assumi as consequências”. Diante de tais expressões pessoais que vão ao encontro do tema do conto, podemos perceber que as relações entre pais, mães e filhos são perpassadas por atitudes normais de crianças e adolescentes que anseiam descobrir a vida ou mesmo se divertir e, no caminho dessa descoberta, muitas vezes os alunos erram, desobedecem e, como acontece no conto, os pais e mães estão sempre tentando agir da melhor maneira, mesmo que não seja a ideal, para educar os filhos.

Devido às dificuldades enfrentadas durante a intervenção, pelos motivos já mencionados, optamos por trabalhar somente com os contos “Ligados com o mundo” e “Fuga

do Burity”. Os contos “Batizado de Dulce” e “Bar e Restaurante Abrigo da Estrada” não serão contemplados como estava previsto no projeto.

Devemos ressaltar, que surgiram muitas dúvidas nos alunos durante a produção de leitura subjetiva, dessa forma, a maioria deles apresentou dificuldades para compreender os contos “Ligados com o mundo” e “Fuga do Burity”. Os alunos não tiveram capacidade de entender algumas nuances desses textos e que se refere ao modo como foram construídos. Observamos que boa parte dos estudantes não conseguiu compreender os contos porque não tinha conhecimento sobre os elementos e a estrutura da narrativa. Então, a partir das dúvidas e dificuldades, promovemos a produção da leitura analítica. Tivemos que proporcionar a análise de alguns elementos da narrativa como personagens, narrador, tempo e principalmente o espaço, componente que mais causou confusão no momento das interpretações dos alunos. Pegamos como exemplo o conto “Ligados com o Mundo”, sem esclarecer aos alunos sobre os espaços físico e psicológico, que aparecem na história. Eles não compreenderam que os lugares mencionados por Biu faziam parte da sua imaginação. Logo no início, sem essa percepção, a maioria dos estudantes não entendeu a dinâmica do conto. Eles ficaram confusos durante a primeira e a segunda leitura que fizeram. Como consequência, não assimilaram quase nada da história. Começaram a entender só após a leitura e explicação da professora sobre esses aspectos estruturais do conto. Outro exemplo que podemos citar, está presente no conto “Fuga do Burity”. Toda a narrativa encontra-se separada por trechos e cada trecho expõe espaços e personagens diferentes. Ora a história se passa na Chapada dos Guimarães com Camilo e Batico, ora acontece na casa de Seu Giuseppe em Cuiabá. Sem esclarecer tais particularidades, os alunos não conseguiram acompanhar e entender o conto. Diante desses impasses, compreendemos que a leitura analítica não pode ser dispensada, pois ela se torna muito promissora a partir das dúvidas dos alunos que surgem durante a leitura subjetiva. Percebemos que, esclarecidas as dúvidas, os alunos conseguiram ter uma visão mais ampla do texto, contribuindo assim, para a compreensão e construção de sentidos dos dois contos.

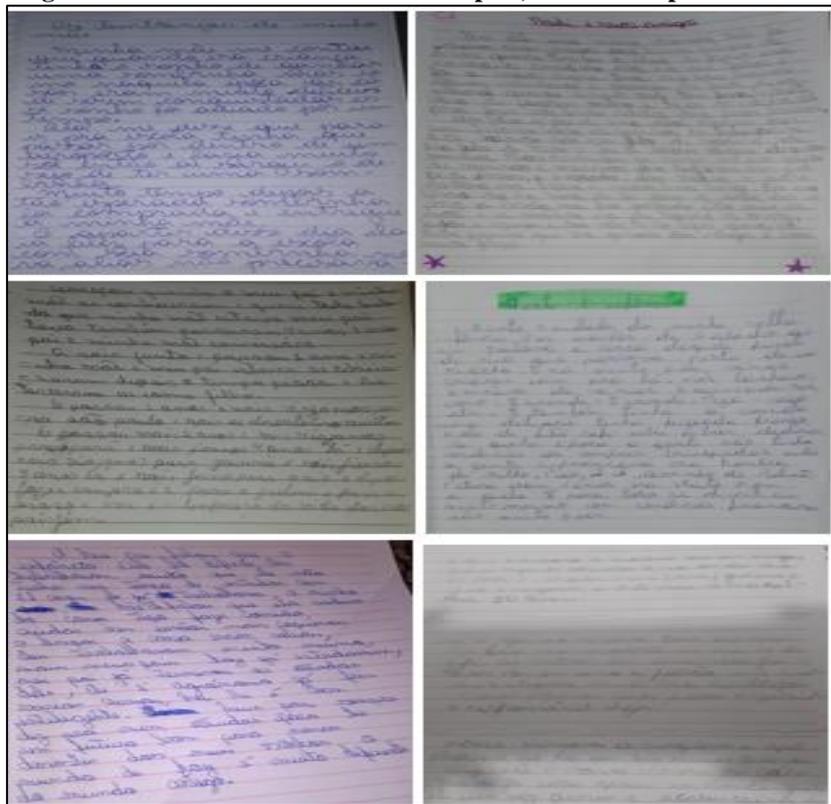
## **5.6 Atividades de criação escrita**

A motivação, a introdução e a leitura são para Cosson (2018, p. 65), “os elementos de interferência da escola no letramento literário”. Sendo assim, a interpretação dos alunos sobre a obra é o momento de efetivação do letramento literário, é nesta etapa que eles exteriorizam o que apreenderam do texto e correlacionam a ficção com a realidade. Como os contos “Ligados com o mundo” e “Fuga do Burity” revelam memórias de infância, cujo eixo central se encontra

no núcleo familiar, propusemos aos alunos, primeiramente, uma entrevista com pais, mães ou responsáveis para que eles contassem alguma lembrança marcante na vida deles. Depois pedimos para que os estudantes transformassem essas lembranças em um texto. Ressaltamos que eles poderiam escrever como tudo realmente aconteceu, ou poderiam usar a imaginação para complementar a história. Enfatizamos para que lembrassem dos contos lidos, nos quais tinham como base a realidade, o cotidiano, mas também exploravam a fantasia. Essa atividade foi proposta no dia 23 de julho de 2020.

Os alunos responderam bem a essa atividade de criação escrita, produziram seus textos, tiraram fotos e enviaram pelo WhatsApp. A figura 17 demonstra as histórias acerca das memórias dos responsáveis que os alunos produziram e mandaram, porém ainda sem correção e digitação dos textos.

**Figura 18 - Textos sobre memórias dos pais, mães ou responsáveis.**



Fonte: Compilação da professora pesquisadora<sup>20</sup> (2020).

Um aluno enviou o seu texto, porém não conseguimos compreendê-lo por causa da letra. Esse estudante apresenta dificuldade na escrita, no entanto, é interessado e participativo. Ele

<sup>20</sup> Imagem a partir dos textos produzidos pelos alunos e enviado pelo WhatsApp sobre a memórias de seus responsáveis.

digitou sua história no WhatsApp e mandou para a professora corrigir, como mostra a figura 18.

**Figura 19 - Texto digitado pelo aluno.**



Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Podemos observar que as histórias produzidas pelos alunos sobre as memórias de seus pais, mães e responsáveis evidenciam brincadeiras de crianças, desobediência, travessuras, superações e sonhos. Como o texto do aluno Daniel “A desobediência de Carlinhos” que mostra a aflição vivenciada por seu tio Carlinhos ao se deparar com um cabrito com os olhos de fogo depois de desobedecer sua mãe. A aluna Bruna escreveu a história “Noeli e suas amigas” que é sobre as brincadeiras de infância da sua avó Noeli, e que a estudante chama de mãe por ter cuidado dela desde que nasceu. O aluno João Vitor relata no texto “As lembranças do meu pai e da minha mãe”, o início do relacionamento dos dois, o seu nascimento e os lugares que a família já viveu. O aluno Natã descreve as muitas travessuras e brincadeiras vividas por seu pai no texto “Travessuras de uma criança feliz – Meu pai”. Com um toque poético a aluna Safira relembra a vida da sua mãe quando criança: as comidas, o riacho, as brincadeiras e os brinquedos improvisados compõem o tema do texto “A infância”. “Minhas lembranças” é o título da história da aluna Thaina, que descreve a superação e o percurso que seu pai e sua mãe fizeram para conquistar uma vida melhor. E por último, temos o texto da aluna Ana Laura “O sonho da minha mãe”, no qual ressalta que a felicidade de uma criança pode se apresentar na simplicidade dos seus sonhos, no caso de sua mãe, o grande sonho era ganhar uma sombrinha.

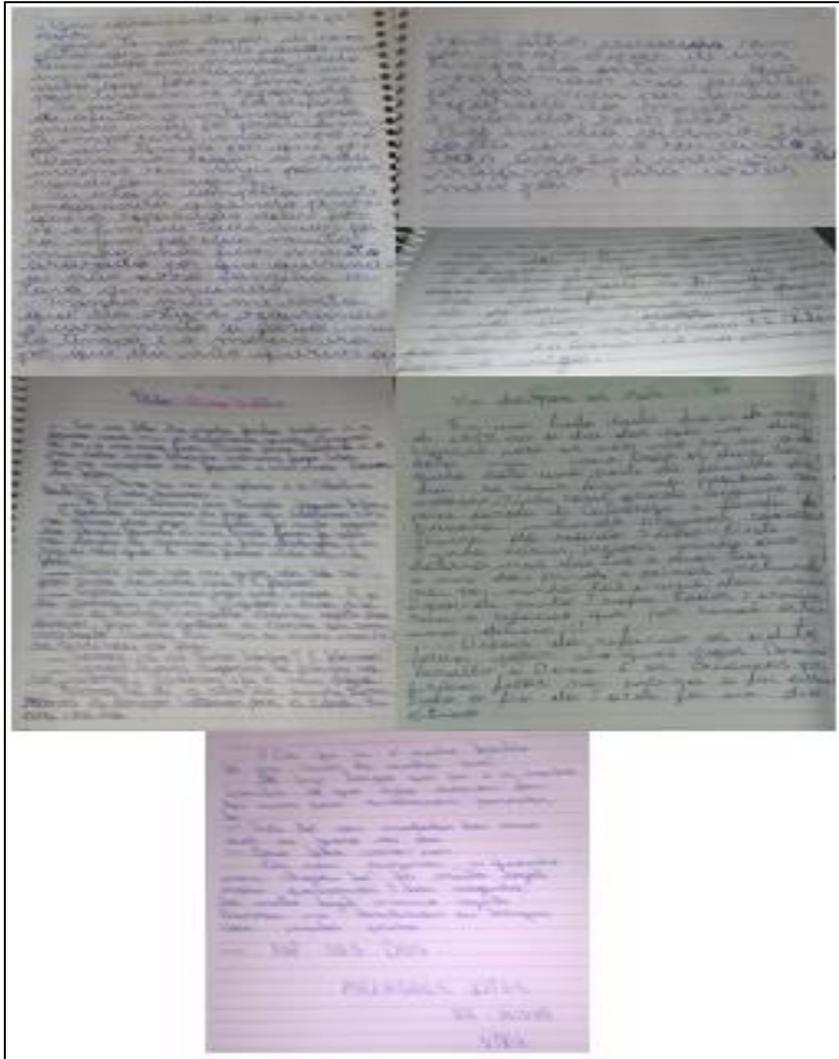
Após essa primeira produção que prestigiava as memórias de pais, mães ou responsáveis, propusemos aos alunos no dia 30 de julho de 2020 que realizassem outro texto. No entanto, essa segunda história seria a partir de uma lembrança marcante em suas vidas. Sugerimos que eles poderiam escrever sobre uma viagem, uma brincadeira divertida, uma travessura, qualquer situação que achassem importante. Como nos primeiros textos, também

ressaltamos que os estudantes poderiam aliar a sua realidade com a imaginação. Ainda enfatizamos para que não esquecessem de colocar o título, o lugar em que se passa a história, o nome das personagens, assim como criar diálogos entre essas personagens, quando possível. Revisamos rapidamente a função do discurso direto e do indireto e o uso da pontuação para a produção dos diálogos no texto.

Percebemos que na segunda produção os alunos ficaram mais atentos a essas questões. Alguns, produziram diálogos como a aluna Bruna com o texto “Minha história” e a aluna Thaina com o texto “A melhor viagem”. Outros colocaram o nome das personagens como a aluna Bruna “Quando chegamos, meu irmão Jonas, minha prima Valentina, meu outro irmão Eduardo e eu resolvemos jogar bola”, ou só os citaram como a aluna Safira: “Tinha várias pessoas, minha avó materna, meus dois tios, duas tias, meus dois primos e prima e ainda meu pai, minha mãe e meus dois irmãos”. Alguns situaram suas histórias no tempo e no espaço, como a aluna Bruna “Tudo aconteceu num belo dia, quando minha família resolveu ir a fazenda”, ou somente o tempo como a Safira “Numa linda manhã de 12 de maio de 2019”. Pedimos para que os alunos ficassem mais atentos a esses elementos, a fim de que seus textos fornecessem informações necessárias para que os leitores pudessem compreender suas histórias.

Os alunos participaram e enviaram as fotos de seus textos, porém dois alunos não entregaram suas histórias. Enviamos várias mensagens para eles, pedindo participação. O pai de um deles leu as mensagens e relatou a dificuldade de o filho continuar no projeto, porque o menino não tinha celular e usava o dele. O pai ainda relatou que agora estava levando o aparelho para o serviço e não havia condições do filho fazer as atividades durante o dia. Ele propôs passar as tarefas para o filho à noite, quando chegasse em casa, mas não obtivemos retorno. No entanto, os demais alunos produziram seus textos, como demonstra a figura 19. Os textos estão na primeira versão que enviaram.

**Figura 20 - Textos sobre as lembranças marcantes dos alunos**



Fonte: Compilação da professora pesquisadora<sup>21</sup> (2020).

Após envio e correção dos textos, perguntamos no grupo do WhatsApp qual aluno tinha computador em casa para digitar seus textos, porém a resposta foi negativa por parte da maioria. Somente um aluno relatou que em sua casa havia um computador, mas quase ninguém o utilizava, por isso ele não sabia digitar e formatar o texto. Na ocasião a mãe desse aluno, que também é estudante do Ceja, expôs que somente ela tinha celular e esse aparelho era dividido entre os dois filhos para estudar. O filho mais velho que é nosso aluno usava de manhã, a filha mais nova usava de tarde e ela utilizava de noite. Essa mãe ainda relatou que um dia o celular deu pane e desligou e ela ficou desesperada por não ter condições de comprar outro e este ser o único meio dela e dos filhos estudarem. Esse é outro relato que evidencia a desigualdade social presente nas escolas públicas e o descaso por parte do governo em não fornecer as condições

<sup>21</sup> Imagem a partir dos textos produzidos pelos alunos e enviados pelo WhatsApp.

necessárias para que estes estudantes consigam acompanhar as aulas remotas. Como sempre, tanto nas aulas presenciais, quanto agora, nas aulas pela internet, os professores precisam se esforçar ao máximo para que o conhecimento chegue até o seu aluno.

Corrigimos e digitamos os textos dos alunos, depois enviamos para eles, afim de que observassem quais foram as inadequações dos seus textos. Todos olharam e gostaram do resultado final. Então, reunimos todas as histórias e mandamos para a editora Ações Literárias em Sinop-MT para que produzissem um livro. Pedimos aos alunos que enviassem uma fotografia e a biografia deles. Constatamos, nessa ocasião, que a maioria dos alunos não sabiam o que era uma biografia, então, explicamos a eles. Todos enviaram. Após já ter os textos, as biografias e as fotografias, precisávamos de um título para o livro. Para isso, lançamos um concurso no qual o vencedor ganharia uma cesta de chocolates. Juntamos as sugestões de duas alunas para formar o título, uma escreveu “Histórias que não voltam” e a outra “As lembranças consolam”. Adequamos as duas sugestões e formamos o título: “Histórias que não voltam, lembranças que afagam: visão privilegiada da vida”. Os títulos dos textos dos alunos são os seguintes:

- A desobediência de Carlinhos – Autor: Daniel
- Noeli e suas amigas – Autora: Bruna
- As lembranças do meu pai e minha mãe – Autor: João Vitor
- Travessuras de uma criança feliz – Meu pai – Autor: Natã
- A infância – Autora: Safira
- Minhas lembranças – Autora: Thainá
- O sonho da minha mãe – Autora: Ana Laura
- Minha História – Autora: Bruna
- A desobediência de Nicolas e Daniel – Autor: Daniel
- A melhor viagem – Autora: Thainá
- Um dia para as mães – Autora: Safira
- Um casamento quase perfeito – Autora: Ana Laura

A seguir, as fotos com os alunos no momento da entrega. Ressaltamos que o livro estará na íntegra, com as ilustrações que os próprios alunos fizeram de suas histórias, nos anexos ao final da dissertação.

**Figura 21 - Momento da entrega dos livros**



Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

No dia da entrega que aconteceu em 16 de outubro de 2020, vieram somente quatro alunos, pois dois mudaram de cidade, um voltou para o Maranhão, mas a tia foi buscar o livro e prometeu mandá-lo para ele. Uma outra aluna não pode ir, porém ela telefonou, pediu desculpas e disse que queria o livro, então, fomos até a casa dela fazer a entrega. Uma mãe acompanhou o filho e relatou estar muito emocionada com as histórias dele e que ela iria mostrar o livro para toda a família. Mãe e filho moram longe da escola, porém saíram de casa bem cedo e chegaram na escola às 06h30 da manhã. Ela ainda expôs que o filho tem muita dificuldade na escrita e ficou admirada por ele ter dado conta de escrever duas histórias. A mãe desse aluno agradeceu por incentivarmos o filho a ler e escrever.

Mediante as produções dos alunos sobre suas lembranças, pudemos contemplar a visão de mundo deles. Apesar da pouca idade e experiência, eles conseguiram escrever sobre

momentos bonitos em família ou com amigos, como relatado pela aluna Bruna no texto “A minha história”. Nele, ela relata um dia muito especial com direito a brincadeiras com irmãos e primos, comida gostosa e um banho de rio, na fazenda em que seu pai trabalha. Já o aluno Daniel resolveu contar sobre o dia em que uma brincadeira com os primos não deu muito certo e ocasionou um acidente com sua prima Ketlin no texto “A desobediência de Nicolas e Daniel”. A aluna Thainá descreveu como um dos melhores dias de sua vida a viagem que a família fez para a casa de sua avó no texto “A melhor viagem”. Ela enfatiza ser esta uma de suas melhores lembranças pelo fato de estar há muito tempo sem ver a sua avó. No texto “Um dia para as mães”, a aluna Safira lembra o dia das mães do ano de 2019, quando sua família se reuniu para a comemoração. Ela descreve as comidas, as brincadeiras e principalmente as pessoas que estavam presentes, entre elas, o seu pai que faleceu em abril de 2020, no início da pandemia. E por último temos o texto “Um casamento quase perfeito” da aluna Ana Laura, no qual ela relata a separação entre seu pai e sua mãe e o sentimento de tristeza que tomou conta dela e da mãe logo no início. Porém, ela descreve que esta situação foi superada e conta um pouco de sua rotina e a do seu irmão após a separação.

Com a produção dessas histórias, percebemos que os alunos, mesmo à distância, se empenharam e não mediram esforços para escrever as memórias de seus pais, mães ou responsáveis e também as suas próprias lembranças. Apesar das dificuldades durante as produções, testemunhamos, que esses estudantes conseguiram transpor para seus textos os sentimentos, emoções e interpretações subjetivas que a experiência literária proporciona. Algo essencial para contribuir com o letramento literário que Cosson e Paulino (2009) definem “como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Concordando com as palavras dos autores, o desenvolvimento das atividades de criação escrita foi para consolidar a construção de sentidos dos contos do escritor Gabriel de Mattos, já trabalhados.

### **5.7 Atividade de criação digital**

Nada melhor do que a tecnologia digital para auxiliar na construção de sentidos e materialização da literatura. Para alguns autores como Dias (2012) o uso cada vez mais intenso de computadores, celulares, tablets, etc, requer novas práticas sociais de leitura e escrita. Os textos multimodais e multissemióticos invadem o cotidiano de alunos e professores e, neste contexto, a literatura digital vem ganhando espaço. Porém, devemos ressaltar que a escola deveria atuar como a principal instituição democratizante do letramento digital, todavia, o que

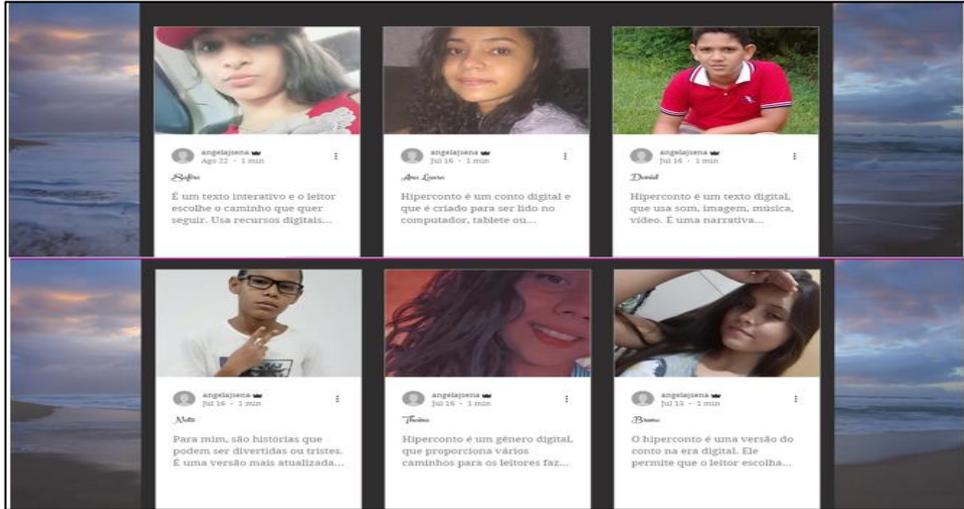
presenciamos é o ínfimo investimento do governo em proporcionar recursos tecnológicos e condições necessárias para que alunos possam desenvolver suas habilidades utilizando a tecnologia. Na dissertação de mestrado do PROFLETRAS Sinop-MT, “Hiperlenda mato-grossense: do encanto folclórico ao magnetismo digital”, de Iraci Sartori dos Santos, é evidenciado essa situação nas escolas do estado:

Infelizmente, o letramento digital tem sido abandonado nas salas de aula, por motivos diversos, entre eles destacam-se: a falta de suporte tecnológico na escola e a de formações para ampliar o letramento digital docente. Mas evitar esse momento é continuar contribuindo com práticas pedagógicas aquém da realidade dos estudantes. Assim, lançar-se nesse processo, mesmo que sem dominar todas as ferramentas que o permeiam, é necessário. (SANTOS, 2020, p. 28)

Também devemos destacar que, para a aplicação desta fase do projeto, necessitamos muito das tecnologias digitais, por isso foi tão difícil o desenvolvimento. Se com aulas presenciais, utilizando o laboratório de informática da escola, já seria um desafio produzir a prosa digital, sem esses meios, se tornou ainda mais complicado. No entanto, como ressalta Santos (2020) não devemos desistir de inserir os alunos no processo de letramento digital.

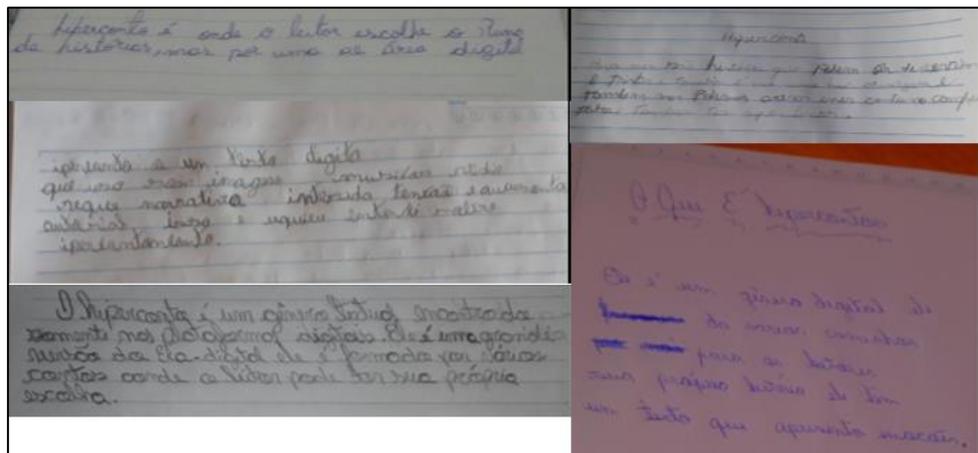
Diante da realidade das aulas remotas, usamos as ferramentas que estavam ao nosso alcance para produzir os hipercontos. Fizemos uma conta no editor de site wix para construção dos contos digitais. Primeiramente, antes de iniciar as produções, explicamos para os alunos o conceito de hipercontos. Enviamos a eles, links de acesso a sites que tratavam do tema como Um Estudo em Vermelho de Marcelo Spalding e também o site Contos e Hipercontos da professora Roberta Garcia. Após a conceituação, pedimos para que eles fizessem um pequeno texto de duas ou três linhas definindo Hiperconto. Essas definições estão no site construído, como podemos verificar na figura a seguir:

**Figura 22 - Definições de hipercontos pelos alunos.**



Fonte: Editor de site Wix<sup>22</sup> (2020).

**Figura 23 - Definições escritas, fotografadas e enviadas por WhatsApp pelos alunos.**



Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Na ocasião, uma aluna enviou sua definição por áudio, por este motivo, não consta seu texto na figura acima. Após o envio, corrigimos as definições e passamos para a próxima fase que era a edição do site. Pedimos ajuda aos estudantes e perguntamos quem teria computador em casa, com internet. Novamente a maioria não tinha condições, somente dois alunos se dispuseram, porém um deles não tinha computador em casa, mas disse que iria usar o da tia dele. Então, enviamos o login e a senha para esses alunos e começamos a criação da cara do nosso site. No entanto, antes dos alunos acessarem a plataforma, enviamos alguns vídeos explicando como eles deveriam entrar e realizar a formatação. Esclarecemos o uso e a função de cada ferramenta e principalmente como criar os links para construção dos caminhos das histórias. Na ocasião, perguntamos qual aluno sabia criar esses links, mas a resposta foi negativa

<sup>22</sup> Disponível em: <https://angelajsenawixsite.com/meusite>. Acesso em: 20 Out. 2020.

por parte de todos. Foi um enorme desafio, mas depois de duas semanas entre o mês de julho e agosto de 2020, conseguimos formar as páginas, com os menus (Início, Sobre, Hipercontos e Galeria), como podemos observar a seguir:

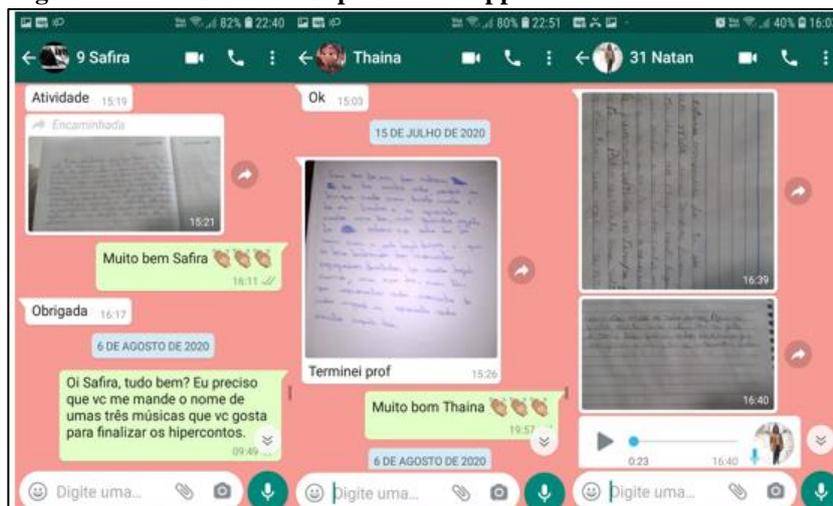
**Figura 24 - Página do site**



Fonte: Editor de site Wix<sup>23</sup> (2020).

No menu ‘Início’, colocamos as definições dos alunos sobre Hipercontos; no menu ‘Sobre’, escrevemos a respeito da literatura digital; no menu ‘Hipercontos’, ficaram as histórias produzidas pelos alunos e no menu ‘Galeria’ estão os diálogos com os alunos para a construção dos contos digitais. Após essa primeira etapa, passamos para a expansão dos textos dos estudantes. Para isso, trocamos os textos e pedimos para que eles continuassem as histórias dos colegas. Sugerimos que colocassem personagens novos, trocassem os espaços e o tipo de narrador. Os alunos gostaram de fazer tais mudanças e enviaram suas sugestões, como podemos constatar em algumas conversas pelo WhatsApp:

**Figura 25 - Envio dos textos pelo WhatsApp**



Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

<sup>23</sup> Disponível em: <https://angelajsena.wixsite.com/meusite>. Acesso em: 20 Out. 2020.

Em seguida, começamos a construção dos hipercontos. Pela dificuldade de acesso à internet e pela falta de suportes tecnológicos adequados, decidimos transformar em contos digitais somente três histórias dos alunos. Iniciamos a digitação na plataforma e a partir das primeiras ideias enviadas pelos alunos, começamos a dar formas aos caminhos que as histórias deveriam seguir. Para isso, sugerimos aos estudantes algumas continuções, pois observamos com o envio das primeiras expansões, que sem esta ajuda, eles não dariam conta de dar sentido aos trajetos que o texto precisaria percorrer.

A criação desses caminhos é uma das partes mais importantes, pois por meio deles o leitor poderá acessar os hiperlinks e escolher como se construirá a leitura. Essas opções permitem uma interatividade que o conto canônico não proporciona. Para auxiliar os alunos na tessitura textual, começamos a perguntar como continuaria a história. Nesta etapa pedimos a colaboração de todos os estudantes e cada um escrevia um trecho ou enviava áudios com ideias para a continuação das narrativas. Daremos como exemplo de como procedeu o desenvolvimento dessa atividade, o texto “A desobediência de Carlinhos” que foi o primeiro que fizemos e o mais longo. Primeiro mudamos um pouco o começo da história para dar mais possibilidades de imaginação. Imaginamos que Carlinhos era aventureiro e gostava de desafios, por isso ele decidiu conhecer os lugares maravilhosos que existiam perto do sítio da família. A partir de então, iniciaram as indagações e os caminhos do texto:

O que aconteceu com Carlinhos?

*Opção 1- Carlinhos continuou sua caminhada e ficou perdido.*

Quais foram os pensamentos de Carlinhos?

- Ele pensou nas histórias de assombrações que sua avó contava, ou
- Ele pensou na melhor maneira de voltar para a casa.

*Opção 2- Carlinhos chegou até uma estrada desconhecida.*

O que aconteceu em seguida?

*Opção 2.1 Carlinhos prosseguiu em sua aventura, mesmo sem conhecer aquela estrada.*

O que Carlinhos pensou nesse momento?

- Ele pensou em sua mãe, ou
- Ele pensou que era o momento de se jogar na água....

*Opção 2.2 Carlinhos viu um bicho bem assustador naquela estrada.*

Então Carlinhos...

- Encontrou um amigo que o levou para casa, ou
- Se arrependeu e voltou para casa

Na figura 25, algumas conversas durante a construção dos textos:

**Figura 26 - Ideias dos alunos para a construção dos hipercontos**

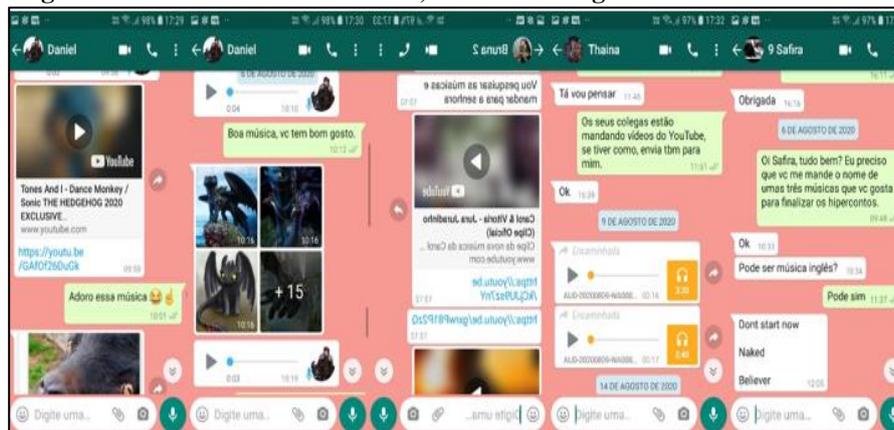


Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Observamos nesta história que os alunos, apesar de mudarem alguns espaços e incorporarem novos personagens como o amigo que ajudou Carlinhos, optaram em preservar a essência da narrativa que é o retorno a casa e o arrependimento do garoto em sair sem avisar a mãe, como podemos confirmar na opção 1 (Ele pensou na melhor maneira de voltar para casa); na opção 2.1 (Ele pensou em sua mãe) e na opção 2.2 (Encontrou um amigo que o levou para casa ou Se arrependeu e voltou para casa).

Como o hiperconto também “necessita ter sons, hiperlinks, imagens – em movimento ou não” (DIAS, 2012, p. 101), pedimos aos alunos que enviassem vídeos e imagens para compor a dinâmica dos textos. Porém, a maioria não conseguiu enviar por não possuir internet de qualidade. No entanto, três alunos ajudaram e enviaram vários vídeos e imagens. Outros estudantes deram conta de enviar somente o nome das músicas ou as músicas já baixadas no celular, como podemos observar em alguns diálogos a seguir:

**Figura 27 - Alunos enviando vídeos, músicas e imagens.**

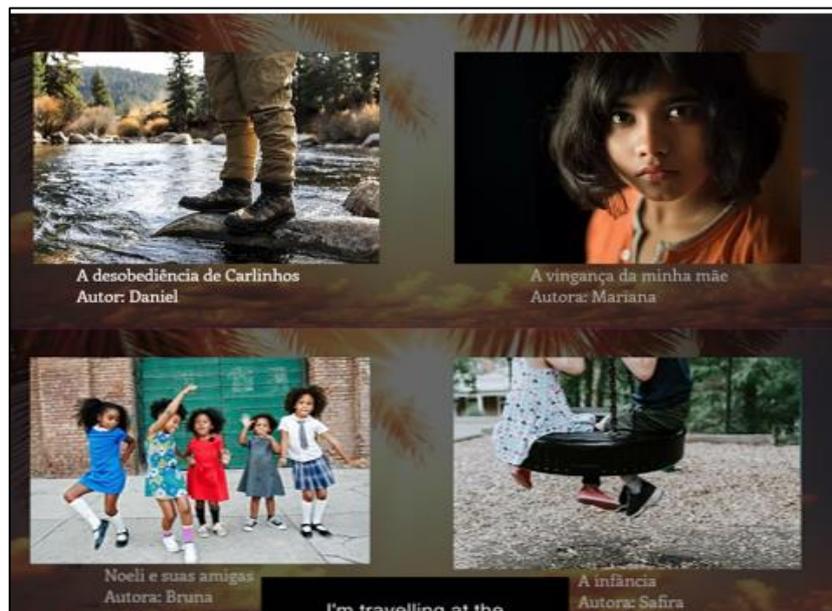


Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (2020).

Após envio de algumas imagens, vídeos e músicas, começamos a dar vida às histórias. Como os alunos não têm condições de digitar e alguns possuem dificuldades para escrever, a professora ficou responsável pela digitação dos textos na plataforma, enquanto os dois alunos que se dispuseram a ajudar, inseriram os vídeos e imagens. A plataforma de produção de site Wix possui muitas ferramentas que facilitou muito a criação dos hipercontos. Por lá mesmo, os alunos podiam baixar os vídeos do youtube que os colegas sugeriram e inserir as imagens por meio do banco de imagens que o site proporciona, ou fazer Download e baixar do seu arquivo pessoal.

Então, supervisionamos cada imagem e cada vídeo, para que os alunos não colocassem nada inapropriado, mas foi bem tranquilo e eles colaboraram bastante. Logo no início ficamos com medo de fornecer a senha e o login para esses alunos e eles não terem responsabilidade suficiente, porém o que presenciamos foram alunos engajados e prestativos dentro dos seus limites. Temos certeza, se as aulas fossem presenciais e com laboratórios de informática bem equipados e com boa internet, teríamos ótimos contos digitais, pois talento esta geração tem, o que falta é investimento e condições. Mesmo com dificuldades, pudemos constatar a criatividade desses estudantes por meio da figura 27, que representa o menu de acesso aos hipercontos.

**Figura 28 - Menu para escolha dos hipercontos**



Fonte: Editor de site Wix<sup>24</sup> (2020)

<sup>24</sup> Disponível em: <https://angelajsenawixsite.com/meusite>. Acesso em: 20 Out. 2020.

Para a construção dos hipercontos, explicamos que as imagens, as músicas, os vídeos e até as cores do fundo tinham que ter sintonia com cada momento da história. Ressaltamos, que se o texto revelasse alguma situação de alegria, todos os elementos tinham que ser leves para demonstrar aquele sentimento. Isso é muito importante, pois para Dias (2012, p. 102) “esses recursos midiáticos ampliam as possibilidades de sentidos que podem ser produzidos a partir da materialidade linguística apresentada na literatura digital”. Os alunos entenderam a proposta e, como exemplo, temos o texto “Noeli e suas amigas”. No fundo eles colocaram a cor rosa, e para as imagens, eles escolheram duas representações: uma que faz alusão à brincadeira de comidinha das amigas e outra que faz referência às próprias meninas. Inseriram, ainda, a abertura da série Anne with an E, que aborda a infância e adolescência de garotas no final do século XIX, como demonstrado na figura a seguir:

**Figura 29 - Hiperconto "Noeli e suas amigas"**

**NOELI E SUAS AMIGAS**

Algumas lembranças da infância de Noeli. Um dia Noeli chamou suas amigas para brincar embaixo de uma árvore, então tiveram a ideia de fazer uma casinha, a comidinha era feita de folhas e era a maior alegria.

Uma certa vez, essas meninas estavam caminhando e passaram em frente a um milharal quando de repente Noeli teve uma brilhante ideia:

**Qual foi a ideia de Noeli:**

Ela pegou alguns milhos para brincar.  
ou  
Ela pegou alguns milhos para fazer pamonha.

Voltar

Fonte: Editor de site Wix<sup>25</sup> (2020)

Demoramos mais de um mês para criar três hipercontos e o quarto conto “A infância” resolvemos inserir como a aluna Safira escreveu, introduzindo somente cor, imagens e músicas. O endereço para acesso é <https://angelaajsenawixsite.com/meusite>. Foi um enorme desafio para professora e alunos que, mesmo querendo participar não podiam, por falta de condições. No entanto, buscamos ensinar da melhor maneira possível que o hiperconto é um gênero digital

<sup>25</sup> Disponível em: <https://angelaajsenawixsite.com/meusite>. Acesso em: 20 Out. 2020.

que amplia a participação do leitor na produção de sentidos do texto literário, dando-lhe autonomia na criação textual. E sobretudo proporcionar a esses estudantes a percepção defendida por Dias (2012, p. 102) de que “Esse processo vai além da interação homem e máquina e é ampliada para a interação homem e conteúdo, homem e narrativa, homem e hipertexto”.

Essa interação entre ser humano, literatura e tecnologia digital é um caminho possível para a produção de sentidos do texto literário. E assim, por meio do conhecimento e criação desse gênero da literatura digital, buscamos proporcionar aos alunos a oportunidade de dar voz e vida as suas lembranças e as memórias de seus familiares. Sabemos que por falta de condições, nem todos os textos foram contemplados, porém os estudantes puderam perceber o processo de materialização de uma prosa digital e diante dos resultados, ressaltamos que os contos do escritor Gabriel de Mattos serviram como inspiração para produção escrita e digital dos alunos. Dessa forma, conseguimos contemplar a literatura produzida em Mato Grosso e a tecnologia digital para contribuir com o letramento literário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começo as considerações finais retomando a epígrafe composta por Maria Fernanda Ferreira: “O tempo é pouco, O interesse também, Acostumados a correr, render, Nascidos da geração em que o Google sabe mais sobre ele...do que seus irmãos [...]”. O poema reflete o intenso envolvimento que os jovens desta geração possuem com o universo virtual, um universo cheio de desafios, que se tornou no decorrer do processo de intervenção tão importante e necessário a esta pesquisa-ação. No início deste projeto apostamos nos textos literários mato-grossenses e na tecnologia digital para contribuir com o letramento literário. Acreditávamos que o mundo digital estava presente fortemente na vida dos alunos, por isso pensávamos que desenvolver a aplicação do projeto de intervenção, seria no mínimo, estimulante. Porém, após 15 dias de atividades desenvolvidas, a pandemia do coronavírus chegou ao nosso país e o inevitável aconteceu. Aulas suspensas, professora separada de alunos. E agora, como continuar o projeto? A única alternativa seria aulas remotas, e foi neste momento que a ficha caiu. Pouquíssimos alunos tinham acesso à internet, celulares ou computadores. E mesmo nascidos na geração do “google” não sabiam nem criar um link.

No entanto, não desistimos de proporcionar a esses alunos que conseguiram participar do projeto, a oportunidade de sentirem a literatura em suas vidas. O objetivo da pesquisa foi trabalhado com a perspectiva de promover a valorização da literatura produzida em Mato Grosso e o letramento literário por meio da produção de leitura dos contos do escritor Gabriel de Mattos e da criação de hipercontos. Desta forma, à medida que as atividades foram sendo desenvolvidas, as necessidades de aprendizagem e a falta de recursos tecnológicos dos alunos para acompanhar as aulas remotas despontavam. Todavia, mesmo com recursos limitados, os resultados foram promissores.

Toda a ação de intervenção, associada aos princípios do método e procedimentos da pesquisa-ação, assim como a metodologia da sequência básica, da leitura subjetiva e analítica, da história visível e secreta, e dos multiletramentos contribuíram para alcançarmos o objetivo desta pesquisa. Exemplo disso foi o avanço na interpretação do texto literário por meio de análise dos componentes do conto e da percepção de que esse gênero possui dois planos, um superficial e outro profundo. E também a produção escrita e digital a partir das memórias de pais, mães e alunos que auxiliou na construção de sentidos dos contos trabalhados. Contudo, compreendemos que o processo de letramento literário é contínuo e se constrói na escola, na família e na sociedade.

O objetivo de promover a valorização da literatura regional foi alcançado. Antes a maioria esmagadora não conhecia nenhuma obra ou escritor de Mato Grosso, como demonstrado em gráfico. Assim como a cultura, as festividades, comidas típicas, danças e músicas também eram desconhecidos.

O maior desafio foi propiciar aos alunos condições para desenvolverem textos hipermodais e semióticos a partir de seus textos escritos. Compreendemos que esse objetivo não foi completamente alcançado. Pela falta de recursos tecnológicos e acesso à internet, poucos alunos conseguiram efetivamente participar da construção do site e dos hipercontos. Porém, buscamos, mesmo que indiretamente, por meio de envio de músicas, vídeos e imagens, fazer com que a maioria dos estudantes participantes ajudassem na criação dos contos digitais e descobrissem este mundo do hipertexto.

Diante das dificuldades enfrentadas, percebemos que, mesmo com recursos precários e com o número reduzido de alunos, os resultados da aplicação do projeto foram surpreendentes. Eles apontam que esses estudantes mostraram ousadia e força de vontade, desta forma, conseguiram ler, analisar e interpretar o texto literário, expor suas opiniões enquanto sujeitos leitores e ainda produziram textos que revelaram suas visões de mundo e de seus familiares.

Posso dizer, como professora pesquisadora, que aprendi muito com este projeto. Essa aquisição de novos saberes veio junto com a frustração em perceber que a desigualdade social que atinge os nossos alunos é muito maior do que eu imaginava. Nesse sentido, vivenciei mães e pais desesperados, sem saber o que fazer para ajudar os filhos em casa. Vivenciei a falta de recursos digitais, de internet e de dinheiro desses pais, mães e alunos. Todavia, também vivenciei atos de superação desses estudantes, que mesmo com poucos recursos queriam participar e aprender.

Desta forma, outras vivências também foram importantes neste percurso como: o aprendizado advindo dos professores do Profletras, a essencialidade em ouvir as direções da minha orientadora, a necessidade de analisar e aplicar os conceitos metodológicos mediante ao novo formato das aulas, tendo a certeza que tenho muito a aprender.

Por fim, é visível que o Mestrado Profissional em Letras promove transformação na ação docente e também na percepção de educação, de escola, de aluno e de ensino diferenciado, o qual sempre busca aliar teoria à prática. Ainda que com poucos recursos tecnológicos e uma pandemia, o programa proporcionou a oportunidade de desenvolvermos práticas de letramento que demonstram as possibilidades para uma educação humanizada e transformadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a Literatura. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de. (org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo, DCL, 2004.

BAGGENSTOSS, Deise. **Poemas e Narrativas Curtas da Literatura Mato-grossense: Produção de Leitura e de Textos Multimodais**. 2018. 184f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop-MT, 2018.

BARBOSA, Everton Almeida. A tendência regionalista da crítica literária e a exposição do intelectual em Mato Grosso. *In*: SANTOS, Luzia A. Oliva (org.). **Tópicos de Leitura: Literatura e contexto**. Cuiabá-MT: edição da organizadora, 2011.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2º ed. São Paulo: T.A Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRAGA, Denise Bertoli. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da /hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC/Língua Portuguesa–Ensino Fundamental-Anos Finais. Brasília, MEC/ 2018.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. PCN/Língua Portuguesa–3º e 4º ciclos. Brasília, MEC/sef, 1998.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Editora Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio et al. Direitos humanos e literatura. *In*: A.C.R. Fester (Org.). **Direitos humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, p. 107-126, 1989.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre azul, p. 169-191, 2011.

CANI, Josiane Brunetti. A Leitura Multimodal no Hiperconto Digital Um Estudo em Vermelho. *In*: **Odisséia**, v. 2, n. 1, p. 113-132, 2017.

CARVALHO, Letícia Queiroz de; CORREIO, Rogério Carvalho de Holanda. O hiperconto, a escola e a formação do leitor literário. *In*: **Textura**, v. 20 n.43, p. 172-193, 2018.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Tradução: Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORRÊA, Hércules Toledo. Adolescentes leitores: eles ainda existem. *In*: PAIVA, Aparecida et al (orgs.). **Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces, o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE/FAE/UFMG, 2007.

CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto. *In*: **Valise de Cronópio**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1974.

COSSON, Rildo, **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed., 7ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. Contexto, 2014.

DIAS, Anair Valênia Martins. Hipercontos Multissemióticos. *In*: ROJO, Roxane e MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

FERREIRA, Maria Fernanda. **Rasuras Negras**. *In*: Helenice Joviano Roque-Faria (org.). 1ª ed. Peruíbe: Laseco Editorial, 2020.

FIGUEIREDO, Annie Tarsis Morais. Um estudo sobre a resignificação do conto brasileiro a partir das narrativas curtas e de média extensão de Lima Trindade. *In*: SILVA, Antonio de Pádua Dias (org.). **O conto e o romance contemporâneos na perspectiva das literaturas pós-autônomas**. Campina Grande: Eduepb, 2016.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. 11ed. São Paulo: Ática, 2006.

HAYLES, Katherine. **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário**. Traduzido por Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

JOUBE, Vicent. **Pra que estudar literatura?** Tradução: Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento. Não basta ensinar a ler e escrever**, Cefiel/ IEL/ Unicamp, São Paulo: 2005.

LEITE, Mário Cesar Silva. Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes. *In*: MAQUÊA, Vera; MACHADO, Madalena (org.). **Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes**. Cáceres/MT: Editora da UNEMAT, p. 17-39, 2009.

LEMKI, Jay. Travels in Hipermodality (Working Draft). **Visual Communication**, vol. 1, nº 3, p. 299-325, 2002.

LORENZI, Gislaine Cristina Correr e PÁDUA Tainá-Rekã Wanderley de. Blog nos anos iniciais do fundamental I: A reconstrução de sentidos de um clássico infantil. *In*: ROJO, Roxane e MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Literatura e poder em Mato Grosso**. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Mato Grosso, 2002.

MATO GROSSO, **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso: concepções para a educação básica**. SEDUC: Mato Grosso, 2018.

MATTOS, Gabriel Francisco de. **A geringonça**. São Paulo: Via Lettera, 2002.

PAULINO, Graça. Letramento literário: por vielas e alamedas. **Revista entre ideias: educação, cultura e sociedade**, v. 6, n. 5, 2001.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, Regina e ROSING, Tania (orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, p. 61-79, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. **Literatura e Sociedade**, v. 11, n. 9, p. 16-29, 6 dez. 2006.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. *In*: **Formas Breves**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004, P. 87-114.

POE, Edgar Allan. Review of Twice told tales. *In*: MAY, Charles E. ed. **Short story theories**, p. 45-52, 1842.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. *In*: ROJO, Roxane e MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Trad. Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. *In*: **Cadernos de pesquisa**, v.42, n.145, p.272-283, jan./abr, 2012.

SANTOS, Iraci Sartori. **Hiperlenda mato-grossense: do encanto folclórico ao magnetismo digital**. 2020. 129f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop-MT, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de Leitura**; tradução: Claudia Schilling; revisão técnica: Maria das Graças Souza Horn. – 6. Ed. – Porto Alegre: Penso, 1998. Reimpressão 2012.

SOUZA, José Batista de Souza; SCHLINDWEIN Ana Flora. Os desafios da formação do leitor contemporâneo e a literatura digital. *In*: **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 18, n. 2, 2018.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. São José do Rio Preto: **Objetos educacionais do acervo digital da Unesp**, p. 101-107, 2011.

STREET, Brian. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current issues in comparative education**, v. 5 (2), 2003. Columbia University, p. 77-91.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação** (Coleção temas básicos de pesquisa-ação. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

TURCHI, Maria Zaira. Tendências atuais da literatura infantil brasileira. *In*: VASCONCELOS, Maria Aparecida Batista Freitas (org). **Biblioteca escolar: uma ponte para o conhecimento**. – Goiânia : SEDUC, p. 97-103, 2009.

ZAPPONE, Mirian. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Revista teoria e prática da Educação**, v. 11, n. 1, p. 46-60, 2008.

## REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

AMORIN, Safira. **Imagens, músicas e vídeos**. WhatsApp: Privado. 06 ago. 2020. 09:48. 1 mensagem WhatsApp.

AMORIN, Safira. **Textos dos alunos**. WhatsApp: Privado. 18 jul. 2020. 15:20. 1 mensagem WhatsApp.

BLOG COMUNHÃO TROPICAL. 2011. 1 blog. Disponível em: <https://comunhaotropical.blogspot.com/p/local-da-comunhao-tropical-pousada.html>. Acesso em: 10 Set. 2019.

BOTELHO, Mírian. “A geringonça” histórias de Gabriel de Mattos. **Diário de Cuiabá**. 2002. 1 jornal online. Disponível em: <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=108695>. Acesso em: 12 set. 2019

BRITO, Bruna. **Ideias dos alunos**. WhatsApp: Privado. 25 jul. 2020. 15:57. 1 mensagem WhatsApp.

BRITO, Bruna. **Imagens, músicas e vídeos**. WhatsApp: Privado. 06 ago. 2020. 13:31. 1 mensagem WhatsApp.

CORRÊA, Natan. **Textos dos alunos**. WhatsApp: Privado. 18 jul. 2020. 16:38. 1 mensagem WhatsApp.

FLOR RIBEIRINHA. **Siriri na final - Flor Ribeirinha Campeã**. 2017. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=68gcGaIUUY>. Acesso em: 09 Mar. 2020.

GARCIA, Roberta. Contos e Hipercontos. 1 blog. Disponível em: <https://garciaroberta38.wixsite.com/contosehipercontos/blank-bgylu>. Acesso em: 12 Jul. 2020.

GONÇALVES, Thaina. **Imagens, músicas e vídeos**. WhatsApp: Privado. 09 ago. 2020. 11:50. 1 mensagem WhatsApp.

GONÇALVES, Thaina. **Textos dos alunos**. WhatsApp: Privado. 15 jul. 2020. 15:26. 1 mensagem WhatsApp.

Influência da TV sobre as pessoas. Vídeo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ssIZHdTr\\_kw](https://www.youtube.com/watch?v=ssIZHdTr_kw). Acesso em: 01 de Mar. 2020.

MATO GROSSO. Câmara de vereadores de Nova Mutum. **Semana de Mato Grosso: Dança e Música**. 2019. 1 Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=saaxlE0tbAg>. Acesso em: 09 Mar. 2020.

NASCIMENTO, Daniel. **Conversa com a mãe do aluno**. WhatsApp: Privado. 16 ago. 2020. 21:27. 1 mensagem WhatsApp.

NASCIMENTO, Daniel. **Digitação do texto**. WhatsApp: Privado. 25 jun. 2020 09:20. 1 mensagem WhatsApp.

NASCIMENTO, Daniel. **Ideias dos alunos**. WhatsApp: Privado. 26 jul. 2020. 07:53. 1 mensagem WhatsApp.

NASCIMENTO, Daniel. **Imagens, músicas e vídeos**. WhatsApp: Privado. 06 ago. 2020. 10:16. 1 mensagem WhatsApp.

SCHEFFDER, Melanchton. **Blog Comunhão tropical**. 2011. 1 blog. Disponível em: <https://comunhaotropical.blogspot.com/p/local-da-comunhao-tropical-pousada.html>. Acesso em: 10 Set. 2019.

SPALDING, Marcelo. **Um Estudo em Vermelho**. 2009. 1 blog. Disponível em: [http://artistasgauchos.com.br/\\_estudovermelho/?pg=2591](http://artistasgauchos.com.br/_estudovermelho/?pg=2591). Acesso em: 12 Jul. 2020.

VIEIRA, Luiz Fernando. Gabriel de Mattos abre chá com bolo literário. **Gazeta Digital**. Cuiabá, 13 ago. 2003. Disponível em: [www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/seção/62/og/1/materia/9589/](http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/seção/62/og/1/materia/9589/). Acesso em: 10 de out. 2019.

## APÊNDICE

### PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO

#### 1- MOTIVAÇÃO:

- a) Observar o quanto os alunos conhecem sobre literatura/ pedir para escreverem o que sabem
- b) Observar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero conto.
- c) Explicar sobre as características do conto/mostrar a realidade por meio da ficção/ apresentar diferentes tipos de contos.
- d) Mostrar elementos da cultura mato-grossense/ vídeos, músicas, comidas, danças, artes.
- e) Ler um conto que mostre alguns desses elementos – conto “Ditinho e o Fogueteiro Fantasma.
- f) Discussão sobre a obra e os elementos da cultura mato-grossense/ observar o grau de interesse dos alunos.

#### Habilidades:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

#### 2- INTRODUÇÃO

- a) Apresentação do livro
- b) Falar sobre a temática social
- c) Biografia do autor
- d) Mostrar outras obras do escritor
- e) Apresentar outros escritores mato-grossense e suas respectivas obras

#### Habilidades:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção

#### 3- LEITURA

- a) Leitura do primeiro conto “Ligados com o mundo” proporcionar uma motivação/ discussão sobre o tema/ observar a capacidade interpretativa e reflexiva dos alunos.
- b) Leitura do segundo conto “Fuga do Burity” proporcionar uma motivação/ discussão sobre o tema/ observar a capacidade interpretativa e reflexiva dos alunos.

**Habilidades:**

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

**4- INTERPRETAÇÃO**

- a) Mostrar o plano da superfície e o profundo- visível e o secreto/ todo conto tem duas histórias
- b) Discussão e reflexão sobre os temas dos contos
- c) Observar o que mais chamou a atenção dos alunos
- d) Analisar as interpretações dos alunos
- e) Mostrar a dimensão humana captada na sociedade de Mato Grosso
- f) Mostrar como o conto pode refletir a cultura e a memória de uma sociedade
- g) Analisar a estrutura do conto: apresentação, complicação, clímax e desfecho
- h) Analisar nas obras lidas as memórias de infância, tradições, relações interpessoais, linguagens.
- i) Analisar nos contos os elementos da narrativa: personagens, narrador, tempo cronológico e psicológico e espaço físico e psicológico.
- j) Estudar o conceito de memórias
- k) Entrevistas com familiares sobre as suas memórias de infância

**Habilidades:**

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos

personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos

## **5- REGISTROS DAS INTERPRETAÇÕES/ ATIVIDADE DE CRIAÇÃO ESCRITA**

- a) Produção de histórias que retratam essas memórias, utilizando a imaginação e sua percepção de mundo
- b) Análise da produção final
- c) Revisão textual
- d) Digitação e formatação das histórias produzidas pelos alunos

### **Habilidades:**

(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

## **6- REGISTROS DAS INTERPRETAÇÕES/ ATIVIDADE DE CRIAÇÃO DIGITAL**

- a) Conceito de hiperconto

- b) Mostrar hipercontos já existentes
- c) Pesquisa sobre os elementos do hiperconto como imagens, áudios, hiperlinks, interatividade e quebra de linearidade
- d) Produção de hipercontos a partir das histórias escritas

**Habilidades:**

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

(EF67LP01) Analisar a estrutura e funcionamento dos hiperlinks em textos noticiosos publicados na Web e vislumbrar possibilidades de uma escrita hipertextual.

**7- APRESENTAÇÃO PARA A ESCOLA**

- a) Produção do livro impresso dos contos dos alunos
- b) Divulgação dos hipercontos produzidos

## CONTO “LIGADOS COM O MUNDO”

Naquele tempo, ficávamos acordados até bem tarde, na sala de jantar já vazia, eu e meu irmão, ouvindo o rádio grande de mamãe. Meu pai colocara um fio comprido, apoiado num bambu no quintal, para funcionar como antena mais potente. Dali, eu e meu irmão Zeca ouvíamos o mundo.

Isso deve ter sido faz tempo, porque em 69 chegou a televisão em Cuiabá e nunca mais a sala de jantar lá de casa ficou vazia. Também nesse tempo meu irmão foi servir o exército e o bambu do quintal quebrou. Depois, cimentaram o quintal e a gente nunca mais ficou tão ligado com o mundo.

Era estranho, porque certas noites a gente nem ligava o rádio no fio de cobre e ele pegava logo uma estação falando em castelhano. Depois da tevê e do quintal cimentado, eu me trancava no quarto com o rádio e não conseguia sintonizar nem as rádios castelhanas, nem as que o Zeca ficava traduzindo.

É, porque Zeca, que nem era bom aluno no Colégio dos Padres, traduzia qualquer língua que pegasse no transglobe (esse era o nome do rádio de mamãe, estava escrito nele).

Era quase toda noite. Meu pai e minha mãe, que estavam de pé às quatro e meia da manhã, iam dormir logo depois do jantar, eu ficava batendo papo com os outros moleques na rua de terra. Mais tarde, o Zeca chegava (geralmente depois de deixar uma das muitas namoradas suspirando no portão), e aí ele falava:

-Vamos entrar, Biu! - Turíbio sou eu, seu irmão.

Às vezes, o transglobe estava no quarto dos meus pais, que já estavam roncando. O Zeca pegava o rádio em silêncio e levava para a sala, onde eu já esperava com a ponta do fio de cobre na mão.

Era ele quem selecionava a estação. Geralmente, se estivéssemos ligados à antena de fio de cobre, ele passava direto pelas estações castelhanas. Preferia uma emissão com língua bem difícil, que eu não entendia nada, mas que ele ia traduzindo em voz alta.

- Ele está dizendo que a estrada tal está fechada e que vão plantar...milho em cima dela. E que tem uma mulher chamada...Verônica!, que vai cuidar de tudo...deviam deixar Verônica falar...essa mulher vai ser a responsável, até quando chover...

Eu ouvia fascinado, e achava que era fácil outra língua, porque o Zeca sempre falava uma palavra parecida com o que diziam na língua lá deles, o som pelo menos era muito parecido.

- Agora é um bar de pinga, que está funcionando muito mal...a dona chamava Dravina...é, Dravínia!, e ela está preocupada porque a pinga está secando nesse país...

Eu perguntava que língua estava falando, e o Zeca falava que era ioguslavo, ou russo, ou tchecoslovaco, ou armênio, ou canadense. Nunca era inglês ou castelhano (castelhano eu conhecia) ou italiano (que Seu Vitório, nosso vizinho, tentava me ensinar quando eu ia falar como Vitoninho) ou uma língua mais conhecida. E as notícias eram sempre iguais, falavam de qualquer coisinha besta sobre ruas, bares, plantações e sempre tinha uma mulher no meio, uma mulher com um nome estranho e que era quem mandava na plantação ou no bar, e que nunca falava.

Mas tinha uma coisa que o Zeca nunca fazia. Sempre que começavam a transmitir uma música com cantor ou cantora, ele parava de traduzir. Nessa hora, ficava calado, olhava de rabo de olho para dentro de casa, para ver se seu pai continuava roncando. Depois, tirava um cigarro amassado de dentro do bolso e fumava apoiado na janela para não dar cheiro na sala, que minha mãe dava bronca e meu pai cortava a mesada dele. Aliás, papai vivia cortando a mesada dele, dizia que o Zeca tinha de trabalhar...

O que eu achava gozado é que essas rádios estrangeiras nunca avisavam que iam tocar música. Estavam contando as histórias das mulheres lá, e aí começava a música, sem mais sem menos. O Zeca olhava enfezado pro rádio e ia para janela. Eu o acompanhava e ficávamos olhando o quintal de casa: as três bananeiras, a embauveira, uma velha mangueira, adiante touceiras de capim alto (já no lado do Seu Vitório), acima uma grande lua, alguns telhados de casas ao longe...

Zeca não falava nada nessas horas, o quintal iluminado pela lua parecia respirar com ele. A música geralmente era monótona e com alguns chiados, o rádio tocando baixinho. Eu tentava adivinhar a letra, mas Zeca não parecia preocupado. Aí eu também desistia e começava a sentir que ali, a gente não estava no nosso quintal, a gente estava no lugar de onde o rádio falava. Era gozado, a gente se sentia meio mal de estar num lugar que não falava a nossa língua. Mas também não era estar no lugar, no meio das pessoas, era estar por ali, sobrevoando, sabendo que tinha gente, e que estávamos bem longe de casa. Eu me desesperava um pouco e olhava pra lua, porque a lua é a mesma no mundo todo. E talvez se alguém olhasse nesse país para a lua, era a mesma coisa que olhar do nosso quintal em Cuiabá. Aí, eu olhava para a lua e mesmo assim demorava para voltar. E o Zeca ali calado, fumando seu cigarro amassado.

Depois a música acabava e o locutor começava a falar, e o Zeca meio que espreguiçava e ia traduzindo direto, falando às vezes tão rápido que até se adiantava em relação ao estrangeiro.

Foram muitas noites assim, a gente passeando entre as bananeiras do quintal pelas ruas da Tchecoslováquia, sob a mangueira velha em vielas de Estocolmo, por trás das touceiras de mato do Seu Vitório nas dunas do deserto do Cazaquistão...

Um dia, começaram a falar da tal da televisão, e meu pai foi ficando animado. Comprou uma com dinheiro emprestado antes de começarem as primeiras transmissões. Ficava ali na sala até tarde, mexendo nela ou na antena que parecia uma espinha de piraputanga e que ficava em cima da casa. Eu acompanhava meu pai todo alegre com a novidade, e nem lembro do dia em que o Zeca entrou pro quartel.

A gente ficava esperando de tarde começar a transmissão da tevê, que demorava e às vezes só passavam uma historinha curta ou música, com um desenho estranho na tela. Só de noite que tinha alguma coisa com pé e cabeça, geralmente um programa de auditório de São Paulo ou um filmezinho curto e engraçado.

Certas noites, eu me enchia de ver aquela televisão, pegava o transglobe e não conseguia achar uma rádio boa daquelas que o Zeca traduzia. Aí, eu ficava com saudade dele, que vinha cada vez menos em casa e que brigava com meu pai toda vez.

Aí o bambu do fio de cobre quebrou, a televisão começou a passar desde mais cedo e meu pai até dormia na frente dela. Cimentaram o quintal, e o Zeca, depois de terminar o serviço militar, saiu de casa e foi ser viajante pro interior dos óleos vegetais da Motoveg.

Assaltaram a casa do Seu Vitorino, e ele construiu um muro alto e não dá mais para ver o capim do quintal dele. Não temos mais bananeiras no nosso quintal e, numa noite de chuva, a mangueira velha caiu.

Para arrematar, umas pilhas que esqueceram de trocar melaram ácido dentro do transglobe. Meu contato com o resto do mundo ficou impossibilitado desde então. Que droga!

## CONTO “FUGA DO BURITY”

O sol aloitava com a lua na madrugada chapadense quando os dois garotos passaram por baixo da cerca de arame farpado.

- Você é louco, Camilo, seu pai te mata!
  - Pode matar, é preferível ser morto em Cuiabá do que vivo no Burity!
- A silhueta do colégio interno era pouco visível àquela hora, nenhuma agitação.
- Dorme mesmo, padraçada! Para aqui, eu não volto nem de visita.
  - Seu pai desiste de vez e te bota no seminário. Vamos voltar!
  - Larga mão, Batico! Se está com moleza, volta lá você.
  - Que isso? Eu vou é ficar com você, pra te impedir de fazer besteira maior.

Corujas piavam ao longe.

\*\*\*\*\*

- Ele já tomou guaraná?
- Já, minha filha, e nem deu bom dia.

Seu Giuseppe estava mesmo de ânimo virado. Não conseguiria mudar a carranca de assustar criança desde que levantara da cama. Dona Gracildes só ficava evitando os outros de chegarem perto dele. Bastava a respostada que Argemiro levava pela fuça:

– E você vai procurar seus filhos, que você arrumou lá no Carminha, pra depois perguntar do meu!

Dona Gracildes não queria nem pensar no que aconteceria, se o filho não endireitasse depois da estadia no Burity.

\*\*\*\*\*

- Ele parece que vai arrumar um lugar pra gente. Eu falei que sou neto do meu avô.
- Camilo, você está facilitando com o azar.
- Larga mão dessa tremedeira.
- Você por um acaso sabe andar a cavalo?
- A gente aprende, Batico. Se bugre sabe, a gente aprende.

\*\*\*\*\*

– Quem é que está ligando esse inferno de rádio?!

Pronto, Delzira, a moreninha da cozinha, chegara há pouco, ainda trazendo a alegria da quermesse de ontem na Cruz Preta, e ligara o rádio da saleta.

– Eu falo e ninguém me ouve! Agora vamos ver se consegue ligar! Seu Giuseppe agarrara o grande rádio e puxava o fio, quase arrancando tomada e reboco da parede.

– O rádio do Camilo vai ficar é em silêncio até ele voltar!

– O senhor quer é que todo mundo fique de luto, só porque o filhinho querido foi cumprir pena no Burity! - A morena, já de avental e em frente à pia, era das poucas que enfrentava Seu Giuseppe, afora Dona Gracildes.

– Meu filho não é meliante, lava essa boca com sabão!...Ou melhor, eu mesmo vou lavá-lo!

Dona Gracildes teve que intervir, porque Seu Giuseppe já mergulhara a bucha no sabão de coco e caminhava para a desafiadora morena, que esperava de mãos na cintura.

\*\*\*\*\*

– Obrigado, gente.

– É um prazer, Seu Camilinho. Dá um abraço no velho.

– Claro!

– Seu avô já morreu, Camilo - sussurrou Batico.

– Mas ele não sabe, idiota – sussurrou de volta Camilo.

Os dois garotos esperaram a tropa sumir de vez lá adiante. Agora o sol de Mato Grosso mostrava toda a sua fartura tropical.

– A gente não está nem no Portão do Inferno, Camilo. Grande ajuda!

– E quer saber? Bom que a gente não esteja. Porque, se tivesse, eu te jogava lá pra baixo, só pra ver se continuava de frosô. Vamos pedir carona que é melhor. Chia lá, um carro.

– Eu tô conhecendo...é a Rural Willys do Burity!

– Esconde, porquera! Você também vai pra pau, se pegarem a gente!

\*\*\*\*\*

– É, ter filho depois de velho, Dona Gracildes, sempre fica assim malcriado.

– Mas ele já trancou tudo do Camilo, levou o rádio, a bicicleta, a vitrola e os discos. Dá medo, Delzira. Ai, se esse garoto me apronta alguma coisa neste Burity.

– Olha, pra mim, ele vai buscar o capeta lá.

– Não, agora não, Delzira. Já basta o que ele fez no Colégio dos Padres aqui, quase foi excomungado.

– Um colégio interno de vez em quando é bom, pra ele dar valor.

A conversa era na cozinha. Seu Giuseppe apareceu semelhante tenor trágico de ópera de Verdi.

– Ah, o desgraçado me fugiu do colégio! Se eu o pego!

Dona Gracildes precisou ser socorrida a copos de água com açúcar.

\*\*\*\*\*

- Parou, Batico, parou! Corre, porquera!
- Mas, Camilo, em Fenemê é perigoso.
- Vamos embora que andar eu não ando mais, e já é bem de tarde.

Os dois treparam no monstro de caminhão, torto de carga. O motorista resmungou um boa tarde e perguntou para onde eles estavam indo.

- Pra qualquer ponto perto de Cuiabá.
- Eu vou pra Várzea Grande.
- Serve, a gente vai até onde der.

\*\*\*\*\*

– E agora? O Giuseppe se trancou na sala, não fala com ninguém, mandou não acender nenhuma luz da casa...

– Calma, Dona Gracildes. Vai ver, não é nada, o moleque só fugiu para São Paulo. Um dia, quando a gente menos esperar, ele manda lembranças. É só mais uma daquela capeta. Ou, então, sumiu de noite e caiu lá no Portão do Inferno, e demora pra subir. Sabe, talvez tenha partido um braço, uma perna...

- Delzira, para com isso!

\*\*\*\*\*

– Ainda é um estirão até lá em casa, Camilo. Vai preparando que teu pai vai ficar fulo da vida.

- É, só pode ser...

Anoitecia, os dois garotos estavam suados e cansados, quase se arrastavam pela rua de terra ao lado do córrego da Prainha, em direção à subida da Rua 13 de Junho.

Na ladeira, pareciam que iam cair no chão e escorrer dormindo até a Praça Ipiranga.

\*\*\*\*\*

- Dona Gracildes, o capeta apareceu!
- Ai, meu Deus, Delzira, que bom! – O terço que a mãe debulhava, foi jogado para cima.
- Garoto, você vai ver só, eu vou te botar de castigo durante um tempão, e isso depois de você enfrentar o seu pai! Vai lá que ele está trancado na sala.

O cansado Camilo rumou para a porta fechada. Melhor enfrentar o pai logo de uma vez. Seja o que Deus quiser.

A porta se fechou atrás dele, um apagado “pai...” saiu da boca do garoto.

E em seguida ouviu-se a voz tonitruante de Seu Giuseppe:

– Gracildes, meu filho voltou! Pode botar o rádio pra tocar! Pega a vitrola dele e os discos! Acende as luzes desta casa, porque meu *bambino* voltou! E nunca mais voltará pra aquele Burity! Amanhã, a gente vai sair pra caçar perdiz juntos!...

### QUESTIONÁRIO DA PESQUISA 1 SOBRE HÁBITOS DE LEITURA

#### Questionário

- 1) Você gosta de ler?  
 Sim  
 Não  
|
- 2) Se sim, lê o quê?  
 Revista  
 Histórias em quadrinhos  
 Bíblia  
 Livros literários
- 3) Você lê mais na escola ou em casa? \_\_\_\_\_
- 4) Como consegue os suportes de leitura?  
 Com a família  
 Com amigos  
 Na escola
- 5) Você conhece ou já ouviu falar de algum escritor ou livro da literatura mato-grossense?  
 Sim  
 Não  
 Se sim, qual? \_\_\_\_\_

LIVRO PRODUZIDO PELOS ALUNOS “HISTÓRIAS QUE NÃO VOLTAM,  
LEMBRANÇAS QUE AFAGAM: VISÃO PRIVILEGIADA DA VIDA”.

**Escola Estadual Luiz Carlos Ceconello  
LUCAS DO RIO VERDE-MT  
PROFESSORA ANGELA**

**Histórias que não voltam, lembranças  
que afagam: visão privilegiada da vida.**

Editora  
Ações Literárias  
Sinop-MT  
2020

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução no todo ou em parte, sem autorização prévia do autor, sejam quais forem os meios empregados. A violação dos direitos do autor é crime estabelecido no Código Penal.

Textos e ilustração: Alunos

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**  
Carla Lopes Ferreira (Bibliotecária CRB1-2960)

O48h

Oliveira, Angela Maria de Jesus Sena (Org.)

Histórias que não voltam, lembranças que afagam: visão privilegiada da vida. /Angela Maria de Jesus Sena Oliveira (org.). Ilustrações dos alunos da Escola Estadual Luiz Carlos Ceconello. – 1. ed. – Sinop, MT: Ações Literárias, 2020.

32 p.; il, Col. ; 14x21cm.

Inclui biografia do autor.

ISBN 978659901477-2

1. Literatura brasileira : infantil. 2. Histórias contadas por crianças. 3. Memórias da infância. 4. Contação de histórias. I. Escola Estadual Luiz Carlos Ceconello. II. Lucas do Rio Verde (Mato Grosso). III. Título.

CDU 82-9

CDD 869.93

#### **Índices para catálogo sistemático**

1. Literatura brasileira 82-9
2. Literatura brasileira B869.93
3. Contação de histórias : crianças 372.6

**EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS**  
CAIXA POSTAL 785 – SINOP- 78.551-350  
FONE (66) 9 9643-5501  
LOJA VIRTUAL: SABERES ONLINE  
[www.saberesonline.com.br](http://www.saberesonline.com.br)  
[www.escritorescontemporaneos.com.br](http://www.escritorescontemporaneos.com.br)

## **Apresentação**

Diversas são as maneiras pelas quais o ser humano pode se emocionar: uma música que eleva a alma, o pôr do sol que acalma, uma cena de filme ou novela que faz chorar ou mesmo a leitura de uma história que encanta e faz a imaginação flutuar. Das muitas facetas da emoção, com certeza a lembrança tem um lugar privilegiado. Da canção favorita à comida que exala seu aroma longe, tudo pode permanecer cravejada na memória das pessoas.

A coletânea de histórias que deu origem a este livro remete às memórias de infância dos alunos e seus pais e mães. Muitas foram as travessuras, aventuras e brincadeiras relatadas pelos autores, que por meio da simplicidade, conseguiram transpor para seus textos sentimentos, emoções e uma visão de mundo peculiar correspondente à melhor fase da vida que é a infância.

Este livro é o produto final do projeto do mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS) que visa proporcionar o letramento literário e a valorização da literatura produzida em Mato Grosso, por meio da leitura dos contos da obra *A Geringonça* (2002) do escritor mato-grossense Gabriel de Mattos. Os contos do autor nos revelam memórias de infância dos seus personagens, além

de evidenciar as tradições e lugares do nosso estado. Os alunos se inspiraram nos contos do autor para produzir seus próprios textos, cheios de lembranças e imaginação.

Muitos foram os desafios durante o projeto. O começo parecia promissor, com a turma entusiasmada e interessada em conhecer e sentir a literatura em sua vida. Porém, a pandemia do coronavírus separou professora de alunos e novas estratégias tivemos que inventar. Aulas remotas substituíram as presenças e poucos alunos continuaram na caminhada. Agradeço imensamente àqueles que contribuíram e puderam perceber que a arte literária imita a vida!

**Autor: Daniel**

### **A desobediência de Carlinhos**

Um dia, meu tio Carlinhos desobedeceu sua mãe, dona Maria, pois ele queria muito ir passear sozinho e assim foi, mesmo sem sua mãe deixar. Ao chegar na estrada, ele viu um grande cabrito com olhos de fogo e diante dessa criatura Carlinhos ficou atordoado e saiu correndo, correndo. O medo tomou conta dele, chegou em casa chorando e disse para dona Maria, sua mãe:

– Perdão, mãe, nunca mais vou te desobedecer. Estou muito arrependido!

Carlinhos estava muito assustado com o que aconteceu, dona Maria com amor e paciência o abraçou e o perdoou pela sua desobediência.



**Autora: Bruna**

### **Noeli e suas amigas**



Algumas lembranças da infância de Noeli. Um dia Noeli chamou suas amigas para brincar embaixo de uma árvore, então tiveram a ideia de fazer uma casinha, a comidinha era feita de folhas e era a maior alegria.

Uma certa vez, essas meninas estavam caminhando e passaram em frente a um milharal quando de repente Noeli teve uma brilhante ideia:

– Vou pegar o milho, tirar seus cabelos e fazer um lindo cabelo para minhas bonecas.

As aventuras de Noeli e suas amigas não acabavam. Um dia, o pai de uma delas resolveu fazer um balanço para

as meninas se balançarem, mas o balanço não era feito de madeira, era feito de cipó e mesmo assim foi a maior alegria para aquelas garotas. Então, elas resolveram reunir um grupo de meninos e meninas para subir no pé de árvore e enquanto um subia o outro cortava o cipó embaixo e assim caíam bem longe...

Outra lembrança boa, era quando Noeli e suas amigas iam para a escola no frio, passando pelo meio da mata, com suas mochilas feitas de sacolas de arroz, feijão e açúcar e não tinham lápis grandes, só pequenos que ganhavam dos colegas. Tempos bons, e eram muito felizes!

**Autor: João Vitor**

**As lembranças do meu pai e minha mãe.**

Vou contar um pouco da história dos meus pais. Tudo começou quando meu pai e minha mãe se conheceram, e em quase todas as baladas que um estava o outro estava também. Mas só depois de quatro anos é que eles começaram um relacionamento. Após um ano e meio de casados eles tiveram um filho: eu.

Passaram dois anos e viajamos para São Paulo e nos divertimos muito. Após mais dois anos, fomos para o Pará e lá ficamos por quatro anos. Também moramos em Goiânia por três anos. Por último, fomos ao Rio de Janeiro fazer compras para a nossa casa. Essas são algumas lembranças da vida da nossa família.



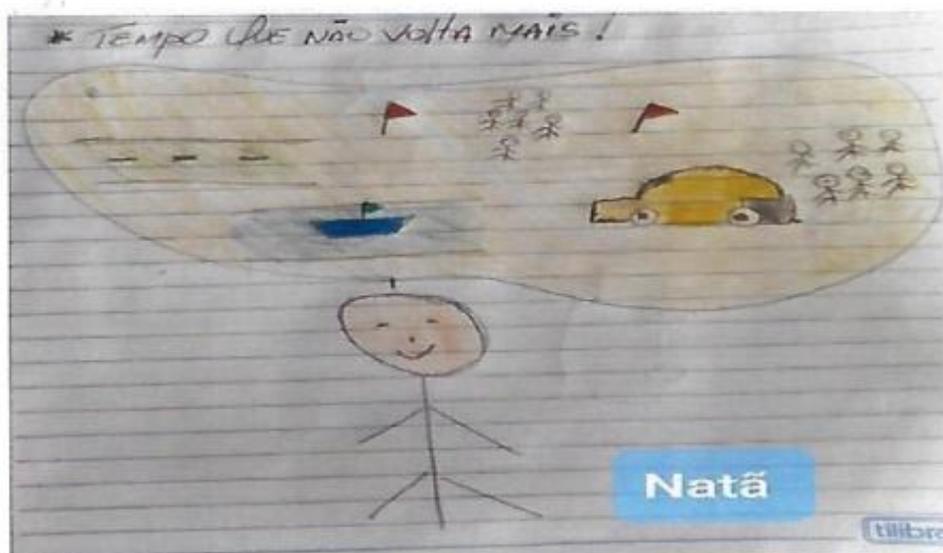
**Autor: Natã**

### **Travessuras de uma criança feliz - Meu pai**

São muitas as histórias do meu pai. Um dia ele estava brincando de bandeirinha com seus amigos, quando de repente atravessou a rua sem olhar para os lados e um fusca o atropelou, quebrando sua perna e rasgando a testa. Na época meu pai tinha dez anos.

As travessuras nunca acabavam. Um dia meu pai pegou uma carona com seu irmão, para levar uma mercadoria para o seu chefe, mas ao entrar em uma rua foram parados pelo carro da polícia e levados para a delegacia, pois nenhum dos dois tinha habilitação. Para terminar a história, ficaram algumas horas presos, até um responsável chegar e resolver a situação.

Outra lembrança marcante foi o dia em que ele estava brincando de barquinho de papel na beira do rio com



seus primos, quando de repente o barco prendeu num galho. Meu pai foi tentar soltá-lo e apoiou-se num tronco, que por sua vez quebrou e ele acabou caindo dentro do rio. Foi uma infância feliz!

**Autora: Safira**

### **A infância**

Sinto saudades da minha velha infância. Das manhãs de sábado que eu pulava a cerca daquele final de rua que passava perto de um riacho. Era muito bom, várias crianças iam para lá, nós banhávamos, brincávamos de muitas brincadeiras como: esconde-esconde, pega-pega, etc. Também lembro da comida que era uma delícia, tinha feijoada, frango, bolo de fubá, café, entre outras delícias.

Naquela época a gente não tinha condições de comprar brinquedos, então improvisávamos, era boneca de milho, pião, ioiô, carrinho de rolimã, peteca, eram vários. Era muito bom!

Aquela época todos se divertiam, muito mesmo, apesar das condições financeiras não muito boas. Éramos felizes...



**Autora: Thaina**

### **Minhas Lembranças**

As lembranças dos meus pais é um exemplo de superação. Meu pai falou que a infância dele foi difícil. Ele trabalhava muito e não tinha tempo para estudar. Com doze anos ele já trabalhava.

As lembranças da mãe também revelam uma infância de trabalho e responsabilidade. Ela cuidava da casa, fazia comida, cuidava dos irmãos mais pequenos. Meus pais trabalhavam muito mesmo...

Mas os dois estudaram e hoje meu pai é agrônomo, já fez vários cursos, ele é bem inteligente. Meus pais sempre dizem para eu estudar e assim ter um futuro bom, para nunca desistir dos meus sonhos. O mundo de hoje é muito diferente do mundo antigo.



**Autora: Ana Laura**

### **O sonho da minha mãe**

Quando criança, o maior sonho da minha mãe era ganhar uma sombrinha, mas naquela época as coisas eram muito difíceis de serem conquistadas, então esse sonho foi adiado por um tempo.

Ela ainda me disse que para ir à escola era necessário passar por dentro de um aeroporto e neste aeroporto não havia árvores, por isso fazia muito calor, o sol era perverso. Daí surgiu o desejo de ter uma sombrinha para se proteger.

Muito tempo depois, a tão esperada sombrinha foi comprada e entregue a ela. E a partir daquele dia, ela ia feliz da vida para a escola com sua sombrinha nova, e agora ela não precisava mais se queimar com o sol todos os dias.



~ 15 ~

**Autora: Mariana**

### **A vingança da minha mãe**

A história se passa em 1993, na cidade de Barra do Garças-MT. Minha mãe brigou com seu primo e quis se vingar. Então armou uma armadilha, que para ela seria perfeita. Ela teve uma ideia: pegar umas tachinhas e colocar em frente ao portão de sua casa para que seu primo furasse o pé. Com tudo pronto, ela gritou de longe para que seu primo viesse logo:

– Kleito, seu pai trouxe um presente para você!

Mas os bocós de seus outros primos também queriam saber qual era o presente, daí ela correu, passou na frente deles e disse:

– Não! É só o Kleito! Só ele!

Mas os primos não deram ouvidos e continuaram a correr. Ela pensou:

– Ferrou! Todo mundo vai furar o pé!

Enquanto isso, dona Neuza, minha avó, que é meio briguenta e mandona gritou do portão:

– Menina! Sai dessa poeira, você já tomou banho!  
Volta para casa!

Diante da cena, minha mãe pensou:

– Ferrou de novo!

E adivinha quem furou o pé primeiro? Naquela altura, dona Neuza, minha avó, já estava pulando, gritando de dor e brigando com todos ao seu redor.

– Quem foi o capeta que colocou essas tachinhas aqui?!?! Minha mãe ficou bem quietinha...mas minha avó sabia que ela tinha feito aquela travessura.

De repente, dona Neuza pegou um cipó e começou querer sapecar as costas da minha mãe, ao ver a cena, seu primo Kleito começou a dar muita risada da situação. Mas o feitiço virou contra o feiticeiro e o Kleito também furou o pé com uma tachinha que estava em um lugar estratégico. Naquela hora, até minha avó começou a rir e desistiu de bater na minha mãe, que àquela altura se acabava de dar gargalhadas e pensava que sua vingança tinha dado certo!!!



**Autora: Bruna**

### **Minha história**



Tudo aconteceu num belo dia, quando minha família resolveu ir a fazenda onde meu pai trabalhava. Quando chegamos, meu irmão Jonas, minha prima Valentina, meu outro irmão Eduardo e eu resolvemos jogar bola no campinho da fazenda, na ocasião meu irmão Eduardo falou:

– A Bruna vai ser a goleira e a Valentina também.

Então nós dissemos:

– Tá bom!

Ficamos um tempão jogando bola. Quando cansamos de brincar resolvemos subir numa árvore para pegar seriguela. Foi muito engraçado quando Jonas subiu na árvore, escorregou e ficou pendurado e ao invés de

ajudarmos, nós ficamos rindo dele. Meu irmão falou meio irritado:

– Vocês não vão me ajudar não...vão só ficar rindo da minha cara? E falamos:

– Espera aí, vamos pegar uma escada.

Então, ele conseguiu pegar as seriguelas e também descer de lá.

Logo depois, a minha madrasta chamou para almoçarmos. Ficou tão gostosa a comida que comemos muito. Quando deu mais ou menos umas três e meia da tarde meu pai falou:

–Vamos no rio tomar banho? E falamos entusiasmados:

– Vamos!!!

Quando chegamos lá pulamos no rio, nadamos, brincamos e foi a maior alegria. Ficamos na fazenda até o outro dia e quando terminamos de almoçar, voltamos para a cidade. Eu amei esse dia!

**Autor: Daniel**

**Título: A desobediência de Nicolas e Daniel**



Um certo dia, meu primo Nicolas e eu saímos para brincar com nossas primas Ketlin e Bia. Então nós começamos a brincar e subimos uma ladeira. A Ketlin pediu um favor para nós e falou:

– Empurra minha bicicleta.

Mas a brincadeira não deu muito certo e ela sofreu um acidente grave, foi para o hospital e não ficou nada bem. Ela se cortou muito no acidente.

Depois de alguns dias ela se recuperou, ficou boa, mas meu primo Nicolas e eu ficamos de castigo!

**Autora: Mariana**

**Minhas doces memórias de bolhas de sabão**

Minha doce lembrança se passa num belo dia, quando morávamos em Colíder-MT, eu tinha uns três anos de idade. Naquele dia, a cidade estava quente, calma e silenciosa, com um vento fraco, mas satisfatório. Se você fosse para o centro da cidade, não ouviria sons de carros, seus cabelos voariam junto com o vento. Até minha mãe e eu chegarmos em casa com um aparelho de som, rodos, mangueiras e sabão em pó. Era o dia de lavar as áreas de casa.

Meu pai estava dormindo, não sei como ele não acordou com a música alta e com minha mãe e eu cantando! Quando estávamos espalhando o sabão em pó, a combinação do sabão com a água criou bolhas de sabão, que rapidamente estavam em todo lugar, criando um belo



colorido. Mas, como tudo na vida não são flores no campo, acabei caindo e bati meu bumbum no chão. Minha mãe terminou de rapar a água e as bolhas de sabão deixaram de existir naquele lugar.

**Autora: Thainá**

### **A melhor viagem**

Uma das melhores lembranças da minha foi o dia em que minha família foi para a casa da minha vó. Já tinha muito tempo que não íamos lá, então perguntei para a minha mãe:

– Mãe, estou com muita saudade dos meus avós, quero muito vê-los.

– Claro filha, vamos sim.

Daí nós viajamos, foram três dias de viagem e quando chegamos lá foi muito legal...muito legal mesmo. Brincamos, divertimos e brinquei com minha prima.

FOI UM  
DOS MELHORES DIAS  
DA MINHA VIDA!



**Autora: Safira**

### **Um dia para as mães**

Numa linda manhã de 12 de maio de 2019, era o dia das mães, um dia especial para elas, não só naquela data, mas como todos os dias. Naquele dia, uma parte da família decidiu se reunir, fazer uma pequena comemoração. Tinha carne assada, linguiça, peixe, farofa de calabresa, farofa de banana, incluindo algumas comidas típicas da região centro-oeste. Tinha várias pessoas, minha avó materna, meus dois tios, duas tias, meus dois primos e prima e ainda meu pai, minha mãe e meus dois irmãos. Depois de muito tempo todos terminaram a refeição, que por sinal estava uma delícia!!!

Depois do almoço, os adultos foram jogar alguns jogos como dominó, baralho e dama e as crianças resolveram ficar na piscina. Foi assim todo fim da tarde, foi um dia ótimo.



~ 24 ~

**Autora: Ana Laura**

### **Um casamento quase perfeito**

Pouco tempo depois de completar dez anos de idade, aconteceu algo em minha vida que sinceramente achei que fosse o fim, meu pai e minha mãe tinham se separado. Se foi difícil para eu aceitar e entender, para minha mãe foi praticamente impossível. Porém isso só foi por um tempo, pois precisávamos seguir a vida mesmo sem meu pai morando conosco.

Eu estava completamente enganada quando pensei que a separação deles fosse o fim de tudo, mas para mim naquele momento, parecia muito. Minha mãe ficou bastante arrasada, porque querendo ou não, nossa família diminuiria.

Minha mãe me contou que ela estava segurando o casamento já fazia muito tempo porque ela não queria que seus filhos crescessem sem a presença do pai. Mas depois

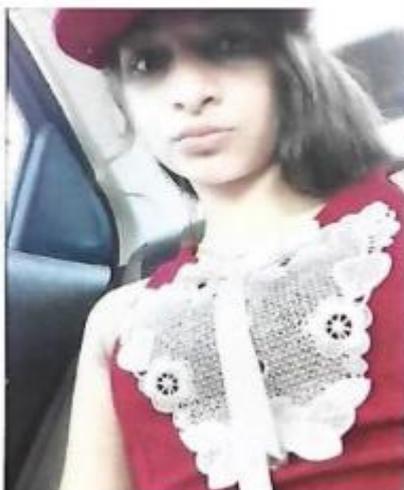


~ 25 ~

de algum tempo ela entendeu que isso jamais iria acontecer, pois meu pai tinha se separado dela e não dos filhos.

Hoje em dia vivemos bem, cada um no seu canto e todo ano meu irmão e eu viajamos para visitar meu pai.

## Biografias



Meu nome é Safira de Almeida Amorim, nasci em Bom Jardim-MA e tenho 12 anos. O que eu mais gosto de fazer é jogar free-fire, é bem legal. A maioria das vezes também ajudo a minha mãe nas atividades domésticas.



Meu nome é Bruna de Brito, tenho 12 anos, sou alegre, gosto de ajudar minha vó nos afazeres de casa, gosto de fazer as tarefas que as professoras mandam para a turma. O que mais gosto de comer é pizza e o que mais gosto de tomar é Sprite. Amo sair com minhas amigas, tomar teres e comer

pipoca. Gosto muito de ir à igreja, de dançar, amo maquiagem, pintar as unhas e minha cor preferida é o preto. Também gosto de estar reunida com minha família.



Sou Mariana de Oliveira, nasci em Colíder-MT, gosto de estudar, de dançar, de cantar, de poesia e de assistir séries. Sou alegre, mas às vezes sou brava também. Admiro e respeito todas as culturas e sou fascinada pela cultura asiática. Tenho muitos amigos e pai e mãe incríveis. Quando crescer, quero me tornar advogada.



Meu nome é Daniel Levi Nobre do Nascimento, nasci em 2007 e vim para Mato Grosso em 2017 e agora moro em Lucas do Rio Verde-MT. Estudo na Escola Estadual Luiz Carlos Ceconello.



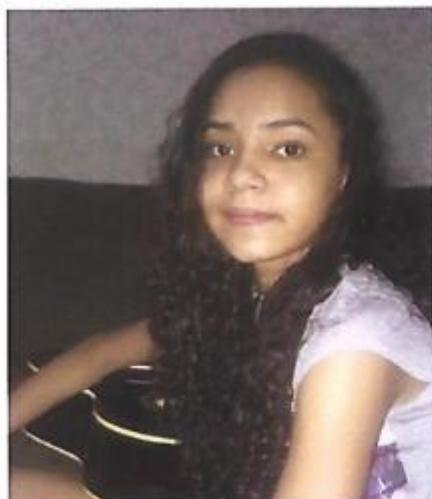
Quem eu sou? Meu nome é Natan Lopes Corrêa, tenho 12 anos de idade, nasci no Rio de Janeiro-RJ. Gosto de ajudar meu pai e minha mãe e quando eu crescer quero ser biólogo.



Meu nome? Evellyn Thainá Sousa Gonçalves, tenho 12 anos. Gosto de estudar e jogar free-fire. Gosto de todos os tipos de comida. Não gosto de ficar sem fazer nada, sempre estou fazendo alguma coisa. Gosto dos meus cabelos, eles são longos e pretos.



Meu nome é João Vitor, tenho 12 anos e o que mais gosto de fazer é tomar banho no rio. Minha comida preferida é pizza, minha música preferida é a sertaneja. Gosto muito da minha família.



Me chamo Ana Laura de Souza Silva, tenho 12 anos, nasci em Campo Novo do Parecis-MT. Gosto muito de desenhar e também gosto de correr. Minhas matérias preferidas na escola são ciências e artes. Tenho o sonho de me formar em arquitetura e exercer a profissão.

## ANGELA MARIA DE JESUS SENA OLIVEIRA



FORMADA EM LETRAS-PORTUGUÊS E LITERATURA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, POSSUI ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA. ATUALMENTE É MESTRANDA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFLETRAS - MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS. PROFESSORA DA REDE ESTADUAL DE MATO GROSSO DESDE 2007.



**EDITORA**

[www.saberesonline.com.br](http://www.saberesonline.com.br)

(66) 9.9643-5501

~ 32 ~